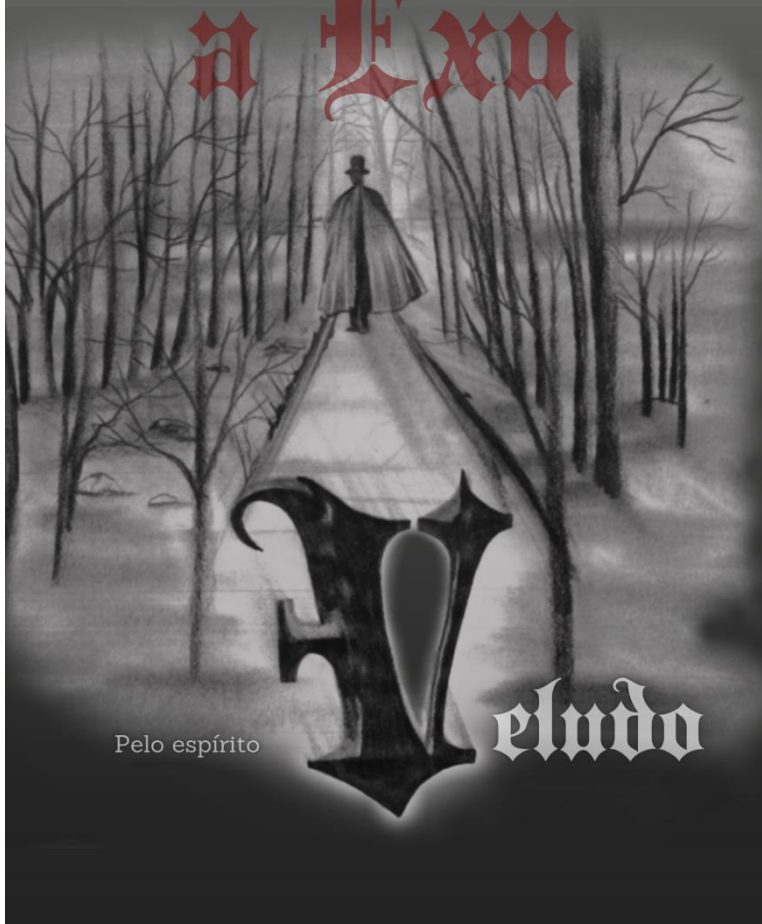


MARIA DONIZETE PEREIRA

# De Sultão

# a Exu



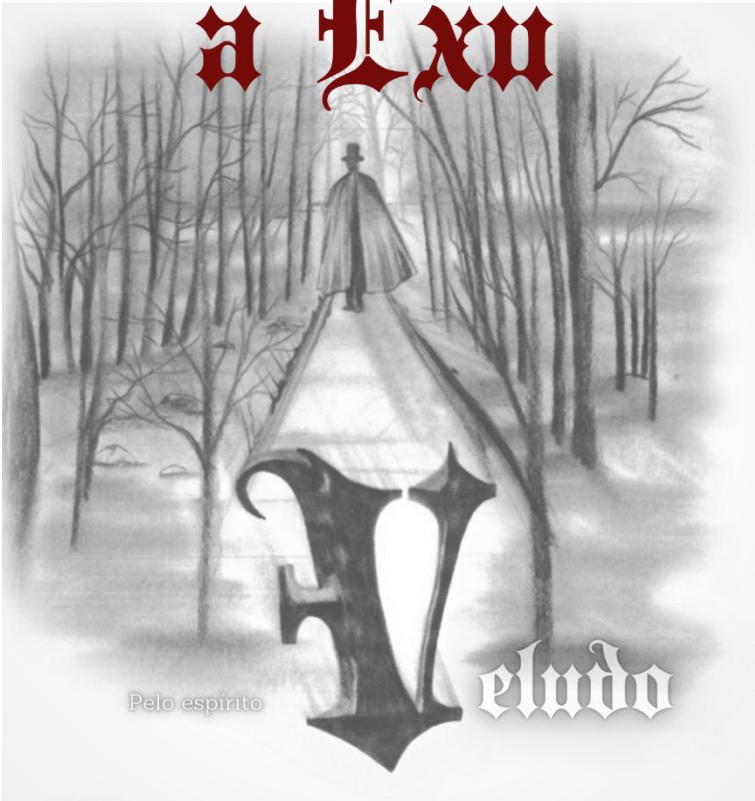
Pelo espírito

eludo

MARIA DONIZETE PEREIRA

# De Sultão

# a Exu



Pelo espírito

eludo

**Direitos autorais © 2022 Maria Donizete Pereira**

**Todos os direitos reservados**

As entidades e eventos retratados neste livro foram passadas a médium pelo espírito Veludo.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

**ISBN**

Desenho da Capa por: Luís Augusto Guerreiro

Design da capa por: Sammy Riether (@rietherdesign)

Diagramação por: Sammy Riether

Revisado por: Laura Assis

**2ª Edição.**

# SINOPSE

O livro De Sultão a Exu é uma narrativa do Sr. Veludo em sua estadia no submundo, onde espíritos se unem para praticar as piores maldades e atrocidades contra a humanidade. Ele nos ensina que nada é feito sem nossa permissão, pois tudo tem sintonia.

Por isso a importância de se ter a consciência de sempre fazer o melhor e buscar a elevação espiritual ainda encarnado.

Laroye Sr. Veludo  
Angela Maria da Silva

**Meus agradecimentos ao Arquiteto do  
Universo, ao Exu Veludo e aos colaboradores  
encarnados e desencarnados.**

# Palavras do Exu Maioral

Meus caros amigos, o Sultão vivenciou no Astral as diversas formas de ação das Forças do Mal, no entanto, demonstrou bem com suas palavras que, se por um lado as forças contrárias ao bem se atualizam e aprimoram, as Forças do Bem não ficam atrás! A busca pela devida compreensão é imprescindível para o enfrentamento dos diversos desafios e é esse aprendizado constante que serve de proteção e permite a preparação de sua própria defesa e a do Planeta Terra em que vivem. Os ataques são a cada milésimo de segundo, em pontos diversos e em todas as áreas. É fato que a escuridão tem uma arma potente a seu favor, que é o domínio das mentes. Se o Homem (e aqui quando menciono abranjo homens e mulheres como seres privilegiados porque raciocinam) utilizar menos as emoções para dar vazão ao treinamento de sua mente, os ataques das Forças do Mal serão frustrados e a orientação das Forças do Bem chegariam mais plenamente às mentes humanas. Não é o momento de encararmos os fatos como sendo, simplesmente, uma luta do bem e o do mal (tão ensinado nas religiões), pois a situação é mais abrangente do que se possa pensar! É

necessário termos a capacidade de discernir esses ataques de Forças do Mal, que vêm de mansinho e, muitas vezes, de forma inofensiva, através de tecnologias avançadas implantadas, das religiões e da política, mas sempre com a finalidade de envolver o ser humano de tal forma que as ideias de mudanças para um mundo melhor se tornem algo mais importante do que sugere sua própria intuição. A priori, atinge suas emoções e, posteriormente, leva ao fanatismo.

Não há mudança no mundo enquanto o Homem da Superfície permanecer guiado pelo seu ego. Ele pode até viver tranquilo numa luxuosa mansão (com todas as regalias), tendo à volta casebres miseráveis, e ignorar a situação. Jamais, porém, afirmar que aquela pobreza não existe. Então, quando se fala em religião, não é carregar o outro nas costas, nem julgar por não comungar com a sua fé. Isso se refere às outras áreas da vida quando se fala em fanatismo.

Geralmente, se pensa em religião, mas digo que o fanatismo está em várias áreas. Existem ataques disciplinados onde podemos observar que envolvem milhões de pessoas e existem ainda ataques desordenados e individuais que, no entanto, atingem famílias inteiras, trazendo sofrimento, tristeza e dor.

O objetivo é sempre o mesmo: protelar a evolução e destruir. Alguém que estiver lendo minhas palavras pode pensar que meu objetivo é acusar de nocivo todo o sistema evolutivo do planeta, principalmente no que tange à tecnologia. De forma nenhuma eu me reporto ao remédio que comumente o médico receita. Existe a dose certa para a aplicação desse remédio, de modo que seja eficiente e traga cura aos organismos debilitados. Se essa dose, porém, for excessiva, se transformará num veneno fatal que poderá levar a óbito quem a ingerir.

Da mesma forma, as tecnologias que se encontram à disposição do ser humano, se utilizadas em dosagem equilibrada, serão de extrema utilidade para o que for necessário.

Tome um tempo, pesquise e esmiúce a palavra DISCERNIMENTO. Pare um pouco e reflita sobre o que faz de sua vida;

A forma como utiliza seu tempo, gastando e despendendo energias necessárias;

Se tolera e respeita o outro, inclusive aqueles com os quais convive - com suas diferenças e escolhas;

Se, de fato, ama o trabalho que realiza, não apenas para recebimento de soldos, mas que te dê prazer e alegria e traga benefícios a outrem;



Se refletir esses poucos itens mencionados, embora eu saiba que a vida abrange muito mais do que mencionei, poderá observar que alguma coisa precisa ser melhorada. Mas tenho certeza de que, à medida que o discernimento fizer parte de sua mentalidade, você terá percepção e clareza para compreender e modificar o que for preciso. Portanto, vigie-se!

Fiquem em Paz!

**Maioral**

## Uma prosa com Pai Jacó

Meus filhos amados! É sempre bom trazer uma palavrinha para vocês. Embora tanto se fale em mudar o modo de pensar e de agir em relação à própria vida, eu digo: a água que pinga na rocha dura, um dia faz buraco. É que mudanças não são semelhantes à troca de roupa, meus filhos. É difícil mesmo! Os atrativos que o mundo oferece e as ilusões da vida são empecilhos para isso, então, primeiramente precisa querer, depois fazer o máximo que puder para manter.

Seja nas Casas de Caridade, ou como vocês queiram chamar dependendo do seguimento religioso de cada um (isso não importa se a finalidade do trabalho realizado ali for para a evolução espiritual do ser), digo que é preciso entender a importância do ato de pedir, se aquilo que se pede vai tornar o pedinte uma pessoa melhor ou favorecer a permanência dele numa zona de conforto.

Perceba que zona de conforto é a alegria da vida, sabe o porquê? Explico: não conheço um ser humano que ficou paralisado nela que não tenha se lascado todo.

A vida vai observando, vai avisando, e quando o sujeito menos espera, lá vem uma rasteira tão grande, mas tão grande que nem se vê mais sombra da zona - quanto mais o conforto - depois do tombo. Então, cabe aos trabalhadores, tanto visíveis como invisíveis, com muita paciência observar se há perpetuação de pedidos, porque isso se torna mendicância. E mais, nem sempre aquilo que se pede é o que precisa ou se deve ter.

O Pai Maior sabe do que seus filhos precisam e, se alguém almejar algo além disso, é ambição, 'entorta tudo'. Aí esse filho busca todas as saídas possíveis para atingir os objetivos. Tem uns que lutam por demais e não chegam a lugar algum. Já outros, que querem sempre mais mesmo tendo o suficiente, também não chegam a lugar algum.

No desenrolar da história do Sultão ele fez exatamente isso! Mesmo depois que morreu e foi parar nas profundezas escuras do Submundo, seu Espírito ainda mantinha a ambição.

Então, meus filhos, os Seres que praticam as maldades sabem que o ponto fraco dos humanos é a preocupação em ter dinheiro, a ponto de se tornarem gananciosos, gostar de acumular bens materiais e poder. Preparam armadilhas que contribuem para que fiquem perdidos nas vaidades que o mundo oferece, mas que na verdade são vaidades efêmeras. Claro que existem exceções, pois tem muitos que não se importam com essas coisas, trabalham para seu sustento e vivem suas vidas na modéstia e na simplicidade. Mas vou dizer: estes também não estão livres dos ataques!

Ninguém pede para que se afastem de tudo, apenas que sejam vigilantes. É como se necessitassem chegar a um determinado lugar cujo caminho tem desvios. Nesse caso, precisaria ter cautela e observar se esses

desvios não prejudicam e nem retardam sua chegada ao destino.

O caminho da vida é assim também, com desvios atraentes, mas que são verdadeiras armadilhas! E muitos caem nos precipícios ao final desses desvios, se perdendo e ficando impossibilitados de retornar à sua Centelha Divina.

**Pai Jacó do Oriente**

Mesmo sem a devida consciência, o homem é capaz de construir um mundo através de seu mental e acreditar que ele é verdadeiro e único, assim como de destruir seus semelhantes, caso sua verdade não seja aceita.

Mas não é necessário cair no Submundo para que os olhos e ouvidos perceptivos se atentem que aqui na Superfície da Terra é muito fácil manipular a massa, desde o pequeno ao grande, do mais abastado ao paupérrimo. Basta proporcionar a ela o que mais aprecia, satisfazer seus desejos, alegrias momentâneas através de diversões ofertadas em todos os meios disponíveis, das esbórnias, no véu que oculta o discernimento, infelizmente colocado pelos meios religiosos, que deveriam ser a ponte para levar o Homem da Superfície a redescobrir a Divindade perdida dentro de si mesmo. Proporcione, ainda, a falsa felicidade de homens e mulheres envolvidos em relacionamentos efêmeros, encharcados de toxinas, terminando em desilusões e até destruição, a busca frenética de posição no mundo dos negócios, na política, às vezes utilizando meios escusos, ausentes de escrúpulos para duas consecuições e tantas outras,

desnecessitando aqui relatar.

A emoção é um sentimento que gera estados de euforia, alegria, lágrimas, sofrimento, crença de miséria e sofrimento, fanatismo e outros, situações aparentemente inocentes aos olhos da maioria, mas que, na verdade, são verdadeiras ciladas cruéis que obrigam os incautos a sacrificarem seu tempo, sua liberdade, dinheiro, bens e até mesmo, a vida, para realizarem seus pseudo sonhos, que culminam sempre em decepções e a triste descoberta da vaidade embutida em formato de plena realização, ocasionando frustração.

Porém, aqueles que tomam tempo para viver no equilíbrio dos diversos campos da vida, em gratidão, estudando assuntos que levem a meditar e raciocinar à luz de sua própria consciência, compreendendo o motivo pelo qual foi permitido sua encarnação atual, o que a priori pode parecer cansativo, rotineiro mas, vivendo assim, certamente caminharão por sua trajetória com a devida clareza mental, deixando de lado as ilusões que é o seu próprio Eu Divino.

**Veludo**

# Introdução

Os ensinamentos abordados neste livro são muito atuais. No início, mostra a vida de um homem poderoso, com toda a liberdade de ter quantas mulheres e filhos quisesse; um homem que nunca permitiu se abrir para que o verdadeiro amor chegasse ao seu coração. Um homem com a visão totalmente voltada para as coisas externas, cego pelo poder que tinha e pela cultura em que vivia.

Quando, porém, se viu envolvido num sentimento que realmente tocou seu coração, sentiu dentro de si que nada daquilo que possuía tinha tanta importância, mas, com a perda do amor, embrenhou-se num mar de destruição e nem percebeu sua vida física se esvanecer.

Após sua morte, descobriu que nada acabou, que tudo é uma continuidade, e que os mesmos sentimentos e desejos não se destroem com a morte do corpo físico. Então,



as lutas pelo poder se iniciaram, não mais da forma como ele estava acostumado, mas com os mesmos desafios. E tentando se incluir num mundo fictício montado por mentes desnorteadas, experenciou as mais bizarras situações em meio ao ódio, raiva e sentimentos inferiores emanados pelos Seres voltados à maldade e destruição dos Homens da Superfície.

Por um bom tempo ficou perdido, mas veio a necessidade de se refazer, se reestruturar para descobrir o que realmente seu interior queria, embora não aceitasse algumas situações.

A maior luta foi contra o orgulho, o ego e a vaidade, porém, com a ajuda dos Seres das Esferas Superiores (e daqueles que o amavam) se despojou de tudo isso para mudar e buscar seu verdadeiro caminho. Conheceu o verdadeiro amor e a caridade demonstrada por espíritos amorosos e, ao mesmo tempo, tão discriminados por muitos aqui na Superfície.

E, finalmente, o ensinamento de que

ninguém tem a total verdade, mas que o Pai Supremo distribuiu essa verdade em porcentagem para que o Homem, no seu ego inflado, não ache que tudo pode e tudo sabe e que busque a Divindade que ele é, mas que está adormecida dentro de si mesmo.

**Maria Donizete Pereira**

# Sumário

SINOPSE.....	4
Palavras do Exu Maioral .....	6
Uma prosa com Pai Jacó .....	10
Introdução .....	16
O Sultão.....	20
Acordando do Sono.....	60
A história de Joel .....	83
Helena .....	96
Ksathra .....	115
Meus pontos fracos, minha derrota.....	141
Experiências no laboratório.....	150
Falha das defesas .....	167
Morte às bruxas .....	175
A volta do General.....	207
Revedo minha mãe.....	214
O resgate.....	236
Trabalho na Superfície.....	272
Os Caveiras.....	284
Reencontros .....	326
Dominantes e Dominados .....	335

# O Sultão

Minha última encarnação foi no tempo dos califas, dos sultões. Meu nome não importa, a época muito menos, mas serei chamado de Sultão. O objetivo de minha história não é exaltar o que fui ou o que tive, mas sim as minhas experiências encarnado e desencarnado.

Eu tinha grande poder em meu sultanato, bem-conceituado, respeitado, sempre requisitado para participar de assuntos importantes do império. Com porte elegante, um rosto firme e sério, me vestia esmeradamente, tinha um corpo esguio, cabeça sempre erguida, um olhar penetrante e extremamente orgulhoso.

Meu palácio era um dos mais lindos e elegantes, pois fora projetado e construído com esmero, com lindos jardins, aposentos estonteantes revestidos de finos tecidos. Eu era casado oficialmente três vezes e muitos filhos

e filhas nasceram dessas uniões. Minhas mulheres viviam no harém (local revestido de pedras brancas), todas enfeitadas com colares e pulseiras de pedras preciosas. Embora as cabeças estivessem recobertas por véus, elas adornavam seus cabelos com tiaras de ouro e, sob o olhar atento do eunuco, viviam entre risos, brincadeiras e fofocas, aguardando serem chamadas para passar a noite com o Sultão.

Dali vinha um barulho ensurdecedor que eu detestava, embora soubesse que, em meus raros passeios por lá, a algazarra parava dando lugar a mulheres comportadas, cheirosas e arrumadas. De cabeça baixa, torciam para que eu dirigisse apenas um olhar ou apontasse meu dedo para uma delas para passar a noite comigo. Me sentia o mais formoso dos homens com essa disputa e gostava daquilo tudo.

Ainda possuía escravas, que me deram muitos filhos que já haviam constituído

família, mas que eu nem me interessava, mesmo sabendo que eram do meu sangue. Venho de uma cultura em que somente os filhos nascidos dentro dos casamentos oficiais eram reconhecidos. Os demais eram apenas escravos e hoje, olhando por outro prisma, sei que perdi a oportunidade de conhecer a fundo essas pessoas que foram parte de mim. A cultura cega o nosso lado humano, nos tornando alheios ao sentimento sublime chamado amor. Torna sem importância essas pessoas nascidas de relações extraoficiais, pois embora saibamos que existem, desprezamos essa existência, o que se torna conveniente para ‘dormirmos tranquilamente’, sem peso na consciência.

Meu primogênito Hashir levantou sua espada com seu braço direito e bradou seu grito de vitória em mais uma batalha travada contra os invasores nas fronteiras de nosso território. Olhei com orgulho para ele! Eu o amava muito e o designei general de meu

exército. Agora restava voltar para nossas famílias, que ficavam protegidas pela guarda ostensiva nos muros do meu palácio.

Já fazia três meses que estávamos fora e fomos recebidos com grande festa. Minha mãe me abraçou e disse baixinho em meu ouvido que tinha uma surpresa para mim e que à noite me levaria, pois precisava preparar esse presente de boas-vindas. Claro que eu sabia que se tratava de uma bela mulher, coisa que muito me apetecia. Dado a vinhos e mulheres, nunca imaginei que teria algo melhor em algum lugar que me pudesse aprouver.

Embora estivesse desejoso de ver o presente, estava muito cansado e, após um bom banho, deitei e adormeci. Despertei com leves batidas na porta e, ao abrir, deparei-me com Ksathra, o eunuco, que me entregou a mulher e se retirou. Afoito e curioso, fui logo retirando o véu que cobria o rosto da mesma e me surpreendi com sua beleza singela e seus grandes olhos azuis. Embora inchados de tanto

chorar, eram lindos. Os lábios rosados e os longos cabelos com cachos dourados, enfeitados com arranjos. Pedi que caminhasse pelo aposento, o que ela fez timidamente. Enquanto caminhava, observei seus passos lentos de delicada menina, o que fez meu coração disparar de uma forma como jamais aconteceu em minha vida. Confesso que não estava me reconhecendo!

Mulher para mim era apenas objeto de uso. Refastelava-me com elas, não via nelas nada que me causasse admiração a não ser o rebolado das dançarinas que me deixavam atordoado. Eu tinha consciência do homem que era, da cobiça dos homens de terem suas filhas desposadas por mim e da quantidade de mulheres que eu possuía. Qual esposa não gostaria de ser mãe de um varão meu? Naqueles passos da bela moça, quantos pensamentos se passaram por minha cabeça! O aposento na penumbra, iluminado apenas pela lanterna ao fundo, a jovem franzina mais



parecia uma sombra.

— Então, mulher, qual é o seu nome?

— Eu me chamo Ayesha, meu senhor, balbuciou. E o nome condizia com sua pessoa, de tão pequena e delicada.

— Você vem de que território?

Ela respondeu minhas perguntas, mas soluçando tão convulsivamente que eu mal compreendia tudo que queria dizer.

— Moro neste território mesmo. Fui a um casamento com meu pai e minha mãe e, na volta, fomos assaltados por alguns homens. Mataram eles, coitadinhos, e depois me agarraram, cobriram minha cabeça e me levaram. Me trouxeram para seu palácio e me venderam para sua mãe. Pedi para ela ter misericórdia, porque ainda tenho irmãos e quero ir embora. Meus irmãos pensam que estou morta também. Senhor, sua mãe me disse que quando chegasse decidiria se me devolveria ou não. Por favor, me deixe ir embora.

Eu nunca perdia meu tempo em escutar conversas de mulher, nunca dava

oportunidades para diálogos, e nos raros momentos que precisassem falar com o Sultão, eram obrigadas a terem postura de reverência, sem levantar os olhos e com voz mansa. Mas aquela menina me encarava, falava e chorava, e fiquei ali parado, porém, reagi como autoridade.

— Primeiro, você falou muito rápido e entendi parte do que quis me dizer. Segundo, minha mãe lhe comprou e me deu de presente, portanto, você me pertence.

Um silêncio envolveu o aposento e fiquei encabulado, sem achar mais palavras para dizer, pois o olhar daquela menina implorava a liberdade e não aceitava ao que fora destinada, ser escrava e ainda passar a noite com o Sultão. Mas observei que esse mesmo olhar estava distante e amedrontado, bem diferente de outras que chegaram ali, que só de pensar em se deitar no meu leito se sentiam em êxtase. Nunca fui homem de paciência, sempre quis desfechos rápidos, mas

estava admirado com minha atitude diante dela. Pedi que se sentasse e falasse calmamente, ao que ela obedeceu. Na verdade, queria saber mais sobre ela, que deveria ter no máximo de 13 a 14 anos, não mais que isso.

— Ayesha, quantos anos você tem?

— Farei 14 logo, meu senhor, respondeu a menina.

Sentei-me ao seu lado, tentando passar uma tranquilidade que eu mesmo não possuía. Eu admirava sua pele tão branca e suave que parecia neve; seus olhos azuis como estrelas reluzentes; seus cabelos com longos cachos dourados... Não sei o motivo, mas precisava obter todas as informações para meu contento, então, coloquei minha mão sobre a sua (pequenina e de dedos longos) e ela quebrou o silêncio.

— O senhor vai me levar para meus irmãos?

— Claro que não, você me pertence.

Respondi tão rispidamente que ela

retirou sua mão das minhas. Então, me levantei irado com aquela ousadia da parte dela e logo me voltei para mostrar quem era a autoridade ali. Me confrontei, no entanto, com seus olhos azuis profundamente assustados, aguardando uma reação mais drástica de minha parte. Seu olhar, porém, foi mais forte do que eu, então, enfraqueci e disse em tom suave.

— Olha, eu gostei muito de ter recebido você de presente e não quero te devolver.

— Mas, senhor, meus irmãos estão me procurando, tenho certeza de que eles imaginam que não estou morta.

— Ouça, confie em mim, em breve seus irmãos saberão que você está viva. Não se preocupe com isso agora e não tenha medo, porque não vou te maltratar.

— Não tenho medo do senhor, mas se devo ser escrava e viver neste palácio, minha família precisa saber ao menos que estou viva, o senhor não concorda?

Me calei e no quarto se fez um silêncio

sepulcral. Já se fazia muito tarde, então, pedi que se deitasse e ela me obedeceu, sem contradizer. Deitei-me ao lado dela, que se encolheu toda, mas não ousei tocá-la. Logo, vencida pelo cansaço, adormeceu...

Em minha vida, nunca uma mulher ousaria dormir antes de minha satisfação total, mas fiquei extasiado olhando seu sono. Mexi nos seus cabelos dourados, cheirei os fios entre os dedos e fechei os olhos com o perfume que exalava. Eu não ousava tocar-lhe o rosto - de tão fina pele, delicada como uma flor - com minhas mãos ásperas, calejadas pela cimitarra de tantas guerras. Enfim, uma menina ainda que nem começara a viver e eu, diante dela, tão velho nos meus 57 anos vividos.

Naquela noite mal consegui dormir. Estava envolto numa estranha emoção. Quando consegui cochilar um pouco, o dia logo amanheceu e eu ainda me sentia cansado e assustado, como se tivesse sonhado. Mas não era sonho! Ela estava ali, adormecida ainda. Continuei olhando quando a menina abriu os

olhos e se levantou. Num tom delicado, que eu não conhecia, pedi calma, pois iria pedir alimento para nós.

Abri a porta e lá estava o fiel Ksathra à espera da devolução da mulher. Pedi os alimentos para nosso desjejum, ao que imediatamente fui atendido. Ficamos ali aquela manhã. Ela pouco falava. Comi como um leão esfomeado devorando a presa, enquanto ela mordiscava um pedaço de pão, mastigando devagar. Então, questionei sobre sua família e respondeu com mais tranquilidade.

— Meu pai era agricultor, não somos ricos, mas temos uma boa casa e vivemos bem. Podemos dizer que nossa família é a mais abastada do vilarejo. Ele era um homem bom que ajudava a todos, até acontecer tudo que eu já contei para o senhor. Agora estou aqui em seu aposento e sem saber o que vai acontecer comigo.

— Por acaso eu fiz alguma coisa para você?

— Não!

— É certo que não te levarei para sua família, porque é minha propriedade e agora está sob a minha proteção, mas prometo que jamais te farei mal. Acredita em mim?

— Sim! - disse a menina com a cabeça baixa e olhos direcionados ao chão, sinal de obediência.

Não havia medo nesse olhar, apenas tristeza. E eu estava cansado para raciocinar, porque dormira pouco naquela noite. Então, adormeci. Quando acordei, ela estava me observando com um brilho diferente nos olhos e um largo sorriso, em que pude ver seus dentes brancos como o marfim. Ela estava rindo de mim, pelo barulho que eu fazia dormindo, pois parecia seu pai. Mulher alguma jamais ousaria me dizer que eu roncava como um grande bicho, mas ela disse! Não me ofendi e ainda rimos juntos.

As horas do dia se passaram e mais alimentos nos foram trazidos, mas não devolvi

a mulher. Sabia que todo harém estava alvoroçado e minha mãe curiosa em saber por que a jovem escrava ainda continuava em meu aposento até aquela hora. Bateu levemente na porta, mas não abriu.

A noite baixou com seu véu tenebroso, uma noite de intenso inverno. A jovem estava agora calada, olhando a escuridão no terraço do aposento. Eu pedi que fechasse a porta e viesse dormir, pois poderia adoecer com a friagem. Ela retornou ao leito e se deitou ao meu lado. Nos meus pensamentos, um turbilhão de questionamentos sobre o que eu estava sentindo e sobre minhas atitudes, pois na minha posição era inconcebível a fraqueza.

Havia essa mistura de sentimentos dentro de mim e eu não definia o que era. Eu até gostava de algumas mulheres e as preferia dentre outras para passar a noite comigo, porém, sempre as devolvia ao harém no outro dia.

Na minha cultura havia quatro classes



de mulheres. Minha mãe estava incluída na primeira e toda nossa obediência e sublimação era voltada para ela, tanto da minha parte como de todos que habitavam no palácio.

Na segunda estavam nossas esposas, que geravam nossos filhos, aumentavam nossa prole e nos tornavam fortes e viris a cada filho que nascia.

Em terceiro lugar, as dançarinas com seus corpos exuberantes que, como nossas amantes, nos davam prazer.

A quarta classe era a das escravas, mulheres preteridas, utilizadas para cuidar da comida e da limpeza de tudo.

Ayesha era uma escrava, porém quebrou todo o paradigma do que eu aprendi em toda minha vida com meu avô e meu pai. Por ser o filho mais velho de três casamentos de meu pai, eu fui criado para ser líder de um grande território.

Casei-me com 17 anos por imposição dele, com Iismhir-On, nobre filha de um

Sultão vinda do território leste. Nos conhecemos no dia do casamento. Era muito bela e requintada, porém, não senti emoção alguma. Aliás, nunca senti nada semelhante ao que estava sentindo ao lado de Ayesha. Minha primeira esposa, Iismhir-On, era muito respeitada e teve a sorte de ser mãe de meu primogênito, Hashir, a quem eu amava incondicionalmente.

Éramos amigos. Ele já havia me dado cinco netos de seus dois casamentos. Eu estava tão envolto com meus pensamentos, que nem percebi Ayesha dormindo ao meu lado, tranquilamente. Acariciei seus cabelos e confesso que nunca me dirigi a uma mulher com tanto carinho e ternura. Meu coração batia incontrolavelmente e eu decidi, naquele momento, que não iria deixar aquela mulher viver no harém. Cheguei à conclusão de que ela era tudo que eu queria. Deitei-me ao seu lado, peguei sua mão e adormeci.

Uma semana inteira se passou e eu

queria ficar ali, em meu aposento, fechado, ao lado dela. Penso que precisava que a menina me conhecesse, que sentisse alguma atração por mim. Às vezes nossos olhos se encontravam intensamente e, deitados, conseguíamos ouvir nossos corações baterem uníssonos, numa mesma emoção. Ela estava dócil, sorridente, nossas mãos se tocavam, nossos dedos se entrelaçavam. Estávamos apaixonados e tê-la como minha mulher foi algo natural, aguardado, desejado. E aquele aposento era o nosso mundo, não queria mais sair de lá. Como duas crianças, brincávamos muito, coisa que jamais fiz em minha vida! Eu estava contagiado com toda aquela juventude.

Mas o mundo lá fora seguia seu curso. Era difícil para minha mãe controlar minhas mulheres, que não se conformavam de a escrava não ter sido devolvida para o harém. Iismhir-On, com sua autoridade de mãe do meu primeiro filho, incitava as demais e reclamava seus direitos de dormir no meu

aposento, o que eu particularmente nem me lembrava quando fora a última vez que havia acontecido. Então, minha mãe foi ao meu quarto e bateu com tanta insistência que não houve como não abrir. Ela queria saber por que eu não devolvia a mulher. Respondi que ali era o lugar dela e não no harém. As mulheres que espiavam ouviram tudo e voltaram aos seus lugares, sem reclamar, a não ser as esposas que estavam completamente fora de si e não aceitaram aquela decisão. Porém, era a minha vontade que nada demovia. Às vezes eu saía a passear com Ayesha pelos jardins do palácio, com minha mão sobreposta na dela, e percebia que mil olhos me vigiavam. Altivo e orgulhoso, porém, sabia que eu era a lei e ninguém ousaria discordar.

Regularmente os mercadores passavam para oferecer toda a espécie de mercadoria. As mulheres eram autorizadas a sair do harém para comprar joias, tecidos, perfumes e tudo aquilo que lhes chamava a atenção, era um dia

de muita alegria.

Naquela manhã, desci com Ayesha para que ela comprasse alguma coisa também. Atentas às mercadorias que eram oferecidas, poucas mulheres perceberam a nossa presença. Um mercador exibia uma linda tiara de cabelos, de ouro e pedras preciosas. Ayesha se aproximou dele e tocou no enfeite. Iismhir-On, para provocar, foi até o mesmo mercador e tocou o enfeite, puxando-o para si. De longe eu observava tudo, mas percebi que Ayesha não se importou com a situação. Fiquei nervoso com a provocação de Iismhir-On, me aproximei e o tirei de sua mão. Ela se assustou com a minha atitude, levantou seu olhar de esposa oficial com direitos sobre uma escrava e me disse firmemente.

— Eu quero esse enfeite, gostei dele.  
Estupidamente, respondi rápido.

— Você já tem muitos enfeites.

— Sim, mas quero este!

— Não quer! E além do mais, não lhe

fica bem.

Afastei-me levando a tiara e, sem ouvir mais nada, a entreguei à Ayesha. Olhei ao redor e todas ficaram paradas, sem reação, mas encontrei o olhar de Iismhir-On despejando muito ódio sobre minha amada. Dei de ombros sem me importar com a vergonha que ela ficou diante das outras mulheres ou com qualquer outro sentimento que ela pudesse sentir.

Ayesha parecia alheia a tudo aquilo e atenta às outras coisas. Comprou algumas sementes que o mercador disse ser de flores brancas, muito perfumadas, além de alguns metros de tecido fino e transparente. Pediu-me autorização para usar o terraço do aposento e plantar aquelas sementes, ao que permiti, pois ela havia aprendido com seu pai como cultivar e cuidar das sementes.

Com a ajuda de Ksathra, fixou o tecido na horizontal, nos dois lados do terraço. Ali, ela plantou as sementes que, protegidas pelo tecido, recebiam o sol indireto. À noite,

baixava uma parte do tecido, de modo que a brisa e o orvalho umedecessem as sementes. Alguns dias depois, as plantinhas começaram a brotar e ela cuidava de tudo com muito carinho, regando e conversando com elas.

Em minha vida, jamais dei oportunidade a mim mesmo de conhecer uma mulher, mas eu passava o tempo todo com ela e tudo que fazia me contagiava.

No palácio, os problemas aumentavam a cada dia. Embora meu amado filho Hashir respeitasse minha vontade de ficar com Ayesha em meu aposento, demonstrou sua preocupação com as relações externas e com nosso território, afinal, eu era o Sultão e não podia fugir de minhas responsabilidades.

Conversávamos sobre isso naquela tarde quando vi Iismhir-On ao longe, nos espreitando, e senti algo muito ruim sendo despejado dela. Eu, homem de intensa vivência de lutas pela defesa de meu território, conhecia todas as estratégias para enfrentar o

inimigo e, assim, destruía todas a ponto de enfraquecê-los e acabar com eles. Mas aquele olhar era extremamente forte, não conseguia penetrar, nem descobrir quais eram os pontos fracos dela para criar uma estratégia de defesa. Veio um temor em meu coração pela segurança de Ayesha. Meu orgulho masculino, no entanto, não permitia me rebaixar a tão insignificante criatura. Eu a subestimei, levantei a cabeça e me coloquei na minha alta posição, pois tinha certeza de que ela jamais ousaria fazer nada que fosse contrário.

Certa manhã, depois que voltou do pequeno jardim, Ayesha me puxou pela mão para mostrar os primeiros botões da flor que ela havia plantado. Eu fiquei ali, vendo a alegria dela tocando botão por botão, emocionada. Alguns dias depois, as flores se abriram: eram brancas, delicadas e perfumadas. Ayesha caminhava entre elas, dançava, sorria e cantava. Ela era uma deusa, eu pensava, pois aquele terraço onde



anteriormente diversas plantas não sobreviveram por ser extremamente quente, agora era um jardim maravilhoso, cuidado com paciência e dedicação.

Da mesma forma, me sentia diferente, transformado num homem capaz de amar de verdade. Meus olhos pela primeira vez ficaram marejados de lágrimas devido àqueles momentos de tamanha sensibilidade. Nosso aposento era invadido pelo cheiro das flores e eu me encantava. Ayesha pegou a tiara que eu a havia dado, encheu de flores e adornou seus cabelos, mostrando que o tesouro pelo qual ela se interessava era a simplicidade.

Ah, como eu queria ter Ayesha comigo para sempre! Mas estava inseguro se ela se casaria comigo. Ela era tão jovem, e eu um homem tão maduro.. Realmente havia me transformado, pois em outra época essas questões jamais me importariam.

— Ayesha, eu quero ter você para sempre ao meu lado. Quer ser minha esposa?

— Mas, meu senhor, sou apenas uma mulher simples, filha de um agricultor, uma escrava.

— Meu amor, o que importa isso? A única coisa que me interessa é se você tem o mesmo sentimento por mim, se me quer como eu te quero.

— Meu senhor, tu sabes que meu coração bate por ti desde o momento em que o vi. E que minha vida sem sua presença é escuridão e morte.

Ficamos ali, rostos colados. Uma explicação muito importante é que homens e mulheres não trocavam beijos ardentes como reações românticas naquele tempo. E Ayesha se tornou minha quarta esposa e pediu um casamento simples, porém fiz questão de fazer uma festa maravilhosa e mostrar a todos minha felicidade, para a tristeza de minhas outras mulheres. E fiz o que prometi: mandei um mensageiro até o local onde vivia a família dela, pedi que contassem tudo que ocorreu

com seus pais e que os trouxessem para o casamento. Foi uma surpresa e uma grande alegria de minha amada rever seus irmãos e a felicidade deles em saber que a irmã sobreviveu. Como minha esposa, as mulheres foram obrigadas a respeitá-la, porém isso não evitaria que Iismhir-On pudesse armar um complô no palácio, envolvendo todas as outras.

Ayesha, apesar de muito jovem, se mostrou uma mulher muito sábia e entendia que a reação das mulheres era normal, e me pediu para viver no harém e dar oportunidade às outras, afinal, ela havia chegado há tão pouco tempo e tomado o lugar delas, além de dormir com o Sultão todos os dias. Me recusei terminantemente, pois não poderia ficar sem ela, sem o calor de seu corpo, sem seu cheiro. Não queria mais ninguém. Ela me completava e só queria Ayesha ao meu lado.

Achava que Ayesha era bem magrinha, pois se alimentava pouco, devagarinho e em

pequenas quantidades, mas adorava uvas, o que tínhamos em grande quantidade no palácio. Então, ordenei que todos os dias fosse colocada uma bandeja das mais lindas uvas à disposição de minha bela. Ela tinha uma particularidade em chupar uvas. Enquanto eu consumia vários cachos rapidamente, ela chupava algumas de um cacho ao longo do dia.

Com o passar dos meses de nosso casamento, eu obviamente queria ter um filho dela, mas Ayesha não engravidava. Minha mãe, então, tirou suas próprias conclusões e me avisou que ela era uma mulher seca! Óbvio que acreditei em suas palavras. Isso regozijava as outras esposas, mas percebi que para Ayesha aquilo era o de menos importância. Estava distante de todo aquele ambiente hostil. Pouco se importando, continuava jovem, linda e feliz em nosso mundo, e eu assim queria permanecer.

Já havia vivido muito em lutas e discórdias, sentindo o prazer de ver o medo

nos olhos dos inimigos, a obediência cega das mulheres. Nunca dei importância aos filhos que não estavam inseridos dentro de um casamento formal e tudo que me acontecia agora era algo novo, que me mudara por dentro. Aos olhos de todos no palácio, porém, eu era apenas um homem encantado por uma feiticeira chamada Ayesha, muito perigosa, que tinha flores brancas plantadas e que, através dessas flores, me enfeitiçava com o perfume.

Essas informações começaram a ser disseminadas pelas escravas que faziam a limpeza no aposento. Elas tinham medo de chegar perto das flores. Diziam que todas as manhãs Ayesha ficava passeando por ali, encantando tudo, e era por isso que eu não queria mais nenhuma mulher no meu leito, apenas ela.

Certa vez, para resolver assuntos relativos ao meu território, precisei viajar até o imperador para atender as formalidades

exigidas e, tendo que me ausentar do palácio, fiquei apreensivo, pois deixar Ayesha à mercê daquelas mulheres não me tranquilizava. Eu confiava em minha mãe, mas às vezes ela se mostrava irritada com aquela situação e havia muitas mulheres para ela cuidar. Então, chamei o eunuco Ksathra, que sempre ajudava Ayesha na manutenção do jardim, para que tomasse conta dela na minha ausência, observando a movimentação das mulheres para com Ayesha.

Naquela manhã eu viajei, mas meu coração estava muito triste, pois desde que me apaixonara perdidamente nunca mais senti necessidade de sair do palácio. Tudo ali me completava e toda situação relativa às mulheres nunca nos afetou em nada, pois éramos muito felizes. Era muito difícil ficar longe dela e, pela primeira vez, chorei por uma mulher. A saudade me doía profundamente, tanto que fiquei por pouco tempo e nosso reencontro foi emocionante. Então, prometi a

ela não mais sair dali e dos seus braços. E assim fiz. Tudo era resolvido dentro do palácio e Hashir assumiu todos os assuntos externos, embora eu continuasse a ser o Sultão.

Por dois anos a vida se seguiu. Ayesha não me deu filhos, mas eu já tinha muitos, então, pouco me importava. Ela mudou minha vida agitada e me trouxe a tranquilidade que tanto precisava. No entanto, uma invasão seguida de grandes ataques começou ao sul do meu território e um mensageiro veio trazer péssimas notícias sobre mortes de soldados e disse que Hashir necessitava de ajuda. Assim, reuni mais soldados e decidi ajudar meu filho. Ayesha, embora triste, entendeu minha decisão, mas ordenei a Ksathra que fosse meus olhos em minha ausência para cuidar de Ayesha, porque não tinha prazo para voltar. Foi um sofrimento maior ainda! Choramos abraçados naquela noite, de encanto e pureza, onde nos amamos sob o perfume das flores do pequeno jardim no clarão da lua. De

madrugada, porém, segui com minha tropa para encontrar-me com Hashir.

Estava fora do palácio há três meses e sem comunicação! Foi uma luta grande até expulsarmos todos os inimigos dali. Eu estava tão desesperado sem minha mulher que tinha horríveis pesadelos, onde ela aparecia chorando e me abraçava pedindo ajuda. Era muito real! Meu filho via meu sofrimento, mas dizia que também estava longe de sua família, então eu me acalmava, achando que tudo aquilo era decorrência da ausência dela.

Numa tarde, chegou sorrateiramente um mensageiro do palácio trazendo um recado de minha mãe, informando que minha esposa estava enferma, não se alimentava e nem falava mais. Meu coração deu um sobressalto! Não sei como atravessei aquele deserto, tal era meu desespero! Uma viagem longa de muitos dias e noites. Na porta do palácio, o cavalo caiu morto de tanto cansaço e eu morto por dentro de tanta dor. Pior fiquei quando entrei no meu aposento e



lá estavam minha mãe, Iismhir-On e as outras esposas cuidando de Ayesha. Ou o que sobrou dela, definhada e sem brilho nenhum no olhar.

Ela sorriu com seus lábios descorados quando me viu, tocou minha mão com a ternura de sempre e nada falou. Fechou seus olhos para sempre. Apenas esperou que eu chegasse para me ver pela última vez. Chamei por ela, pedi para que não se fosse, porque eu estava ali para ficarmos juntos e nos amarmos como sempre. Mas ela estava inerte. Chorei muito, como nunca em minha vida. As mulheres, assustadas, foram saindo do quarto, apenas minha mãe ficou e disse que não havia outra explicação para a morte dela a não ser que morreu por amor.

Eu estava completamente fora de mim e me deitei ao lado do corpo frio de Ayesha. Acariciei sua pele, seus cabelos e fiquei ali, chorando e balbuciando versos que saíram do meu coração:

“Teus cabelos dourados são como fios

de ouro, mais preciosos que todo o tesouro que tenho;

Teus olhos são como duas estrelas azuis que cintilam e brilham na escuridão da noite;

Tuas mãos delicadas são como o dedilhar de um instrumento com sua música envolvente;

Teus dentes, a perfeição e a brancura do marfim do mais robusto elefante;

Teu colo apetitoso mais que um banquete repleto dos alimentos saborosos e inebriantes;

Tua pele, branca como a neve do mais intenso inverno, tão lisa, mas tão fria como a morte.”

Não sei precisar quanto tempo se passou, quanto tempo fiquei ali abraçado ao seu corpo rígido. Só voltei ao meu normal quando minha mãe tocou meu ombro e pediu para que voltasse à realidade, pois o corpo dela iria começar a cheirar e havia necessidade de

prepará-la para o funeral. Acompanhei o ritual fúnebre calado e a carreguei até a pira. Somente saí dali quando nada mais restou. Voltei ao aposento vazio, fiquei ao lado da cama. Seu enfeite de cabelos, agora com as flores secas. Estava tudo acabado. Deitei-me ali e novamente o desespero me abateu. O cansaço tomou conta de mim e eu sonhei: era Ayesha vindo ao meu encontro. Não estava pálida, mas a pele viçosa e linda. Ela me abraçou, saudosa. O sol me acordou com um peso enorme na minha cabeça. Corri até o jardim, que não tinha mais flores, apenas galhos, folhas e flores secas.

Desci até minha sala, onde Ksathra me esperava para as devidas explicações, tendo em vista que eu o deixara incumbido de tomar conta de minha Ayesha. Ele chorava muito e disse que alguns dias após minha viagem, Ayesha não queria mais se alimentar e, por se sentir muito fraca, pediu para que ele cuidasse de seu jardim. Passado mais alguns dias, ela

não mais se levantou, então, minha mãe cuidou pessoalmente dela e Iismhir-On de sua alimentação. Ayesha, porém, só comia uvas. E, com a piora de sua saúde, Ksathra não teve mais autorização para acessar o aposento e cuidar das flores.

Eu ouvi as explicações do eunuco e ele saiu. Depois, veio minha mãe, que contou também sua versão, mas eu nem escutava... Minha mente trabalhava incessantemente e, dentro de mim, veio a certeza de que algo de mais grave havia acontecido com Ayesha. Ela era de constituição magra, comia pouco, mas uma jovem saudável. E morrer de amor? Uma explicação esdrúxula, sem sentido. As palavras do eunuco sobre Iismhir-On cuidar da alimentação de Ayesha e sobre ela só comer uvas, soavam na minha cabeça. Fui até o aposento e não havia nenhuma uva na bandeja, tudo fora retirado. Meu coração bateu forte e, lembrando a postura de Iismhir-On com relação a Ayesha, um ódio tomou conta de

mim, ódio daquelas mulheres cujas vozes e risos me cansavam tanto.

Então, tive uma ideia para conseguir as informações, ordenei que alguns soldados ficassem a postos e chamei a terceira esposa em minha sala. Questionei o que havia acontecido e ela, de cabeça baixa, respondeu que não sabia. De pé, levantei minha cimitarra e perguntei de novo. Desesperada e com medo de morrer, a mulher chorou e contou que Iismhir-On a havia convencido de que Ayesha tinha me enfeitado para tirar tudo que lhes pertencia e as expulsar do palácio juntamente com seus filhos. Lembrou ainda que elas já estavam velhas para recomeçar a vida. Não deixei que terminasse a frase, cortei seu pescoço sem dó e os soldados aarrastaram pela sala ao lado, limpando os vestígios de sangue.

Pouco depois veio a segunda esposa, que entrou desconfiada, mas sem saber de nada do ocorrido. Fiz a mesma pergunta e, sem a obtenção da resposta, levantei-me. Olhando

firme, a questioneei novamente. Com medo, ela contou a mesma história da esposa anterior. Nem deixei que terminasse e cortei seu pescoço.

Iismhir-On entrou com a altivez de primeira esposa. Conteí para ela o que as esposas haviam dito e os seus olhos, mesmo assustados, não demonstraram nem um pouco de arrependimento ou piedade e sim toda a raiva que sentia de Ayesha. Pedi, então, que me contasse o que aconteceu. Na certeza de que eu nada faria por ela ser mãe de meu adorado filho, Iismhir-On contou tudo.

— Essa mulher era uma feiticeira que levou o senhor à insanidade a ponto de esquecer suas esposas e seus filhos, eu precisava fazer alguma coisa para trazê-lo à realidade. Como sua esposa principal, precisava tomar as devidas providências.

À medida que eu ouvia sua confissão, o ódio me cegava. Quis saber da boca dela como havia matado minha amada.

— Ela só comia uvas, então, diariamente, banhava algumas, que eram levadas ao aposento. O resto foi o tempo quem fez, morreu aos poucos. O mercador disse que à medida que começasse as dores no ventre, o veneno estava agindo, a pessoa não se alimentaria mais e morreria.

O golpe de minha cimitarra no pescoço de Iismhir-On foi tão forte que a cabeça voou para o meio da sala!

— Maldita!

Gritei desesperado, minha mãe entrou assustada e se deparou com aquela cena. Entrou em pânico, claro, conseguindo tirar a cimitarra de minha mão. Ela só não sabia que eu já havia matado as três esposas!

— Mãe, a senhora não percebeu o que essa mulher estava fazendo com Ayesha? Não sentiu que havia atitudes estranhas?

— Iismhir-On estava no seu direito de esposa, mãe de seu primogênito. Você a humilhou na frente das outras mulheres

quando tirou a joia que ela queria. Passeava na frente dela com aquela escrava que você transformou em esposa. Ela foi comprada por mim para seu desfrute e não para ser sua esposa. Iismhir-On enlouqueceu e eu não tiro a razão dela.

— Vá embora daqui mãe, não quero vê-la nunca mais.

— E para onde irei? Estou velha agora, você não tem o direito de me tirar do palácio, me deve respeito — disse arrogantemente, me olhando nos olhos.

Não quis saber, expulsei minha mãe e a proibi de aparecer na minha frente. Ela tinha a obrigação de saber o que as esposas faziam pelas suas costas. Escorraçada do meu palácio, não sei para onde foi, pois nunca mais a vi.

Mandei muitas mulheres embora, só ficaram mesmo as velhas e doentes. Depois me encerrei em meu aposento, não quis ver mais ninguém. Hashir ficou do meu lado, mesmo tendo assassinado sua mãe. Embora



triste, ele aprendeu que ali a voz masculina era a que prevalecia. Fiquei profundamente doente, não queria mais me alimentar e sair do leito. Hashir, muitas vezes preocupado comigo, não viajava com seus soldados somente para cuidar de mim. Ao imperador se reportou, dizendo que devido à morte de minha quarta esposa eu me encontrava enfermo.

Certa manhã, me levantei com muita dificuldade, fui ao pequeno jardim e, em meio aos galhos secos, vi um galhinho verde, num cantinho. Coloquei água nele... Os dias foram passando e percebi que ele começou a brotar. Era como se Ayesha estivesse ali, cuidando dele e de mim. Era uma nova vida surgindo, mas a saudade dela me consumia e me desesperava. Mas, muito fraco que estava, não me levantei mais para molhar a plantinha recém-nascida, que morreu de vez. Aliás, o jardim todo estava morto, como eu havia morrido por dentro.

Acordava durante a noite gritando por Ayesha, via as esposas com suas cabeças fora do corpo rindo de mim, não dormia mais, só gritava para elas irem embora e me deixarem em paz. Meu filho não sabia mais o que fazer, tentava de todas as formas me chamar de volta à vida, mas eu estava saindo dela, não queria mais ficar vivo sem minha amada.

Não sei precisar quanto tempo fiquei daquela maneira, mas comecei a sentir um cansaço interminável e diferente. Nunca havia me sentido assim, meus olhos persistiam em se fechar. Hashir e outros filhos estavam do meu lado. Ele acariciava meus cabelos e meu rosto, suas lágrimas molhavam minha mão que ele beijava.

Eu estava muito cansado para falar alguma coisa, precisava dormir. E, no fundo do meu coração, prometi a mim mesmo que quando acordasse iria mudar minha vida, me dedicar à família, voltar a ser o que eu era e sair de uma vez por todas daquele sofrimento.

E assim, adormeci

## Acordando do Sono

Não sei por quanto tempo eu dormi, mas acordei num lugar muito escuro, que não era o meu aposento. Era um chão lamacento, como se tivesse chovido muito, mas com um cheiro horrível que nunca senti antes. Eu fedia muito e tentava me levantar, porém, escorregava. Também me sentia fraco e com fome. Com muito custo, consegui me levantar, me agarrando em uma espécie de plantas com galhos secos fui apalpando tudo, pois não enxergava onde eu estava. Caminhei chamando por Hashir, mas não obtive resposta. Vi que estava sonhando e tentei acordar. Caminhei muito e não vi nada familiar. Concluí que não estava em meu palácio, mas havia dormido profundamente e sido jogado naquele lugar por alguém que só poderia ser meu filho Hashir, por vingança da morte da mãe, e um ódio dele entrou no meu

coração.

E continuei a andar... Não encontrei o deserto e nenhum animal que eu pudesse montar. Tanto meu estômago como meus pés doíam muito.

Na verdade, estava extremamente cansado para prestar atenção por onde caminhava e, num dado momento, caí num buraco profundo. À medida que caía, sentia desfalecer, porém alguma coisa me segurou naquele momento! Era uma espécie de rede, semelhante às utilizadas para pegar peixes. Mas eu não conseguia sair, pois era tão pegajoso quanto aquele chão que deixei. Então, fiquei ali, até que algo tocou na rede, me derrubando novamente no chão. Eu me levantei e na minha frente surgiu um homem alto e com roupas muito estranhas. Nunca vi um tipo daquele em meu território. Tentei falar algo.

— Eu sou um Sultão! Sou dono de tudo aqui, estou com uma espécie de esquecimento,

longe do meu palácio e...

Antes que eu completasse a frase, um deles me deu uma pancada na cabeça com um objeto e me fez caminhar à sua frente de boca fechada. Fui empurrado e jogado num local mais sujo ainda, porém um pouco mais claro, a ponto de verificar que havia outras pessoas ali, todas, no entanto, pálidas e sujas.

Pude ver que eu estava com vestes de dormir, totalmente imundas. Fiquei ali, calado, sem saber o que ocorria. Então, vi a porta abrir e dois homens entrarem. Puxaram um sujeito e o levaram. Só vi que desciam uma rua onde não dava para ver o final dela. Escutei um grito ecoar no ar... Todos ficaram ali, agachados e assustados. Ouvi uma voz que me disse...

— Esses homens sempre aparecem e levam um de nós, que nunca mais volta.

— Como assim? Eles não têm o direito de matar ninguém. E quem são aqueles homens? — Indaguei.

Ninguém respondeu, porém sempre

vinham buscar aquelas pessoas e sumiam com elas. Não sabíamos o que acontecia, estávamos completamente sem resposta sobre o que era aquilo. Não eram salteadores do deserto, mas eram mais poderosos. Estava curioso para saber o que havia no final daquela rua, então chegou minha vez de ser levado e, com aqueles homens me empurrando, cheguei num lugar mais fétido do que onde estava antes. Gritei que não admitia que fizessem aquilo comigo, pois eu era um Sultão, dono de tudo ali e queria falar com o chefe deles. Os homens olharam um para o outro e caíram na risada.

Com a personalidade forte como era de minha característica, mandei que parassem de rir e fizessem o que eu havia mandado. Eles, então, vieram para cima de mim, porém dirigi meu olhar para eles, que foram jogados para longe! Até eu me assustei com o que consegui fazer sem utilizar arma alguma. Fiquei ali, olhando tudo à minha volta e muito perdido.

No teto observei umas formas ovaladas e cinzentas grudadas e, no canto, outras que não conseguia definir o que era, mas parecia uma espécie de massa escura.

Não demorou muito, um homem me chamou para segui-lo. Obedeci, entramos numa espécie de palácio, mas tudo ali era muito sujo. Cheguei à conclusão que ali era uma toca de bandidos que, ao saberem que eu era um Sultão, resolveram me levar ao chefe. Altivo e orgulhoso, entrei numa sala lúgubre, com apenas umas pequenas tochas clareando o lugar. Ao fundo, um homem alto com roupa de general bateu na mesa e disse querer conhecer o homem que tinha força suficiente para assustar seus homens.

Vale dizer que ele tinha um aspecto muito feio, uma cara de mau. Mas não me assustei e disse ser o dono daquele território e que precisava voltar ao meu palácio, pois meu filho me traiu e, por vingança, se aproveitou de minha doença e fraqueza para me jogar



adormecido naquele lugar, tanto que eu ainda estava com vestes de dormir. O homem prontamente disse que me ajudaria a voltar ao palácio e ainda me vingar do meu filho traidor, porque isso não se fazia com um pai. Mas sendo eu um homem com um poder tão grande, que o ajudasse na cidade. Esse era o preço para que eu pudesse voltar ao palácio! Sem alternativa, aceitei e comecei a ajudar aqueles homens a fazerem seu trabalho, retirando pessoas da rede e levando para aquele buraco. Nisso, a minha curiosidade inicial foi satisfeita quando levei um sujeito por aquela rua até o outro lugar. Havia vários trabalhadores ali. E, de repente, aquele homem que levei comigo parecia um banquete para os outros. Do corpo dele, deixava aquilo que defini como uma espécie de fluído e os trabalhadores, então, se alimentaram daquilo e se tornaram mais fortes e alegres.

Eu senti ânsia de vômito, mas quando olhei, percebi que aquele corpo não havia sido

devorado, apenas ficou num canto, sem forças, o que me deixou mais curioso ainda! Estava com muita fome e perguntei se não havia alimento para comer e um dos homens, cujo nome era Joel - que me chamava de Sultão - disse que, na realidade, os trabalhadores se alimentavam da energia daqueles homens até que não houvesse mais e sem essa subsistência eles sucumbiriam. Falou ainda que eu poderia me servir, porque aquele corpo ainda tinha alimento para me fornecer. Claro que me recusei e voltei ao trabalho.

Os dias, no entanto, foram passando e eu não aguentava mais de tanta fraqueza. Então, eles disseram que se eu não me alimentasse daqueles corpos ficaria muito mal. E eu tinha que sobreviver, voltar firme e forte e acabar com meu filho, aquele traidor. Num ímpeto, me alimentei daquela energia, que me fortaleceu de fato e, a partir daí, também fazia parte daquele pelotão de sugadores de energias. Os homens eram tão

sugados que seus corpos se tornavam numa forma ovoide que, sem mais utilidade, eram grudadas no teto.

Eu estava me cansando de tudo aquilo e acredito que já havia pago antecipadamente a ajuda que o general ia me dar. Quis, então, uma nova audiência, que foi recusada. O que ele estava pensando que era? Eu era um Sultão e dono de tudo aquilo, ninguém me manteria ali como escravo. Sem que percebessem, fui até a sala do general, que não me viu chegar, pois fazia sexo com várias mulheres (todas nuas). Nunca vi algo igual. Eles riam muito, então, sem jeito, saí devagarinho, quando ele gritou para que eu parasse, falasse o que queria e ainda perguntou se gostava do que via. Claro que achei interessante, pois era algo muito diferente do que eu já havia visto. Tive mais de 100 mulheres, mas me deitava com uma por vez. Ali, porém, havia muitas mulheres e ele fazia sexo com todas de forma descomunal. Em outro instante, dispensou as mulheres e

veio falar comigo.

— Sultão, eu gosto de você.

— Mas que lugar é esse? Quem são vocês?

— Digamos que somos seres muito adiantados no seu tempo.

— Seres? Que tipo de seres? Esse lugar é escuro, fétido, vocês vestem roupas velhas e rasgadas, como adiantados?

— Todos chegam aqui arrumadinhos e, com a vivência, vão ficando assim.

— Vocês se alimentam do que chamam de energia de corpos, não comem naturalmente como todos. Precisamos dessa energia para viver, o que significa isso?

— Você quer se vingar do seu filho, não é?

— Sim! Quero acabar com ele — respondi com muito ódio.

— Então, me obedeça, e no momento certo iremos fazer o que tem de ser feito. Continue seu trabalho, pois agora quero as

mulheres de volta...

Deixei o lugar mais perdido que nunca, mas alimentado pelo ódio e na esperança da vingança, obedeci e voltei às atividades.

Joel aos poucos foi me explicando como funcionava tudo ali. Do alto, eu sempre via um clarão entrar, algo muito sutil, mas perceptível, porque tudo era muito escuro ali. Este clarão, aliás, deixava a todos temerosos.

— O que é aquilo?

— É algo muito forte, Sultão. Pelo que soube, se trata de Seres de outra dimensão, que roubam os nossos e desaparecem com eles — disse Joel.

— Mas por qual motivo?

— Não sei! Levam eles daqui porque alguém implora por socorro, porém não sei para onde vão.

Esse clarão nunca iria me levar, pois não poderia sair dali. Tinha esperança de voltar ao palácio e me vingar de Hashir! Como eu era muito corajoso, abri vantagem sobre os

outros e ninguém fazia nada sem me consultar. Mas o general me incomodava e passei a desejar o seu poder. Foi assim que o prendi e tal foi a surpresa dele quando seus próprios homens me ajudaram em sua captura e prisão.

— O que está fazendo, seu desgraçado?

— Tirando você para assumir seu lugar.

— Está louco! Eu vou acabar com você.

— Vai nada!! E de agora em diante eu sou o Sultão e mando aqui. Quanto a você, vai servir de alimento para os homens que escraviza. Levem ele, ordenei!

Conquistei aquele território me tornando dono de tudo ali. Quanto ao general, toda sua energia foi sugada e, enfraquecido, ele se tornou uma espécie de pasta humana, jogado no canto daquela sala suja e esquecido por todos.

Acostumado que era em ampliar os territórios, fui entrando em outros lugares e enfraquecendo o que eu chamava de inimigo. Minha estratégia era infalível e em pouco

tempo tudo me pertencia. Mas, certa vez, fui visitado por um sujeito que se chamava Iodes, que se denominou cientista e chefe de um imenso laboratório com aparelhos muito modernos.

— Sultão, eu estava curioso em te conhecer, você acabou com o general, coisa que há muito tempo eu quis fazer.

— O que quer de mim?

— Juntar nossas forças. Tenho grandes armadilhas e você a inteligência para capturar mais pessoas.

— Estes territórios são meus e com o tempo vou juntar aos que já tenho e serei bem maior — respondi, orgulhoso.

Iodes não compreendeu o que eu quis dizer, mas concordou, pois ele nem tinha ideia de onde começava e terminava meu território. Fizemos uma sociedade, afinal, eu tinha espião por todos os lados (até no laboratório dele). Sabia que estava num experimento e eu precisava entender como funcionava tudo

aquilo.

— Sultão, esta minúscula placa nós vamos colocar na nuca dos Homens da Superfície que são desequilibrados e estão envolvidos em diversos vícios que causam toda espécie de confusões, brigas e crimes. O bom disso é que não precisaremos que venham para cá, simplesmente vamos até onde estão e faremos o trabalho. É simples, rápido e limpo.

Aquilo era estranho para mim, então, os sentimentos de raiva e ódio eram alimento? Em minha imaginação, não pegaríamos mais os Homens da Superfície nas redes, mas os escravos iriam até a Superfície para colocar os aparelhos de Iodes na nuca deles. Minha prepotência não admitia que eu me sentisse um ignorante em qualquer assunto, isso era uma afronta ao meu modo de ser, mas perguntei assim mesmo.

— Iodes, não entendo como meus escravos colocarão esse aparelho na cabeça dos Homens da Superfície sem que sejam



vistos.

Iodes levantou a cabeça assustado, pois percebeu que eu ainda não havia me conscientizado da minha morte.

— Sultão, você não sabe ainda que morreu, que está aqui com outro tipo de corpo e o anterior está enterrado na Superfície? E com isso, está invisível aos olhos físicos, claro, com exceção daqueles que tiverem uma percepção aguçada para enxergar outras dimensões?

Fiquei surpreso, completamente sem ação, e tudo que vinha me acontecendo até agora começou a fazer sentido. Eu estava morto para todos da Superfície, mas respirando, falando, planejando e conseguindo tudo que eu queria! Certo que todo aquele ambiente em que estava não me agradava - aqueles homens com rostos opacos, olhos sem brilho, cadavéricos, cheiro desagradável, muitos com roupas de dormir, mas eu não ligava para isso, havia imaginado que me tornara um homem fora da lei, vivendo num

esconderijo.

Iodes continuou a falar.

— Muitos que estão aqui não tem consciência de seu verdadeiro estado e assim fica muito fácil de escravizá-los. Olha, Sultão, que eu até poderia fazer isso com você, mas seria desperdício, porque agora vejo que é um homem de poder mental privilegiado, mesmo inconsciente de sua condição não se tornou presa do general e ainda conquistou todo esse lugar e os escravos dele.

Claro que concordei com ele, e agora que sabia de minha real condição, ninguém poderia me dominar. E Iodes continuou.

— Estamos na Terra mesmo, mas no astral, onde temos o poder de criar de acordo com nossa vontade. Claro que existem lugares que não temos acesso, mas você vai perceber isso à medida que for convivendo por aqui.

Fiquei pensando em tudo que Iodes havia me contado e, na verdade, estava me sentindo um idiota, porque depois de tudo que

passei nem havia imaginado que era um espírito envolto em corpo astral e, menos ainda, que se eu estava morto, era porque Hashir havia me matado para se vingar da morte de sua mãe. Na minha condição fragilizada não percebi sua falsidade e numa noite, quando adormeci profundamente, ele me matou. E por ser um assassino fui parar naquele lugar.

Eu estava tão absorto em minhas conjecturas que não notei a chegada da mulher atrás de mim e, quando me volvei, notei que era muito linda. Havia sido capturada nas redes e não se mostrava assustada, pelo contrário, muito oferecida para meu gosto.

— Quem é você?

— Sou Mishart, mas pode me chamar de Mimi, pois era assim que me chamavam onde eu trabalhava — disse ela se aproximando e me acariciando.

— Joel disse que gostaria de me conhecer, vim de seu território, onde o senhor

foi Sultão.

— E fazia o que lá?

— Eu era dançarina.

E sua história era como a de tantas que eu conhecia: por ser muito bonita, Mimi foi roubada da família e vendida como escrava a um homem ambicioso e com alguma posse, que depois de tirar sua virgindade queria ganhar mais e mais dinheiro, exigindo que ela pagasse a comida e a moradia que ele oferecia se deitando com homens de toda espécie, o que foi obrigada a obedecer. Todo o dinheiro que ela arrecadava ia para as mãos dele e ainda tinha que servi-lo sexualmente e aguentar sua bebedeira. Mimi viveu assim por quatro anos e, não suportando mais essa vida, teve a ideia de acabar com a vida daquele homem. Havia um porão onde ele guardava toda a espécie de quinquilharia que não mais utilizava, mas que era fechado e ninguém entrava lá de tão cheio que estava.

Todas as noites o homem bebia e caía

num sono profundo, então, Mimi aproveitava, entrava nesse porão e cavava com muita paciência. Fez isso por mais de 40 dias, até que uma cova razoavelmente funda ficasse pronta. Então, numa noite, ela cortou o pescoço dele e, com muito esforço, puxou o homem e o enterrou ali. Depois, trancou a porta e jogou a chave em lugar ignorado. Para todos os que perguntavam, ela dizia que o homem precisou viajar para cuidar de um familiar muito doente, mas que voltaria tão logo resolvesse e que nesse meio tempo, ela continuaria com seus negócios. Ela pegou de volta todo dinheiro que ele havia ganhado às suas custas, mas resolveu transformar aquela casa num local onde ela e outras moças que chegaram depois se divertiam dançando, bebendo e se prostituindo. Não viveu muito, no entanto. Morreu jovem e doente em consequência da vida promíscua que teve. Confesso que gostei da experiência de Mimi, e fizemos sexo ali mesmo. Até então nunca havia feito sexo daquela forma, mas era

imensamente prazeroso e o melhor era que eu não me cansava, pois estava forte e viril.

Passei a observar meu corpo. Minhas mãos não tinham o tom de pele de antes, estavam meio enegrecidas, mas não tinha nenhuma diferença daquele que deixei enterrado na Superfície. Os meus escravos, também tinham uma aparência cinzenta e aqueles que eram retirados da rede para consumo alimentar dos outros, digamos assim, tinham aparência normal, talvez porque tivessem morrido recentemente, raciocinei. Mas se estava morto e ainda com a força mental que eu tinha, não precisava daquela energia para sobreviver. E foi assim que me desprendi de tudo aquilo, o que me angariou mais respeito perante os homens, pois eles ainda tinham necessidade daquele tipo de alimento ou de utilizar a energia daqueles que, na Superfície, possuíam o aparelho de Iodes no corpo. Eu treinei alguns para se absterem, mas outros, mesmo com o treinamento, se

recusaram por medo da fome e fraqueza. Lembrando-me das explicações de Iodes sobre a condição mental de cada um, nada pude fazer, pois dependia da própria vontade deles para se libertarem.

Não sei quanto tempo se passou, pois ali não se pensava nisso, mas eu era muito respeitado. Mantinha um harém semelhante ao que tinha em meu palácio e um exército imenso, sendo Joel meu homem de confiança.

No laboratório, havia um homem que estava deitado em uma espécie de cama, a que Iodes chamou de maca. Sua cabeça estava aberta e eu visualizava o cérebro dele. Mesmo que eu nunca tivesse visto nada igual, compreendia perfeitamente aquele procedimento. Em sua cabeça foi colocada a minúscula placa, que brilhava à medida que o cérebro funcionava. Então, o homem se levantou daquela maca e caminhou como se fosse sonâmbulo.

— É um Homem da Superfície e eu

trouxe seu corpo astral para cuidar aqui. É especial, por isso estou tratando com esmero. Vamos segui-lo.

— Como faremos isso?

— Basta querer, use seu poder mental.

E assim foi que, pela primeira vez, retornei à Superfície, porém num castelo extremamente bonito, num lugar que não sabia onde era.

— É um país de nobres?

— Sim, e esse homem será rei desse país, mas preguiçoso e incompetente, valorizando questões sem importância, indeciso quando tiver que decidir nas questões soberanas, corrupto, pois comprará muitos nobres através de títulos honorários e dinheiro. Cobrará altos impostos, explorando a população cada vez mais e arruinará o tesouro da família. Haverá grande turbulência, porque o povo não se conformará com as altas taxas de impostos.

— Qual a finalidade de fazer com que



ele seja obrigado a isso?

— Foi um pedido feito por alguém muito ligado a ele, por ser invejoso, sabe que não tem direito ao trono. Então, pedido feito, pedido aceito. Fazemos o máximo para ajudar a todos com nossos conhecimentos, tudo que envolve a política, pois ganhamos por qualquer lado. E você, Sultão, faça o máximo para estar sempre atualizado com esses novos conhecimentos.

Confesso que estava entusiasmado com tudo aquilo, afinal, mandar nos pensamentos dos outros era infinitamente saboroso. Percebi que meus poderes aumentaram, era algo irreal, pois eu estava morto para todos que me conheciam lá na Superfície, mas vivo e poderoso ali no Astral e ainda poderia visitar a Superfície! Só com meu mental poderia fazer tudo o que queria, então, por que andar com aquelas vestes sujas e rasgadas? Vou desejar vestes dignas de um Sultão. E assim fiz. Estava vestido com as roupas que eu usava na

Superfície. Notei que tinham a mesma consistência do meu corpo, mas eram lindas e limpas. Não satisfeito, quis transformar meu palácio e aquele lugar em algo melhor para se viver. Percebi, porém, que à minha volta o território continuava escuro, pegajoso e tenebroso. Não entendi nada e chamei Joel para perguntar.

## A história de Joel

Ao me ver todo alinhado, Joel se curvou.

— O senhor parece um Rei — disse me reverenciando. Muito orgulhoso pelo elogio, perguntei:

— Por que consegui mudar minhas vestimentas e não consigo transformar tudo por aqui?

— Meu Senhor, não tem como fazer isso, porque todos teriam que ter o mesmo desejo.

— Vou ordenar que façam o que quero, porque sou o senhor daqui.

— Sultão, o estado mental dessas pessoas está em graus diferentes, que não mudarão. Vou explicar com mais clareza para o senhor entender. Por exemplo: na Superfície cada homem tem diferente grau de inteligência, isso acontece em classe abastada

ou não. Uns se destacam em adquirir conhecimento em diversas áreas, se especializam e com seu dinamismo e capacidade intelectual treinada através de iniciativas, ideais e estudos, passam a ser úteis para a sociedade em que vivem ou se tornam líderes para chegarem ao poder, quer seja no campo político, científico ou religioso. No entanto, uma grande gama dos Homens da Superfície não gosta de pensar, estudar ou se esforçar para sair da inércia e deixarem de ser ovelhas atraídas pelos lobos. Não ativam sua inteligência para os diversos aprendizados que existem disponíveis na Superfície, se limitam apenas a escutar, acreditar e seguir, não usam as capacidades que possuem para raciocinar, chegam ao cúmulo de não querer mudanças, se tornam cansados mentais, conformados com a situação em que vivem ou fogem da realidade, se contaminando com vícios torpes, que vão deteriorando o corpo físico, culminando em doenças terríveis. Já outros, se envolvem em

situações piores em que não há saída, praticando atos contrários às leis e assim suas mentes ficam envolvidas nesse turbilhão de coisas.

— E o desencarne não modifica esse estado mental, então, eles são levados a lugares condizentes ao que pensam. E onde quer que caiam, vão encontrar alguém mais forte que eles, que vai escravizá-los, forçá-los a trabalhar, porque para eles isso é normal. Mas suas crenças e suas criações só mudarão se permitirem e podem ficar assim milhões de anos. Assim como nada muda para aqueles que têm essa força de liderança. Eles continuam mandando porque tem escravos para obedecer.

— Quer dizer que estou esmeradamente vestido para viver num local nojento? E se você sabe de tudo isso, por que ainda anda nesses trajes imundos?

— Fiz o mesmo questionamento que o senhor fez agora.

Tive que concordar com ele, certo de

que aquelas roupas esmeradas não condiziam com o ambiente, mas me destacava, então, preferi ficar bonito e arrumado.

— Sultão, o senhor é diferente, percebi quando olhou nos olhos daqueles soldados do general, que aliado ao pensamento, o senhor teve a força de vontade. Daí as coisas aconteceram e, naquele momento, os homens que estavam se divertindo e rindo do senhor ficaram temerosos e fugiram. O senhor criou um ambiente naquele momento, ficou forte e aqui o mais forte prevalece. O general sabia que o senhor era um perigo para ele e usou o seu ódio contra seu filho para que ficasse nas mãos dele. Simplesmente foi um tolo em te subestimar.

— Olha, é melhor mesmo que esses homens continuem assim, pois se descobrem o poder mental que possuem, haverá um levante.

— Sultão, estou aqui há muito e nada vai mudar, ninguém se interessa por nada, estão

envoltos em suas próprias criações. Basta olhar para cada um e poderá observar, na verdade, que não existe tempo, nem dia e noite.

— E você, como morreu?

— Vivi uma vida simples. Era dono de um estabelecimento onde forjava as ferraduras de cavalos. Era o único da região, por isso ganhava bem. Era casado e tinha só duas filhas, uma de doze anos e a outra de três, pois minha esposa havia tido muitos problemas em outras gestações e com isso teve vários abortos. Depois do nascimento de nossa caçula, nunca mais pôde ter filhos. Eu adorava minhas pequenas, trabalhava para dar o melhor que podia para elas, éramos felizes. Certa tarde, um homem trouxe seu cavalo para ferrar e disse que enquanto eu fizesse o trabalho, ele iria até o armazém fazer umas compras. Retornou depois de uma hora, pagou, e calmamente pegou seu cavalo e foi embora.

— Era de tardezinha e a menina não

entrou em casa, começamos a procurar, rapidamente todos ali nos ajudaram na busca. Foram quatro dias atrás de pistas sobre ela e, nessa, nem pensei em um quartinho que tinha atrás da ferraria, onde eu guardava ferramentas. Foi um cachorro do vizinho que insistia em cheirar por baixo da porta que nos atraiu a atenção para lá. Quando abrimos, a menina estava lá, completamente nua, com as partes genitais destroçadas pela violência! Nunca me esquecerei, alguém viu minha filhinha brincando de boneca atrás de casa, a pegou, a estuprou e a sufocou!

— Eu fiquei tão traumatizado que não comia e nem me mexia para nada. Fiquei prostrado no quarto por uns 30 dias. E as lágrimas caíram tanto que queimaram meu rosto, formando vincos. Aos poucos, com o amor de minha esposa e minha filha menor, fui me refazendo. Dentro de mim, porém, algo havia mudado. Daquele homem de fé que era, me transformei em um ser cruel e larguei tudo.



Mesmo minha esposa implorando para eu não fazer, fechei a ferraria e coloquei uma coisa na cabeça: iria achar quem fez aquilo com minha filha. Então, me lembrei do sujeito estranho que no dia fatídico ferrou seu cavalo. Ele disse que iria até o armazém para fazer compras e demorou para voltar. Na ocasião, até gostei dessa demora, pois isso me deu tempo para terminar o serviço e, quando ele retornou, eu já havia ferrado as patas de seu cavalo.

— Fui até o armazém e perguntei do tal homem, mas ninguém sabia me informar, então, deduzi que ele era o assassino da minha filhinha. Fui em busca do miserável e, em cada lugar que eu passava, pedia informações sobre ele. Alguns desconheciam e outros me deram a direção de onde ele morava. Não tardou para eu achar o maldito numa casa à beira rio, vivendo bem feliz com sua família. Fiquei de tocaia para ver quem morava lá com ele. O homem tinha esposa, dois filhos já grandinhos e um bebê, porque eu escutava o choro da

criança e a voz de uma mulher cantando. Vi ainda as crianças brincando e ele carpindo uma pequena plantação.

— Com meu coração enegrecido pelo ódio, eu me perguntava, rangendo os dentes, porque ele havia feito aquilo com minha filhinha se ele era pai também. Fiquei ali por vários dias, sem comer e beber, alimentado apenas por aquela ideia de destruição. Queria dar a ele a mesma proporção da dor que eu estava sentindo. Até que numa tarde o homem saiu com as crianças e se afastou da casa. Foi o momento que eu precisava e foi tudo muito fácil. Entrei na casa com um facão que eu mesmo fiz e matei a mulher dele e o bebê que estava no berço. Depois peguei os dois e coloquei na cama do casal, cobri bem direitinho com um cobertor, como se eles estivessem dormindo, e saí. Me escondi e esperei o homem voltar para ver o resultado.

— Quase de noitinha ele apareceu com os meninos e entrou na casa. Tudo estava em

silêncio até que ouvi os gritos desesperados dele e das crianças. Depois, saíram chorando, e não demorou até que alguns vizinhos aparecessem e ficassem aterrorizados com a cena. Então, saí dali com minha alma lavada.

— Voltei para minha casa, mas não tive paz! Eu era um homem bom, honesto, nunca em minha vida imaginei matar alguém, ainda mais uma mulher e uma criança inocente. Então, comecei a ter visões daqueles fantasmas me acusando, rindo e chorando. Minha mulher desconhecia o que eu havia feito e me socorria em meus pesadelos, mas cheguei à loucura e me enforquei numa árvore. Foi então que entrei num abismo sem fim e cheguei aqui, totalmente debilitado. Fui pego na rede e me tornei escravo do general. Eu sabia que havia morrido e, mesmo escravo, aprendi rápido tudo por aqui.

— Nunca mais você viu sua família?

— Não. E nem quero!

— Por quê?

— Porque eu, agora, quero continuar me vingando de todas essas pessoas maldosas que buscam destruir a vida de outros, especialmente os estupradores. É uma forma de vida pela qual optei.

— Forma de vida? Você está morto Joel — disse rindo.

— Sim, estou morto naquele corpo que eu tinha, mas vivo em uma substância mais poderosa, com liberdade de ir, fazer o que quero e voltar.

— Não entendi...

— Todas as noites vou até o homem que matou minha filha.

— Isso me interessa. Como?

Joel continuou e me mostrou o que aconteceu depois. No canto de um casebre todo destruído, o assassino de sua filha estava com uma garrafa na mão e bebia incontrolavelmente, rindo e chorando ao mesmo tempo. Joel se mostrava para ele como fantasma e o acusava todas as noites.

— Lembra da menininha do ferreiro que você matou? Era minha filha. Por isso matei sua mulher e seu bebezinho. Olho por olho e dente por dente.

O homem, assustado, gritava desesperado, dizendo que não queria fazer aquilo, que se arrependia e pedia perdão. E que pelo amor de Deus aquele espírito ruim fosse embora.

Um dos filhos do homem entrou e pediu calma ao pai, que se debatia desesperadamente, dizendo que um espírito estava ali e que queria que ele confessasse. Na insanidade daquele homem, ele gritou ao filho que havia matado a menina do ferreiro e confessou, ainda, outros assassinatos de crianças. O filho, horrorizado com tudo o que ouviu, saiu dali em desabalada carreira e pediu que alguém trouxesse uma autoridade.

O homem, claro, foi preso. Sem poder beber, entrou numa espécie de sono, que hoje chamamos de coma e era o que Joel

precisava. Então, com o espírito do homem fora do corpo, Joel aproveitou e o levou para o laboratório.

— O que você quer? Quem é você?

— Sou o ferreiro, pai da menina que você estuprou e matou.

— Eu não sei o que me deu. Foi mais forte do que eu, mas você matou minha mulher e o bebê.

— Sim, mas não saciei minha sede de vingança.

— Por favor, me deixa ir, eu me arrependo!

— No seu coração não há arrependimento, eu posso ver.

— O que vai fazer comigo?

Então, Joel amarrou o homem na maca e colocou no pescoço dele uma espécie de anel, parafusou placas nas extremidades da coluna, assim como nas pernas, nos joelhos e tornozelos, na altura dos ombros e dos cotovelos. Depois, ordenou que ele voltasse ao

corpo na Superfície. Aquele espírito saiu todo enrijecido. Na cela, o homem desacordado estava sendo atendido por um velho médico. Quando recobrou os sentidos só conseguiu mexer olhos! Seu corpo estava completamente paralisado. Aquelas placas metálicas seguravam o homem, impedindo-o de se mover e, assim, ele permaneceu por muito tempo ainda, vendo o fantasma de Joel, até que desencarnou com a mente totalmente destruída.

Depois de me contar toda sua história, Joel me levou para uma espécie de quarto úmido e mostrou o espírito deitado no chão lamacento e fétido, ainda com o corpo todo paralisado pelos aparelhos ligados, à mercê da vingança de Joel.

— Ele ficará assim até quando eu quiser e, quando enjoar, sugarei o que resta de sua energia para que desapareça — disse Joel demonstrando o terrível ódio que ainda nutria por dentro.

## Helena

Quando cheguei ao laboratório, vi uma mulher trabalhando com Iodes, que me apresentou como sendo Helena, uma cientista de extrema inteligência para fazer o mal e que, em sua última encarnação, havia sido uma heroína, porém não foi para o ‘céu’ como achavam todos aqueles que choraram sua morte. Não me agradei com a presença dela, no entanto, Iodes me alertou:

— Sultão, lá na Superfície sua cultura não permitia que as mulheres tomassem ciência dos assuntos elaborados pelos homens. Aqui, porém, não temos essa cultura, portanto, remova esses padrões de sua cabeça e veja do que Helena é capaz. É necessário que nossas realizações sejam sempre muito bem-sucedidas, por isso nos unimos aos melhores.

Embora eu me julgasse dono de tudo ali, precisava guardar meus descontentamentos,



pois conhecia pouco e tinha muitas coisas que precisava aprender. Percebi que Helena era boa naquilo que fazia e que, naquele momento, cuidava de uma mulher. Pude ver um procedimento feito abaixo do umbigo da mulher, onde foi colocado uma espécie de duto de onde saía um líquido de cor vermelho escuro e que envolvia toda sua parte genital. Depois de tudo pronto, a mulher se levantou e saiu.

— Quem é ela?

— Essa mulher está encarnada. Observe aquela espécie de fio que sai do corpo em que coloquei o aparelho, parece não ter fim né? Mas, na verdade, está ligado ao seu corpo físico que dorme lá na Superfície. Essa mulher é casada com um príncipe que nunca a tocou. Claro que ela sabe que as preferências sexuais dele são masculinas, mas ela quer um herdeiro! Por outro lado, depois que tiver esse herdeiro, não se preocupará se ele continuará a querê-la ou não, porque ela gosta de sexo de

todas as formas e amantes não faltarão para satisfazê-la. Então, com esse aparelho, ela o atrairá para sua cama e conseguirá realizar seu desejo.

— Como esse pessoal vem procurar vocês? Por que são a solução da vida deles? — Ao que Iodes respondeu.

— São pessoas extremamente egoístas que querem resolver suas dificuldades, não importando o que tenham de fazer para conseguir seus intentos. Dentro delas criam esse desejo e, quando dormem, ficam vulneráveis para que possamos agir. Quando adormecem, seus espíritos saem de seus corpos com desejos de poder ou vingança, buscando uma solução. Nós captamos, vamos ao encontro desses anseios e damos a eles o que precisam. É claro que cada um deve arcar com suas responsabilidades, respondendo pelo que faz. Nós não temos nada com isso!

— Essa mulher, por exemplo, teve seu casamento arranjado por ambicionar o poder,

mesmo rejeitada pelo príncipe que, após a morte do pai, será o próximo rei. Ela quer de qualquer forma perpetuar esse poder sendo mãe de um herdeiro ao trono, mas as coisas não estão correndo como ela esperava e por isso buscou ajuda, acrescentou Helena.

Cada dia aprendia mais com aquele pessoal. Minha vida anterior estava muito distante e mal me lembrava das pessoas de meu palácio. O meu aprendizado era fenomenal. Muitos passaram pelas mãos de Helena, mulheres que queriam conquistar homens alheios, ansiosas para casamentos ou serem amantes de homens poderosos. Eu segui uma dessas mulheres para verificar como utilizavam esse poder sexual que era dado a elas e verificava que tudo acontecia conforme seus desejos. E não só mulheres desejosas de poder, mas também aquelas que queriam homens comprometidos de qualquer forma.

Naquele dia estava na maca uma mulher muito jovem com seus 25 anos, mas que não

era bela. Helena preparou sua genitália para que pudesse conseguir seu intento. Seguimos essa mulher, que caminhou por uma estrada de pedras para chegar até um casarão antigo. Lá dentro, ela foi até o quarto e voltou ao seu corpo físico adormecido. Acordou ainda no meio da noite e foi ao quarto de um senhor muito idoso (de uns 80 anos), tirou sua roupa e se deitou ao lado dele. O homem acordou e sorriu ao vê-la. Começou a acariciá-la e, em breves minutos, os dois praticavam sexo.

O homem ficou enlouquecido de paixão, mas a moça se levantou e disse que, se ele quisesse mais, teria que se casar com ela. O homem disse que iria fazer tudo o que a moça pedisse, porque ele a queria muito. Não demorou muito e veio um juiz de paz que casou os dois, tudo sem o conhecimento dos dois filhos daquele senhor, que pouco visitavam o pai.

Algum tempo depois, o filho foi ver como estavam as coisas e soube do casamento

do pai, ficou muito irritado e prometeu que aquilo não ficaria assim. O pai não tinha direito de se casar com uma jovem e ainda dar a ela os bens que pertenciam ao herdeiro e sua irmã.

Ao sair, a jovem o puxou pelo braço e disse que não gostaria que as coisas fossem daquela maneira, pois amava o pai dele e o faria feliz. O velho fazendeiro viveu momentos de paixão com sua jovem esposa, até que numa noite morreu dormindo. Foi uma comoção, um desespero total! Os filhos vieram para o enterro e a filha, embora nunca visitasse o pai, estava revoltadíssima com a viúva. Após o enterro, a família ficou para a abertura do testamento e, surpreendentemente, os bens foram deixados para a viúva, com a ressalva de que ela havia proporcionado a ele carinho e amor incondicionalmente, ao passo que os filhos nunca lhe davam atenção. A mulher, então, como uma viúva rica, ficou na fazenda com toda a mordomia possível. Certa

tarde, o filho do fazendeiro foi fazer uma visita à viúva e a encontrou deitada na sala de estar. Ele não se conteve, pois já estava extremamente enamorado dela, e fizeram sexo. A partir daí o moço ficou desesperado e não conseguiu ficar sem aquela mulher.

Diante de tudo isso, vimos que eles ficaram juntos, ricos e poderosos, mas a filha não se conformou e seu ódio contribuiu para ser levada ao laboratório e lá foi implantado um aparelho em seu cérebro. Quando retornou ao seu corpo físico, seu pensamento era apenas de vingança contra o irmão e contra a ‘vadia’ da viúva de seu pai.

Ela, o marido e os filhos foram para uma cidade próxima e mentiram para todos os vizinhos que foram viajar para muito longe, a fim de esquecer um pouco o sofrimento que passaram pela morte do pai e avô das crianças. Desta cidadezinha, sorrateiramente, ela viajou para a fazenda e esperou a madrugada chegar. Com a chave da cozinha que ainda possuía,

entrou e fez uma fogueira dentro da sala, queimando esse cômodo. Não haveria possibilidade de saída e ninguém se salvaria. E assim aconteceu. Quando o casal que dormia acordou com o cheiro da fumaça, a casa já ardia em chamas e os dois não conseguiram sair, morrendo carbonizados.

A família permaneceu naquela cidadezinha por muitos dias ainda, sem nenhuma comunicação. Quando todos retornaram para casa, havia um telegrama sobre o que havia ocorrido, mas o funeral já havia sido providenciado pelos vizinhos. A irmã ainda chorou inconsolavelmente, mas vendeu as terras por uma fortuna e todo o dinheiro passou a utilizar para si.

— Sultão, nós sempre ganhamos dos dois lados com esses tolos. Aqueles nos quais são colocados os aparelhos, desgraçam o outro para se sair bem e esse sofrimento nos alimenta e nos mantém fortes. O vencedor, porém, no final estará conosco para nos servir

de alguma forma... — E dá-lhe gargalhadas de Helena.

Havia tantos territórios não explorados e eu senti vontade de conhecer para conquistá-los, mas estava receoso, porque não sabia o que iria encontrar. Precisava de um contato de alguém e falei com Joel, que me informou conhecer Archimedes, que dominava um território por lá. Joel o contactou e Archimedes veio curioso para me conhecer.

— Então, você é o Sultão! Sou seu admirador, poisconquistou muitos lugares por aqui rapidamente.

— Eu sei que muitos me admiram por isso — falei com muito orgulho.

Observei aquele homem de meia idade, estatura baixa, careca e um jeito delicado de gesticular e falar. Há muito tempo ele vivia ali e conhecia tudo, então, pedi para que me levasse para até seus territórios.

Entramos numa espécie de carruagem toda preta, tendo à frente dois cavalos



descorados e esqueléticos que soltavam fogo pelos olhos. De dentro dela pude observar a paisagem tenebrosa, com cidades constituídas de grutas, buracos dentro de pedras deformadas, cheias de lodo, cujos moradores eram seres horríveis, tão disformes que nem tinham mais a parte do rosto. Esses seres trabalhavam para Archimedes. Ouvia muitos gritos, gemidos e até urros de dor. Vi animais horríveis, com duas ou três cabeças, serpentes enormes, de olhos vermelhos, envoltas em galhos secos. Ao mesmo tempo que me assustava com cada coisa que via, uma sensação de satisfação me envolvia. Chegamos ao destino e Archimedes me esclareceu que poderíamos vir num piscar de olhos, porém, ele fazia questão de me mostrar os cenários da viagem para que eu pudesse ter uma ideia de como era tudo por ali.

— Tem certeza de que aquelas figuras foram Homens da Superfície um dia?

— Sim e já fizeram muito pela terra, no sentido mau da coisa... — disse gargalhando.

Senti um asco do jeito daquele homem, mas gargalhei também, fingindo contentamento com ele.

— E o que eles fazem agora?

— Caçam homens envolvidos em corrupção, criminalidade, falsos religiosos e praticantes de todo tipo de ações que prejudicam outros, porque aqui é a profundidade, onde não tem nada de bonito, totalmente escuro, sem plantas verdejantes, com restos de árvores, animais peçonhentos... E se eles chegam aqui, pouco se sobra de algo humano, porém estão onde merecem viver.

Entramos numa espécie de laboratório e por lá havia várias pessoas dentro de equipamentos, com fios conectados no cérebro. Percebi que todos tinham cordões que os ligavam aos corpos físicos. Eram homens e mulheres que ainda estavam encarnados na Superfície, mas deixavam o corpo físico enquanto dormiam e ficavam ali.

— Olha onde eles vêm parar quando

adormecem lá na Superfície. São de várias partes do mundo, e depois que passam por essas máquinas, estão aptos para atuarem em vários campos, fazendo tudo o que queremos. Muitos são considerados gênios, homens tão respeitados em suas áreas que conseguem atrair multidões para segui-los, porém, com suas ideias, atrasam o crescimento do povo local.

— Engraçado, aprendi sempre que o Deus do bem ensina que após a morte do corpo seguimos para um lugar onde brilham as estrelas do firmamento, mas nunca aprendi que dormindo íamos para algum lugar nos transformar em fantoches — falei.

— Encarnado, aprendi muitas coisas sobre bem e mal, porém, aqui me foi mostrado que em vida, se formos maus, dormimos e caímos nessas armadilhas nas profundezas da terra. Se continuarmos a ser maus, quando morremos, nos tornamos trabalhadores do mal para trazer obstinados para cá. Estamos num

Submundo que faz parte da Terra. Os Homens da Superfície têm poder e todas as regalias que nós, aqui no Submundo, proporcionamos quando nos solicitam — respondeu Archimedes.

— E você, que conhece tanto, o que me diz do clarão que leva os nossos?

— Ah! O clarão. Já ouvi dizer. Como vigiamos constantemente nossos territórios, sentimos que algo está diferente, mas não podemos ver. Essa espécie de clarão vem de vários cantos da Terra, de estações que são dominadas por Seres da Luz, que dizem ser do bem.

— Esses Seres da Luz seriam deuses e deusas?

— Olha, sei que são poderosos e que quem é levado por esses Seres da Luz não volta mais. Embora se pareça com um clarão, tudo acontece muito rápido que nem conseguimos definir como são. Uns dizem que são máquinas sofisticadas e outros que são

anjos. Há muitas controvérsias sobre isso. Eles não devoram ninguém, simplesmente levam.

— O que se pode fazer para impedir que isso aconteça?

— Não é possível, Sultão, pois esses Seres da Luz apenas captam chamados mentais de quem está buscando ajuda para sair daqui, por isso não devemos permitir que os nossos pensem por si próprios. Devem acreditar que são devorados por esse clarão para que temam ser levados. Assim, não tendo condições para reagir e pedir ajuda, se convencerão que não há saída quando caem aqui.

Então era isso! Raciocinei. Na realidade, esse clarão, semelhante ao ‘clarão de relâmpago’ ao longe, se tratava de seres opostos ao lado em que eu estava vivendo naquele momento. E quando apareciam, era atendendo ao chamado de alguém que queria sair dali. As palavras de Archimedes foram muito esclarecedoras, mas eu ambicionava seu

território e já me via comandando tudo ali, porém me contive e aceitei o que ele estava oferecendo, que era sua amizade e cooperação. Juntos, criaríamos uma força tática para que nada passasse despercebido em nossos territórios, raciocinei comigo.

Tudo que vivi na Terra parecia longínquo agora. Eu nem me importava mais se meu filho havia me matado. Deixei a vingança contra ele de lado, por algum tempo, para pesquisar outros assuntos. O que me interessava era o poder, ser o Senhor em potencial de tudo e de todos. Fiquei pensando há quanto tempo eu estava ali. Havia perdido a noção.

Helena estava apreensiva! Havia me dito que, por motivos políticos, derrubaram um reinado corrupto e degolaram os reis, cuja rainha era uma mulher em quem ela colocara um aparelho nos órgãos genitais.

— E onde foi parar essa mulher que morreu?

— Não veio para cá, mas aonde ela for verão o que tem implantado nela e não quero que caia nas mãos de outros. Infelizmente, temos muitos inimigos que, assim como nós, estudam e constroem projetos sofisticados e de alta tecnologia, mas temos quem copia também. Esse aparelho é muito importante para o nosso trabalho, pois a mulher que tem um desse introduzido, transformará seu homem numa marionete, fazendo tudo que ela quer. Esses reis que morreram viveram na luxúria, em cima do sofrimento de seus súditos. Há um outro homem ambicioso que também tem um implante no cérebro para fazer o que nossos inimigos querem. A coisa, porém, não vai parar por aí! O objetivo de nossos opositores é de continuar a revolução, o que significa que ainda haverá muito sangue derramado. Nos cabe nesse momento apreciar o resultado dos acontecimentos e nos inebriar com muito sangue espalhado pela cidade.

E a cidade da Superfície estava coberta

por nuvens escuras, com muitas pessoas mortas e sangue espalhado por todos os lugares. Logo que chegamos observei alguns seres escuros em cima dos cadáveres, semelhante a aves negras devoradoras.

— Helena, quem são aqueles em cima dos corpos?

— São os Vagabundos da Superfície, que não prestam para nada, muito menos para serem nossos escravos. Estão sempre atentos para sugar os fluídos das vítimas de desencarnes coletivos. Gostam de necrotérios, cemitérios, guerras, hospitais e matadouros, e se sustentam assim. Têm outros tipos de Vagabundos que ficam grudados em paredes de locais onde existem abusos sexuais e todos os tipos de práticas ilícitas, e eles se alimentam dessas energias.

— Você sabe bastante coisa. Onde aprendeu tanto?

— Sultão, eu estudo muito e você deveria fazer o mesmo. Quem não se esforça



para o saber fica para trás. E você é um homem que tem grande potencial, embora rústico, prepotente e preconceituoso com relação às mulheres. Mas, quando voltarmos, quero que conheça a escola onde estudo e os Mestres do Mal.

Helena me achava tudo aquilo, mas a verdade é que eu ainda tinha arraigado em minha mente tudo que aprendera em vida como Sultão. Óbvio que me deu vontade de dar na cara dela, no entanto, me contive, preferi deixar minha vontade pra lá e observar mais atentamente aquela mulher que, embora mal-educada e desrespeitosa, tinha traços de rara beleza. Apesar das roupas rasgadas, tinha o porte de uma rainha.

— Não me devore com os olhos, Sultão  
— disse ela.

— Confesso que estou admirado. Até que é uma mulher linda e inteligente.

— Sultão, você não me convence com esses galanteios baratos, porque vem de um país

da Superfície, em que homens de sua laia sempre enxergaram e enxergam a mulher como sendo um buraco para introduzirem seus membros sujos e fazerem uma porção de filhos, acreditando que isto é sinônimo de masculinidade. E mais: seu desencarne não serviu para mudar essa mentalidade.

Não gostei nada do que Helena disse, mas por outro lado entendi tudo o que quis dizer. Na verdade, eu não havia matado minhas esposas com a cimitarra, mas quando as enterrei no harém e nunca mais olhei para elas por estarem velhas e feias. Dei de ombros, no entanto, a esses pensamentos.

## Ksathra

Mentalmente, Archimedes pediu que eu fosse até as grutas, pois um homem chamava por mim. Ao chegar lá, fiquei surpreso. Embora com o corpo horrivelmente coberto por chagas enormes, reconheci Ksathra, o eunuco.

— Por que está aqui?

— Eu fiquei muito doente, jogado nas ruas, então, morri e uns homens me trouxeram para cá.

— Só vem para cá quem cometeu erros graves.

Ksathra, à minha frente de cabeça baixa, numa postura de arrependimento, desabou a chorar.

— Perdão, senhor, eu quero sair daqui e me arrependi tanto do mal que fiz à pequena Ayesha.

— Ayesha!

Meus olhos sem brilho se encheram de lágrimas. Tudo parecia distante, já nem me lembrava quase dela. O mal havia tomado conta do meu coração de uma forma que todo aquele sentimento que nutri havia se desvanecido. Mas ouvir falar de Ayesha causava uma grande emoção que mexia no mais profundo do meu ser e agora entendo que momentos como esse me tornavam vulnerável. Ksathra continuou seu relato...

— Quando a senhora Iismhir-On me chamou e pediu para ajudá-la a destruir a menina Ayesha - pois ela era uma feiticeira que havia encantado seu marido - eu fiquei assustado, mas não acreditei que aquilo fosse possível. Eu cuidava das flores perfumadas que a menina plantou, eram lindas, não eram flores enfeitiçadas para prender o senhor. A senhora Iismhir- On, porém, sabia que só eu tinha acesso ao quarto da menina, como o senhor ordenou. Então, insistia todos os dias. Ela me deu uma pequena fortuna para que eu

ajudasse em seus planos. Nada aconteceria comigo, pois ela me ajudaria a sair do palácio. Eu me senti muito feliz, pois com a fortuna eu seria dono de um pequeno pedaço de terra para recomeçar a minha vida em algum lugar. Estava cansado de muitas coisas e tinha sonhos.

Eu escutava atentamente, revolvido pelo ódio.

— Todos os dias eu levava a bandeja de uvas, mas sabia que algumas que ficavam por cima tinham sido banhadas com um veneno em pequena quantidade. A menina, por alguns dias, comeu e nada sentiu. Numa manhã, porém, ela abriu a porta do aposento sentindo dores no ventre. Minha função era avisar a senhora Iismhir-On no dia em que a menina começasse a sentir as dores. Quando dei a notícia, ela sorriu e disse:

— Agora, só mais alguns dias e tudo estará terminado, ela morrerá de tanta saudade do Sultão. — E saiu dando gargalhadas.

— Eu senti uma pena da menina pelas dores horríveis. Tinha tanta fome, mas com o ventre corroído por dentro não conseguia comer nenhum alimento. Às vezes me pedia uma uva, então eu lhe dava a fruta envenenada e, assim que mastigava e engolia, vomitava tudo misturado com sangue. A porta do aposento não ficava mais trancada, tal o estado de saúde dela. E uma manhã, quando entrei lá, observei atentamente a menina e senti que lhe restava pouco tempo de vida. Ela percebeu que eu a fitava e através de seu olhar entendi que sabia que estava sendo envenenada por mim. O que mais doeu e que nunca mais esqueci foi a pergunta que seus olhos me fizeram, do porquê que eu havia feito aquilo. Me senti mal e, arrependido, prometi a mim mesmo que não entraria mais naquele quarto, porém, sugeri à sua mãe que avisasse o senhor sobre o que estava acontecendo com sua esposa. Minha consciência me acusava da tamanha maldade que eu ajudei a fazer, mas precisava ficar

calado. Depois da morte da menina Ayesha também morri por dentro todos os dias. Chorava sempre que me lembrava.

— Eu me lembro como se fosse hoje que, no mesmo dia que cheguei ao palácio, ela fechou os olhos. Você é um miserável assassino!

— Depois de sua morte, parti para outras terras, tentei apagar meu passado de escravo, me apaixonei por uma linda mulher que dizia me amar. Porém, quando soube que eu havia sido um eunuco, ela me deixou e ainda espalhou para todos sobre quem eu era. Tentei reconquistá-la, pois gostava dela demais, mas essa mulher riu de mim e, num acesso de ira, apertei seu pescoço e matei meu amor. Procurado por todos como um assassino, fugi para outro lugar e nunca mais consegui refazer minha vida. Vivi até o fim como fugitivo, com medo de me identificar e me descobrirem. Sem família e sem dinheiro, mendiguei por muitos anos até que meu corpo coberto de chagas se

definiu e eu vim parar aqui. Eu sabia que havia morrido, mas nunca imaginei que iria cair numa prisão dessa.

Eu sabia que os piores da Superfície, depois que morriam, caíam ali, mas envolto no ódio, nem raciocinei que minha condição também não era diferente, pois também estava incrustado naquele lamaçal. Eu precisava pensar no que iria fazer com aquele homem e a primeira ideia que me veio foi a vingança de Joel, que mantinha o espírito do matador de sua filha ligado naquela máquina. Mas, sem querer ouvir mais nada, mandei que o devolvessem à cela, ao que foi levado, gritando em desespero. E esse sofrimento para ele, naquele momento, me satisfez.

Helena me levou ao lugar onde fora esmeradamente treinada. Era um prédio escuro, como tudo ali, mas, os longos corredores eram iluminados por olhos de uns bichos negros que não identifiquei o que era. Das paredes escorriam gosmas igualmente



negras e o cheiro era estonteante.

— Sultão, não firme seu pensamento no que vê e tudo passará a ser natural. Esse é seu primeiro aprendizado.

— Está bem, mas estou curioso.

— Você já está há algum tempo por aqui e devia saber disso.

— Eu não tinha ninguém para me ensinar.

— Tinha sim, mas você nunca se permitiu aprender. E por falta de atenção, só respondiam aquilo que você perguntava, muitos tem medo de te contrariar.

— Medo de mim? Ri...

— Claro que sim. Você pergunta o que quer e depois não permite que ampliem outros ensinamentos, pois se fecha. E assim ninguém tem coragem de dar sequência a outros esclarecimentos.

— Olha que para uma mulher que diz bobagens você é até observadora. Nunca gostei que ninguém ficasse me explicando

coisas e dizendo o que devo fazer.

Ela me olhou e balançou a cabeça, consternada. Enfim, chegamos na sala principal da escola. Quando entramos, todos se voltaram e reverenciaram a nossa chegada. Olhei orgulhoso para Helena, achando que toda aquela postura era para mim. Mas, um por um daqueles homens beijaram-lhe a mão esticada com toda feminilidade. Eu fiquei ali, sem graça, até que todos a cumprimentaram. Depois cada um me fez um leve aceno com a cabeça e todos voltaram aos seus lugares.

Helena foi me apresentando e dizendo todos os nomes daqueles homens que, em vida terrena e em diferentes épocas, foram importantes na Superfície. Confesso que de poucos eu ouvira falar, mas ela alegremente mencionava os feitos de um por um. Para se ter uma ideia, Helena me apresentou imperadores, governadores e políticos. Um deles, extremamente orgulhoso, eu chamo de Incendiário. Outro imperador, o Promíscuo, se

relacionava com homens, mulheres, animais e proporcionava festas regadas à farta comida e sexo. Outro foi governador, que chamarei de Provinciano. Havia também homens religiosos, como Libertino. Eu não estava nem um pouco interessado sobre quem eram aqueles sujeitos, porém, uma mulher me chamou a atenção, então, quis saber sobre ela e Helena respondeu:

— Esta é a Dançarina.

— E o que ela fez de importante?

— Pergunte para ela.

A mulher me olhou e sorriu, dizendo:

— Com minhas curvas e meu rebolado, ganhei a cabeça de um homem na bandeja. Então, entrei para a história — disse a mulher gargalhando.

Não entendi nada do que falou, mas se ela fazia parte dos Mestres do Mal, imaginei que tivesse sido um feito e tanto. Dei pouca importância para a tal mulher. Na minha mente ainda tinha reservas quanto à inteligência de

mulheres.

Todos eram estranhos, orgulhosos de terem sido o que foram em vida na Superfície. Não podia negar que eram pessoas com extrema sabedoria para praticarem o mal sem dó e nem piedade.

Com os ensinamentos que recebi, eu não demorava nada para captar o que queriam dizer. Percebi que meu cérebro deu um avanço espetacular e logo eu já ria e conversava com todos, que deixaram de ser estranhos. Dei uma revisada na história do mundo antigo e compreendi quem foram aquelas pessoas e que influência elas tiveram no mundo em que viveram. Então, disse Libertino:

— Sob o meu comando, meus alunos controlam um lugar onde só é permitido acesso ao sexo masculino. O que mais influencio são os desejos carnis. A noite é uma delícia! Homens jovens e vigorosos atendem aos desejos dos anciãos dado às lascívias, levando-os à loucura e à ansiedade de reprise.

Satisfazem todas as formas de sexo. Eu adoro isso. Fico inebriado só de pensar, pena que não posso mais participar dessas atividades.

— Eu gosto das guerras, aldeias queimando, homens, mulheres e crianças sendo rasgados por leões, o cheiro do sangue fresco — disse o Incendiário.

— Como autoridade, permiti que matassem um fanático. Mas foi a melhor coisa que fiz, porque depois de sua morte a vida na Superfície mudou, pois muitos seguidores dele há séculos permanecem cegos e loucos, enriquecendo às custas de sua fama, vivendo nababescamente envoltos em moradias e vestes caríssimas, perseguindo, mentindo, matando e convencendo muitos da necessidade de serem pobres para ganhar o céu. Esse sim, foi um grande feito — gabou-se o Provinciano.

Embora soubesse do poder daqueles homens, percebi que se vangloriavam de feitos antigos. Mas eu era um homem de mental forte

e inteligente, então, decidi uma coisa: queria mesmo era tomar posse do que era meu, procuraria conhecer tudo, até aqueles homens, porque brevemente eu dominaria tudo e conseguiria o respeito de todos. Pelo menos era o que eu achava.

Comecei, porém, a olhar Helena com outros olhos. Estava muito admirado de tudo que ela fazia. Quando a chamei ao palácio, delicadamente beijei-lhe a mão.

— Quem é você Helena, mulher tão completa?

— Para isso que me chamou, Sultão?

— Nunca vi uma mulher tão inteligente como você e eu quero saber mais.

— Esqueça, Sultão, o que fui não tem nenhuma importância, mas sim o que sou agora.

Dito isso, Helena lançou um olhar sobre mim, se aproximou e me beijou longamente. Era bom, nunca havia beijado uma mulher na boca. Na cultura da qual eu vim isso não

era comum, mas retribuí e achei uma loucura. Não sei quanto tempo durou tudo aquilo, mas não queria que acabasse nunca. Depois ela se levantou e foi embora. Eu estava enamorado dela e, agora, não queria deixá-la partir., Embora Mimi fosse minha mulher principal, era só mais uma. Era de uma mulher como Helena que eu precisava para me completar.

Eu estava descobrindo sempre uma coisa cruel desses Mestres do Mal e até que os achava engraçados. Eram figuras desformes, com roupas rasgadas e imaginando-se ainda no poder. Claro que questionei Helena sobre isso, então, ela me surpreendeu com a resposta.

— Esses espíritos não querem reencarnar, pois se isso acontecer, suas memórias ficarão no esquecimento e, com isso, retardarão seus planos de destruir os Homens da Superfície. Porém,, por estarem aqui há muito, vão perdendo suas formas, mas se manterão assim enquanto puderem. Somos nós seus alunos que reencarnamos para

cumprir os projetos de destruição deles. Claro que, chegará o momento em que eles não poderão prorrogar o reencarne, mas demorará muito ainda.

Ali a aparência não era importante e sim a influência que suas mentes sanguinárias podiam exercer sobre um rei, um religioso, pessoas comuns, enfim, sobre todos os Homens da Superfície que se aliavam mentalmente com esses seres através de seus sentimentos, palavras e ações. Aprendi em pouco tempo que ali era um mundo criado e alimentado por pensamentos e sentimentos. Que o ódio era um dos elementos importantes ali para manter tudo aquilo funcionando. Eu sabia que o poder mental funcionava, pois eu transformei minhas roupas que, por sinal, nem me importei de trocar mais. Ali não se comia, não se banhava, não se trocava as roupagens, então, ninguém se lembrava disso. No entanto, os prazeres eram essenciais, sexo era uma delícia e não tínhamos limites!



Andando por ali, vi de longe e rápido um facho de luz. Eu me assustei, pois esse facho desceu nas grutas. Será que os Seres da Luz atenderam a algum chamado?

Mentalmente, enviei mensagem a Archimedes, que prontamente chegou.

— Sultão, eu vi aquele facho, foi muito rápido, mas não aconteceu nada, ninguém foi levado.

— Passaram por nossas defesas?

— Se alguém se arrepende a ponto de ser ouvido por eles, não tem defesa que impeça.

Em uma das aulas, questionei sobre os Seres da Luz aos Mestres do Mal.

— Esses Seres da Luz não têm chance para brilhar aqui, pois a única coisa que brilha são os olhos de nossos animais guardiões nos corredores — disse a dançarina sorrindo.

Todos riram. Mas Helena, muito séria, se adiantou para explicar.

— Esses Seres da Luz se acham superiores a nós e atendem quem pede ajuda

para sair da situação em que está.

— Superiores a nós? Até parece! Nós dominamos tudo na Superfície — disse o Governador.

— Podemos dominar muitos aqui e na Superfície, mas devemos nos preocupar com aqueles que começam a pensar por conta própria, refletir e mudar suas atitudes. Aqueles que se arrependem e que recorrem a esses Seres da Luz em busca de ajuda — respondeu Incendiário.

— Não nos envolvemos com esses Seres da Luz. São os protegidos dos Seres Angélicos e nem devemos nos preocupar, porque enquanto conseguem levar um, nós conseguimos muito mais e com menor trabalho — disse Provinciano.

— Eu acreditava que existia um Deus do Bem que, ajudado pelos Anjos, levava os que mereciam, e um Deus do Mal, que castigava eternamente.

— Mas as coisas não são assim, Sultão,

esquece essas crenças religiosas e fixa sua mente e desejo no poder, um poder verdadeiro — respondeu Helena.

— Então me explique, pedi.

— Poder de destruir, porque isso é bom, digno, compensador e nos vingamos de tudo que fizeram contra nós e ainda ajudamos a quem quiser executar suas vinganças contra os inimigos. Esses Seres da Luz até tentam impedir isso, dizendo que trabalham para o bem, porém, bem é o que fazemos aqui.

Na sala de aula todos bateram palmas concordando plenamente com as palavras de Helena e Provinciano concluiu:

— Eles levam a minoria e nós trazemos a maioria!

— E tem mais, Sultão, não pense que essa é a única escola que existe. Temos verdadeiras Universidades com tecnologias e ensinamentos mais avançados, com graduação para quem quiser se aperfeiçoar. À medida que os séculos se passam, vamos nos atualizando,

pois não é lícito ficarmos desinformados das novidades em que o mundo vive. Épocas se passam, outras gerações surgem, mas as pessoas continuam com seu modo de pensar, absorvidas por crenças, egoísmos, ódio e vingança. E isso é tudo que precisamos para nos fortalecer — discursou o religioso Libertino, com grande autoridade.

— Há séculos implantamos os aparelhos nas cabeças dos diversos líderes religiosos para que convençam seus adeptos para que se tornem fanáticos e perseguidores daqueles que não compactuam com suas crenças, tendo como resultado grandes perseguições religiosas — afirmou outro religioso.

— O que vem a ser isso? — perguntei a ele.

— Vejo, meu caro, que está bem por fora das notícias. Onde estava até agora que não se atualizou?

— Fiquei concentrado em meu trabalho no território — respondi ingenuamente.

Todos riram de mim. Helena me olhou com um jeito atravessado, pois eu estava sendo ridicularizado por aqueles homens e não tinha resposta para nenhuma pergunta que me faziam. Então, ela se adiantou e respondeu.

— É um Tribunal Religioso! Foi estabelecido por Líderes Religiosos para condenar pessoas que não aceitam seus ensinamentos e praticam atos que estejam contrários aos ensinamentos deles.

— Eu nunca ouvi falar.

— Claro que nunca ouviu falar, está adormecido e fora da realidade, preocupado somente em conquistar territórios. Te digo, Sultão, você tem que mandar nos Homens da Superfície e não aqui, pois todos estão sob o seu domínio — falou Libertino, me apontando o dedo!

— Apesar de tantas conquistas, você possui um exército de merda — esboçou outro Militar.

Fiquei possesso e o enfrentei sem temor,

tentando me manter calmo.

— Mas onde está a maioria que vocês ajudaram a matar nessa perseguição religiosa?

— Sultão, você sabe que temos inimigos por todos os lados e, lógico, quando morrem na dita fé em Deus, essas pessoas rumam para outras fronteiras. Mas uma coisa é certa: atingimos os objetivos, destruímos quem temos de destruir e há séculos prevalecem nossas leis — respondeu o religioso Libertino.

— Claro que seriam mais espertos se tais criaturas se juntassem a nós — comentou Incendiário.

— Eu me proponho a explicar direitinho o que precisa fazer para unir nossas forças — disse Helena.

Olhei a sala de aula e ela estava repleta de alunos sendo ensinados de uma forma esmerada, a arte de destruir mentes, casamentos, lares, cidades, países, religiões e crenças. Valia a pena aprender muita coisa com aqueles Mestres do Mal, mas conquistar

territórios também era bom demais. Eu, na verdade, estava louco de paixão por Helena, porém meus pedidos para desposá-la eram sempre recusados. Ela alegava que nos relacionávamos bem, que não havia necessidade de maiores vínculos e sempre me aconselhava em relação à minha ânsia de conquistar territórios.

— Sultão, tire essa ideia de ser dono de tantos territórios, pois aqui você é Sultão só no nome. Seu sultanato era quando em vida e agora acabou. Aqui, você só é mais um de nós. Respeitado, sim, compreendo, mas por seres abaixo do seu padrão mental. Você viu como riram de você na escola? O que precisa é se especializar através das experiências que os Mestres do Mal passam. Note que eles são totalmente neutros a sentimentos inferiores que enfraquecem, como o amor, a bondade, a piedade, a misericórdia e outros. Com o passar dos séculos aprenderam a dominar essas emoções tolas. Não pode ser como em teu

sultanato lá na Superfície, onde você usava de flexibilidade e tratamento humanitário. Aqui precisa conhecer a história desses homens e utilizar essa qualidade. Tenho certeza de que à medida que cada qual vai se aprimorando, vão ter prazer em fazer e não terão oportunidade de pensar e desviar a mente para outra finalidade.

Helena segurou minha mão e me levou até a sala onde estavam amontoados os escravos que foram tirados da rede.

— Veja esse homem, parece um coitado, não é mesmo? Vamos penetrar no mental dele.

Helena se aproximou, passou a mão sobre a cabeça do homem e, de repente, estávamos numa casa humilde.

Uma mulher dera uma vasilha com alimento para que a criança levasse ao seu pai, num pequeno roçado um pouco distante da casa. A criança chorou e pediu para não ir. A mãe, nervosa, insistiu para que o menino fosse e ele foi chorando.

Pouco depois, vimos o pai despir a



criança e se relacionar sexualmente com ela. Enojado, virei o rosto.

— Sultão, você tem que olhar para isso sem nenhuma emoção. E o fato deles sofrerem aqui, que sofram, pois ninguém aqui é inocente. Treine ele e mande para algum lugar. Desta forma, toda a experiência que ele tem, certamente vai distribuir para quem tem a mente voltada à pedofilia.

— Olha a carinha daquele senhor humilde, por exemplo. Vejamos o que, na verdade, ele esconde.

A visão foi terrível! Num toque visualizamos o velho se transformar num jovem garboso e viril, porém, ciumento. Depois de noitadas bebendo, jogando e se relacionando com prostitutas, o homem voltava para a casa e espancava sua esposa, acusando-a de traição. A mulher estava grávida e, numa tarde, ele a espancou para que dissesse de quem era o filho que esperava. E ela morreu de tanto apanhar... O homem

abriu uma cova no fundo do quintal e enterrou a mulher grávida e uma mala de roupas dela. Para todos confessou que, quando voltou de viagem, ela tinha ido embora.

Ele ficou triste e depressivo, então a irmã da mulher, penalizada com a situação do cunhado, ia limpar a casa e fazer-lhe as refeições. Passaram-se alguns meses e a moça já estava dormindo com ele e por lá ficou. Se casaram. No começo foi tudo belo, mas com o tempo ele voltou às farras e, por não amar a mulher como amou sua irmã, ele começou a espancá-la.

Ela já tinha dois filhos com ele, porém a vida continuava a mesma, cheia de violência. Certa tarde, ela lavava roupas, até que o cachorro da família se aproximou com um osso na boca. Ela, distraída, não deu muita importância ao fato. Estendeu suas roupas e parou para observar o tempo. Foi quando algo colorido num buraco chamou-lhe a atenção. Ela se aproximou e viu que era uma mala

semiaberta. Olhou o cachorro e puxou o osso da boca dele. Era o osso de um braço. Desesperada, buscou uma pá e cavou. Qual não foi sua surpresa ao ver sua irmã enterrada ali? Só que o marido estava chegando e assistiu a tudo aquilo. Então, ele não pensou duas vezes e atirou nela e no cachorro. Fez um buraco e enterrou todos. Em cima, plantou uma horta. Ficou meses cuidando das crianças pequeninas para não levantar suspeitas.

Um dia, deixou as crianças na casa da avó, dizendo que as duas esposas o abandonaram e ele não aguentava mais aquela vida. Vendeu a casa e foi embora da cidade. Com o passar dos anos, se casou novamente e teve outros filhos, mas a bebida o castigou com uma úlcera enorme no estômago que o levou à morte vomitando sangue! Ele nunca pagou pelas mortes das esposas. Morreu velho e cuidado pela terceira esposa que sempre acreditou ser ele o melhor homem do mundo.

— Faça isso, Sultão, e obterá grandes

súditos.

— Você tem razão, vamos utilizar melhor esse bando de inúteis.

E foi assim que encaminhei esses seres para vários lugares da Superfície, para induzir pessoas à bebidas, práticas de estupros, brigas, assassinatos, roubos e destruição, tudo de acordo com o padrão mental de quem era obsediado.

## **Meus pontos fracos, minha derrota**

Percebi que em alguns territórios os povos passavam por grandes lutas e a perseguição religiosa era algo que muito me atraía. No laboratório, incluíamos nas mentes das pessoas os projetos de novos aparelhos de execução. Nossos escravos atraíam os perseguidores até as residências de quem queríamos que morresse. Muitas mulheres trabalhavam no ofício de parteira e eles induziam a serem acusadas de bruxas, que eram executadas na fogueira.

Enquanto seus corpos ardiam no fogo, em meio aos gritos de dor, eu e Helena nos regozijávamos, ríamos muito, nos beijávamos, fazíamos sexo ali diante de todos. Tínhamos prazer de ver suas carnes assarem.

Certa noite, Joel trouxe um homem extremamente assustado.

— Que houve, Joel?

— Esse é Heitor. Ele estava na casa de uma mulher que ia ser acusada de bruxaria.

— Sim, senhor Sultão. Eu entrei lá para induzir os homens a pegá-la, mas, de repente, uma luz muito forte a envolveu. Fiquei ali prostrado, sem forças para nada. Os homens entraram e não a viram. Tentei avisá-los que ela estava ali, mas não teve jeito, eles foram embora. Depois que saíram, ela voltou ao normal. Aquela luz me queimou e fiquei assim, chamuscado.

— Que vem a ser isso?

— São os Seres da Luz?

— Apenas sei que não posso chegar mais perto da casa. Tem uma espécie de rede protegendo aquela mulher.

— Esse homem fala muita bobagem, pode ir. Verei isso com meus próprios olhos.

Fomos até o local que o homem nos indicou. Andei pelo jardim da casa e por lá havia muitas plantas cheirosas que me ardiam

as narinas de tão forte. Caminhei até a soleira da porta e, de repente, levei como se fosse um choque e fui jogado longe. Xinguei todos os palavrões que conhecia.

— Que merda é essa? Que significa isso?

— O homem tinha razão, Sultão, é uma coisa que desconhecemos e de muito poder.

Mentalmente chamei Iodes, que prontamente me atendeu. E, analisando tudo com muito cuidado, concluiu:

— Um sistema de segurança altamente potente, provavelmente provocado por alguma pedra preciosa que essa mulher deve possuir. Ela deve ter imantado com alguma reza forte e houve a junção com o poder que a pedra já possui, criando esse campo de força.

— Como se desfaz isso?

— Não sabemos. Enquanto ela se mantiver em oração, dificilmente poderemos penetrar em sua casa.

— Você está me dizendo que não temos

uma maneira de arrebentar isso e pegar essa porcaria de mulher?

— Estou dizendo sim. Se nós criamos fortalezas para destruição, esse povo também cria fortalezas de proteção. Ela não é uma mulher qualquer. Olhe os canteiros de ervas que possui.

— Esse matagal aí é tudo erva?

— Sim, senhor. Não devemos tocar, algumas nos causam altas toxicidades, inclusive, com o poder de destruição.

— Você não está falando sério...

— Estou sim. Acredite! Vamos sair daqui o mais rápido possível. Tem algumas ervas aqui cujo o cheiro é altamente tóxico.

Saímos dali, mas eu estava decepcionado. Queria acabar com aquela mulher a todo custo. Não era possível que nossos ataques falhassem por causa dessas coisas todas. Eu precisava ver o que protegia aquela mulher. Era noite, certamente ela não sairia de casa. Porém, no outro dia sim, então



eu ia ficar ali até o dia amanhecer e verificar pessoalmente.

O novo dia chegou e a mulher saiu da casa normalmente para jogar água nas suas plantas. De longe observei atentamente o que pude. Notei que no pescoço da mulher uma pedra vermelha reluzia. Era um cordão de ouro com uma pedra de rubi que eu conhecia muito bem, pois possuía várias em meu sultanato. O rubi agora me ofuscava os olhos, me causando mal-estar. Logo depois a mulher colheu algumas ervas e cruzou os cantos de seu jardim com elas. Percebi que de cada canto saíam faíscas azuis. A mulher repetia várias vezes uma espécie de mantra:

— Do portão o mal não passará. Do portão o mal não passará. Do portão o mal não passará.

Cada vez que a mulher cruzava ali com aquela erva e falava aquelas palavras, eu via chispas saírem e desfazerem aquela espécie de nuvem escura do quintal. A mulher entrou na

casa, mas, ao longe, pude ver a casa e o quintal contornados por uma luz azulada. Decepcionado, voltei ao meu palácio.

Eu estava inconformado com aquilo, imaginando como seria se todos tivessem aquela ideia de se proteger, nossos ataques seriam inúteis.

Mimi me aguardava chorosa, querendo minha atenção, e eu estava completamente impaciente.

— O que quer, Mimi?

— Sultão, você não me chamou mais para vê-lo e estou tão saudosa, mas vejo que só tem olhos para Helena e não me ama mais como antes.

— Mimi, crise de ciúmes a esta altura eu não vou suportar. Não gosto de ser assediado, nem me cobre atenção, volte para o harém.

— Sultão, me perdoe, mas sinto que não me olha como antes.

— Sou um homem muito ocupado.

— Mas vejo o senhor para cima e para

baixo com a Helena.

— Pedi que se casasse comigo, mas ela não aceitou.

— Eu jamais recusaria a um pedido de casamento seu.

— Mas você é diferente dela.

— Claro que não sou, tenho tudo que ela tem.

— Menos inteligência.

— Sultão, assim você me ofende.

— Pode se retirar, preciso pensar, tenho coisas para resolver.

Ela saiu chorando. Então, me recordei das esposas que desprezei e da traição que me fizeram. Precisava ficar atento quanto a isso. Assim, chamei Mimi de volta e fizemos sexo, o que ela sabia fazer muito bem.

Fui até a escola do mal para conversar com o religioso Libertino.

— Sultão, você precisa saber uma coisa — disse ele.

— Diga.

— Existe uma lei que foi implantada aqui em nossa escola, desde os tempos primórdios, que precisa ser cumprida por todos.

— Verdade? O que é?

— A lei de nos unirmos para destruir sem piedade alguém que nos coloque em perigo.

— E quem está colocando vocês em perigo agora?

— Por enquanto, ninguém. Mas já estou esclarecendo, caso isso aconteça, para ficar ciente.

Foi um aviso incompreensível naquele momento, mas agradei do mesmo jeito, pois estava interessado em achar um meio de matar a bruxa.

— Obrigado por avisar, mas quero que me diga uma coisa. Que se faz quando uma bruxa usa seus poderes para se defender de nosso ataque, ficando até invisível aos seus inimigos?

— Quem é essa? — pergunta Libertino

assustado.

— Uma mulher que mandamos perseguir.

— Se uma mulher tem esses poderes todos, sua perseguição corre perigo.

— Pois é, por isso vim conversar contigo.

— Sultão, em toda a história as pessoas professam sua fé, mas morrem mesmo assim diante das pedradas, crucificações, leões, espadas ou da fogueira. A fé em Deus não impede que morram. Essa mulher superou a todos os ataques, mas não foi esse cordão de rubi ou as ervas que ela cultivava. É mais que isso! Mas todas as barreiras serão derrubadas se descobrir a fraqueza dela. Aí, certamente, não ficará de pé.

Coloquei Joel e mais dois companheiros para vigiá-la dia e noite até que descobrissem alguma coisa, mas nenhuma novidade surgiu por um bom período.

## Experiências no laboratório

E eu não via Helena há dias. Ela estava fazendo suas experiências no laboratório, juntamente com Iodes. Resolvi fazer uma visita para matar a saudade.

— Helena.

— Como vai Sultão?

— E essa aí, quem é?

— Uma escrava.

— Tem a pele muito bonita.

— Sim e quer ser poderosa em meio à escravidão e os abusos do poderio do rei. E eu vou dar esse poder para ela.

— Quer poder sexual?

— Sim. Quer conquistar seu homem branco e rico. Quer enlouquecê-lo de paixão.

Observei atentamente seu útero trabalhado por Helena e, pouco depois, a mulher se levantou e saiu.

E vejamos o que vai acontecer.

Num instante, estávamos no futuro, na

colônia, observei atentamente as casas, os negros sendo surrados e vários espíritos incitando os espancadores. Cada canto que eu olhava enxergava a mentira, a cobiça, o roubo e a escuridão. As escravas sendo cruelmente usadas pelos seus patrões brancos. Isso me fez refletir sobre a semelhança das atitudes dos Homens da Superfície e dos Seres do Submundo. Chegamos numa casa onde a bela negra e o homem estavam em intimidades, ele totalmente louco de paixão e disposto a fazer tudo que ela pedisse.

— Esse homem é muito rico e está louco de amor por ela. Mas te digo uma coisa, Sultão, eles nunca se casarão. No entanto, ele enfrentará tudo e todos por essa relação. Será um caso inédito, onde as negras dessa colônia são consideradas apenas como objeto de uso por seus donos. Mas ela é uma negra forte, está alforriada, será rica e terá a liberdade de fazer o que quiser de sua vida.

No laboratório, Helena cuidava de uma

jovem da Superfície e eu assistia a tudo. Enquanto Helena trabalhava, explicava que era uma jovem viúva, mãe de dois filhos, porém, estava interessada em desposar um General. Estava insegura, pois era um homem volúvel e com fama de conquistador. No útero dela, Helena colocou um dispositivo parecido com uma trave, que brilhava intensamente. Explicou que, assim que tivesse a primeira noite de amor com ele, o dispositivo destravaria de forma que ele ficaria fascinado e a pediria em casamento.

— Pode me dizer quem é?

— Claro! Esse General foi enviado pelos nossos professores para reencarnar. É muito ambicioso, inteligente e culto e, tão logo se case, estará pronto para executar o que está determinado. Em breve vamos até a Superfície assistir ao casamento — disse Helena rindo.

Se eu não tivesse comparecido, não acreditaria em tanta pompa. Mas lá estávamos assistindo o casamento do General do qual ela



falara. Era um homem de estatura baixa, sem nenhum atrativo, mas muito respeitado. A jovem viúva era dada a romances na corte que frequentava. O vestido da noiva era luxuoso, seu anel de casamento era realmente uma joia de raríssima beleza. À nossa volta estavam três espíritos exultantes e se congratulando pelo trabalho.

— Helena, por que esses espíritos estão comemorando?

— Esses espíritos fizeram um trabalho no mental do General. Em breve ele terá esse país sob o seu domínio e estenderá suas conquistas por outros povos, inclusive, poderá se unir ao Império em que você viveu. São projetos colocados na mente de alguém, impossível dar errado. Venha, vou te apresentar aos meus amigos.

Segui Helena e percebi que ela era muito popular e bem quista, onde quer que estivesse.

— Esse é Melchior, Anatoli e William.

— Helena, estamos em via de concluir mais uma etapa de tudo que foi planejado — disse um deles chamado William.

— Amigos, esse é o Sultão.

— Como vai, Sultão, sou William, cientista e médico. Já escutei falar da sua fama por aí.

— Obrigado — respondi orgulhoso.

— Sou Melchior, tutor do General. Estou com ele desde os 16 anos, quando começou a se sentir deprimido devido à sua feiura. Me aproximei e reverti essa situação, coloquei em sua mente a necessidade dos estudos e de se tornar um oficial do exército. Estou orgulhoso do homem que ele se tornou!

— E eu sou Anatoli. Uso minha habilidade para caçar e dar aos homens aquilo que eles mais desejam, que é o poder!

Os Homens da Superfície eram realmente comandados pelos desencarnados. Fui longe com minha memória, até a época em que era Sultão, um político envolvido com o

imperador e seus desmandos. Tinha a certeza de que havia espíritos comandando nossas mentes também.

Pedi para Helena que fosse comigo até meu palácio na Superfície. Eu sabia que tudo estava mudado e queria ver. Helena não me contrariou, apenas observou minhas reações quando cheguei ali no território que reconheci como sendo meu. O lugar estava diferente, os grandes territórios haviam sido divididos e não pertenciam a um só imperador. As casas eram mais próximas umas das outras e o deserto mais árido ainda. Meu palácio estava muito destruído, quase em ruínas, mas era uma espécie de quartel com muitos soldados sendo treinados.

— Seu país foi dividido, Sultão.

— Percebi! E para onde foram meus filhos?

— A propósito, Sultão, em que ano você morreu?

Faço aqui uma ressalva, para melhor

compreensão. Em minha época de encarnado, utilizava o calendário solar para orientação. As datas eram baseadas pelo movimento do sol. Expliquei à Helena que imediatamente compreendeu e fez os cálculos pelo calendário gregoriano, depois começou a gargalhar.

— Sultão, você morreu há mais de 400 anos e não existe possibilidade de haver ninguém de sua época ainda encarnado.

— Puxa, tudo isso? Que curioso, nem percebi!

— Não há tempo e nem espaço para nós, Sultão. Isso é criação dos Homens da Superfície. No início, dia era para se movimentar e a noite para descansar, mas criaram algo que os escraviza, que é o tempo, quando seria mais simples ficar apenas com as duas separações e os períodos de chuva, friagem e estiagem.

— Eu precisava voltar e ver com meus próprios olhos o que foi feito do meu território, palácio e familiares.

— Isso não tem mais importância, Sultão. Passado é passado e não vale a pena ficar remoendo.

Retornei ao Submundo, mas confesso que estava um tanto confuso. Havia desencarnado há muito tempo para a Superfície e não havia mudado em nada, permanecia do mesmo jeito. Naquele lugar não precisava me preocupar também com o envelhecimento e me lembro que, encarnado, a velhice me preocupava, pois já sentia o peso dos anos, sobretudo quando viajava pelo território e sentia enorme cansaço. Está certo que ali onde eu vivia não era um lugar de extrema beleza, mas de uma coisa tinha certeza: doença e velhice não me atingiriam e, pensando assim, retornei satisfeito aos meus afazeres e deixei para lá meu passado.

Archimedes estava cheio de ódio porque sentia que algo estranho estava acontecendo na cela de Ksathra e eu tinha certeza de que ele estava pedindo ajuda. Tinha certeza de que, se continuasse assim, a cela

seria invadida por esses Seres da Luz.

— Traga Ksathra para cá. Quero ver se alguém tem coragem de se aproximar para retirá-lo daqui.

— E vai deixá-lo onde?

— Olha, se vocês têm medo de enfrentar esses Seres da Luz, eu não tenho.

— Não é questão de medo. Eles são de dimensão muito acima de nós e, quando aparecem, é porque estão muito resguardados, não podemos enfrentá-los.

Ksathra foi trazido até minha presença. Olhava enojado para ele.

— Ei, seu escravo imundo, tem pedido para os Seres da Luz virem te buscar?

Sem entender, Ksathra respondeu:

— A última pessoa com quem conversei foi o senhor. Não sei quem são esses Seres da Luz.

— Se estiver mentindo, vou te destruir. Eu não quero fazer nada com você ainda, porque tenho outros planos, porém te digo uma

coisa: nossa história ainda não terminou. Ordenei, então, que o tirassem da minha frente. Ksathra foi levado para uma cela em meu território e eu fiquei ali me remoendo de ódio daquele homem.

— Sultão, o que pretende fazer com esse sujeito?

— Senti um gesto de bondade da sua parte, Archimedes, ou foi impressão minha?

— Vou te falar uma coisa: não sei o que é esse sentimento há muito tempo.

— Matou sua mulher também e por isso está aqui?

— Nunca fui casado.

— Mesmo? Nunca teve uma esposa?  
Por quê?

— Porque eu gostava de homens, tive muitos.

Até então nunca tinha visto um homem que gostava de outro homem, porém nem me assustei mais, meus conceitos estavam se modificando.

— Era casado com homem?

— Não, mas amei perdidamente um capitão da cavalaria, homem lindo, alto, elegante e garboso montado em seu cavalo, com sua farda impecável.

Ri gostosamente da forma como ele descrevia o amante e, com muito bom humor, falei:

— Capitão? No mínimo ele te fuzilou.

— Não. Ele também me amava, tanto que vivemos um intenso romance. Sabe, eu era um homem muito bonito, tinha traços delicados. Hoje entendo que nasci em corpo errado, pois deveria ser uma mulher, me comportava como tal, mas a sociedade jamais permitiria que eu me trajasse como uma. Minha irmã conhecia minha vida e me respeitava muito e juntos íamos à modista para fazer lindos vestidos como se fosse para ela. Depois de prontos, ela me mandava. Assim, no meu quarto, me vestia para meu capitão.

Archimedes relatava sua história, sua



expressão rude se desfez para dar lugar à uma imensa dor, misturada ao ódio da traição que viveu. Fiquei olhando Archimedes atentamente, enquanto continuava:

— Foram dez anos vivendo com ele, porém as visitas à minha casa escassearam e, quando vinha, ficava pouco. Ele alegava que era devido às responsabilidades que tinha na cavalaria. Mas eu sabia que não era, porque sempre trabalhou e tinha tempo para mim. Minha irmã, sempre que me visitava, pedia para que eu deixasse para lá. Parece até que ela sabia o que estava acontecendo. Mas eu morria de amor por ele e chorava dia e noite a sua ausência. E um dia resolvi ficar na espreita para ver o que ele fazia quando estava fora da cavalaria. E o que eu imaginava estava acontecendo. Ele estava noivo, com o casamento marcado. Me jogou fora como lixo, me trocou por aquela vagabunda e ladra.

Archimedes inflamava enquanto contava.

— Eu preparei a vingança bem direitinho. Mandeí chamá-lo, alegando que estava muito doente. Ele, muito a contragosto, veio. Na cabeça dele, nem imaginava que eu sabia de tudo. Falei que estava muito mal, morrendo de amor. Claro que ele me consolou, mentindo que trabalhava demais, porém iria tirar tempo para nós. Pedi que ele se deitasse ao meu lado como antes. Eu o abracei, beijei, falei da minha saudade e que ficasse comigo um pouquinho. Ele aceitou. Numa rapidez, saquei a arma que estava embaixo do meu travesseiro e atirei na cabeça dele. Foi um tiro só e meu amor estava morto! Eu o despi e a mim também. Me deitei ao lado dele e dei um tiro na minha boca. Morri e caí num abismo, um bando de espíritos lá de baixo me pegou e me levou ao chefe.

— E como você se tornou chefe?

— Eu fui o homem dele. Ficou encantado por mim, nunca tinha visto um homem tão sensual em sua vida. E não

demorou muito para que eu o destruísse e ganhasse respeito naquele lugar.

Percebi que Archimedes era inteligente, que planejava milimetricamente o que fazia e nunca errava.

Anteriormente, eu planejava ficar com as grutas, mas ter Archimedes como aliado era melhor. Ele era um bom líder.

— Archimedes, e seu capitão? Para onde foi?

— Não sei, nunca saí daqui para procurá-lo. Já perguntei por aí, mas ninguém me soube informar. E sua mulher?

Fiquei assustado com a pergunta. Afinal, nunca tinha pensado nisso. Havia cortado as cabeças delas! Sei que morreram, mas não tinha essa informação.

— Prefiro não saber. Senão corto as cabeças delas de novo.

— E a menina que o Ksathra ajudou a envenenar, que também era sua esposa.

— Essa deve estar num lugar melhor

que esse em que vivemos. Era uma menina boa, doce, nunca fez mal para ninguém. Nem me passa pela cabeça onde ela está.

— Mas vocês se amavam tanto.

— Não sei mais o que é amor, Archimedes. Tudo dentro de mim está destruído, não me recuperarei jamais. E paremos de falar nesse assunto.

— São assuntos que doem mesmo. E o que pretende fazer com o eunuco?

— Não sei, eu teria que ver um castigo à altura do que ele fez.

— Pensa! E o que resolver, conte comigo.

Nos despedimos e eu fiquei ali, pensativo, analisando todas as histórias que havia escutado e cheguei à conclusão de que nada havia mudado em nossas vidas. Éramos pessoas amargas, sofridas, raivosas. A morte não mudou em nada nossos sentimentos, pelo contrário, os reforçou ainda mais. Recordei a situação de Ksathra. Ele estava doente, seu

corpo recoberto de chagas purulentas, do jeito que ele morreu. Pensei na mudança das minhas vestimentas, foi com minha força de vontade que as transformei. Se Ksathra quisesse, ele iria acabar com todo aquele sofrimento usando apenas sua mente. Volto à realidade, assustado com meus próprios pensamentos.

— Mas o que eu estou pensando? Em acabar com o sofrimento de Ksathra? Aquele homem que contribuiu para matar Ayesha? Nunca vou ajudá-lo. — Pensei comigo.

Um clarão veio da cela para onde Ksathra havia sido levado. Todos correram para se esconder. Eu, não! Hoje eu iria enfrentar essa luz de uma vez por todas. Corri até a cela, mas não havia mais ninguém, Ksathra havia desaparecido com os Seres da Luz. Com muita raiva, gritei aos homens.

— Vocês são covardes. O eunuco foi levado e vocês fugiram de medo.

— Temos medo deles porque pegam a gente e devoram.

Nem discuti, era inútil! Foi uma afronta o que esses Seres da Luz fizeram. Tirei ele de Archimedes para que não fosse levado e, no entanto, de nada valeu. Estava tenso, sem reação, então, fui até os Mestres do Mal. Precisava falar com os religiosos novamente. Quem sabe teriam alguma ideia do que fazer.

## Falha das defesas

— Sultão, você vem me dizer que um clarão penetrou até seu território e levou um de seus prisioneiros? Gemeu o religioso Libertino.

— Sim e levou o eunuco que eu pretendia destruir.

— Defesas fracas e pensamentos torpes.

— Traduza, Libertino.

— Ele pediu com muita fé, se arrependeu, rogou perdão e sei lá mais o quê. Já é abertura para sair de lá, porém, as defesas do lugar estão desprotegidas por pensamentos e sentimentos que podemos chamar, digamos... bons!

— E o que isso quer dizer?

— Quero dizer, caro Sultão, que à medida que se vibra sentimentos bons num local, tudo que está plasmado começa a desvanecer, abrindo brechas enormes.

Os homens riem muito. E ele continua...

— Sultão, alguém sentiu amor, misericórdia, caridade, e por aí vai? — Questionou Provinciano.

Eu me calei, pois estava envergonhado. Sem querer pensei em ajudar Ksathra a se libertar das feridas e no meu amor por Ayesha.

Limpei a garganta e falei.

— Provavelmente alguém deve ter sentido essas coisas, preciso fazer uma reunião com todos e reforçar esse ponto.

— Pare, Sultão, continuou o Provinciano.

— Esqueceu que aqui nada fica escondido? Sua preocupação não é destruir aqueles Homens da Superfície e, sim, vinganças pessoais. Olha, Sultão, comece a pensar como nós ou colocará tudo a perder em seu território.

— Está certo — respondi cabisbaixo. Estou com vocês, sim, por isso venho aqui



aprender e reconheço minha falha.

Saí de lá envergonhado. Nada passava despercebido para aqueles homens, tudo sabiam. Agradei e fui embora.

Helena viu meu semblante decaído e ficou preocupada. Ela estivera em seu trabalho e pouco sabia das novidades, mas passei as informações do ocorrido.

— Sultão, os Mestres do Mal têm razão! Você abriu precedente para que isso acontecesse e já aprendeu que os pensamentos e sentimentos são poderosos. Precisa controlar essas emoções para se conseguir as realizações.

— Não imaginei que isso poderia acontecer. Realmente, eu falhei.

— Falhando se aprende também. Mas vou te dizer uma coisa: você precisa se disciplinar. Quando estava encarnado era militar, tinha as suas regras de conduta e sabia que se esmorecesse ou fraquejasse em qualquer ponto, o inimigo dominaria. Aqui

não deixa de ser igual. São muitos querendo o poder. E digo mais: você deu sorte que esses Seres da Luz não ambicionam o poder aqui, mesmo porque tudo pertence ao Império Negro.

— Que Império é esse?

— Nas camadas mais baixas, em mundos ínfimos, existe essa legião de espíritos. Eles têm a capacidade de destruir planetas inteiros e seus habitantes, sem dó e nem piedade. Retardam as tecnologias para que os Homens da Superfície continuem na ignorância. Existem alguns inventores lá da Superfície que buscam conhecimentos com as outras dimensões de luz e trazem para ajudar aquele povo, só que os projetos são embargados nas gavetas dos governantes dominados pelo Império Negro. Atualmente, estão num projeto incrível que vai mudar toda a Superfície!

— Então, eles não permitem que as coisas andem?

— Sim, os membros do Império Negro retardam tudo, mas sabem que, da mesma forma como travam o progresso, esses Seres das Esferas de Luz também lutam contra, para o desenvolvimento dos povos, infelizmente. Tudo que é feito abrange um todo, porque é trabalho de escala mundial — explicou Helena, que continuou. Os membros do Império Negro, como seres extremamente fortes, se unem no mental para criar tudo que querem. Passam, através do mental, todas as invenções que temos para, assim, produzirmos em nossos laboratórios.

— Então, seus aparelhos são idealizados por eles?

— Exatamente.

— Vocês constroem o que eles projetam.

— Os membros do Império Negro levam essas tecnologias para todos os campos do planeta, mas a finalidade é sempre atrair os Homens da Superfície.

— Você diz, então, que haverá

invenções que atrairão esses homens para uma destruição em massa?

— Uma destruição pior, que será as mentes deles. Os Homens da Superfície precisam ter aparelhos palpáveis, visíveis.

— Você diz algo que possam tocar?

— Isso! Existem alguns aparelhos que já viciaram os Homens da Superfície, porém, ainda não são esses. O que vai ser inventado será de tecnologia ultra-avançada, tão modernos que hipnotizarão de tal modo que eles não ficarão sem tê-los por perto. Acessível a toda classe social, algo tão contagiante que a falta dele será motivo de desespero.

— Nossa! Então, será algo notável!

— Vai ser sim!

— Os membros do Império Negro poderiam viver na Superfície?

— Não! Nunca reencarnarão, pois são espíritos diferentes dos Mestres do Mal, que precisam nascer de novo do útero de uma mulher, ter um corpo físico novo, totalmente

dependente e sem memória de acontecimentos anteriores, retardando o andamento dos projetos deles.

— Eles explicaram em uma das aulas, aplicando as condições deles, chama-se reencarnar. Coisa que não querem nunca que lhes aconteça. Eles ensinaram que numa dessas reencarnações poderiam ser pobres, aleijados e outras coisas ruins, então, preferem ficar como estão a um destino desses.

— Por isso, na Escola do Mal treinam mentes para que possam ser colocados em lares da Superfície, onde furtivamente terão um tutor próximo, induzindo-o sempre a trabalhar na realização do projeto pelo qual ele reencarnou. Esse tutor pode aparecer em qualquer idade, mas sempre estará ao lado dele, até a conclusão do projeto. Claro que, para estragar tudo, os Seres das Esferas de Luz tentam impedir a conclusão do projeto para esse Homem e, se um desses projetos se realiza, também direcionam em benefício do

Homem da Superfície. Em tudo eles se metem!

Helena voltou ao seu trabalho e eu fiquei remoendo meus pensamentos em tudo que ouvi. Como seriam esses Membros do Império Negro? Que tipo de ser? Helena conhecia tudo e eu me sentia um menino inocente perto dela. Tantas coisas que eu havia aprendido não significavam nada diante do que ela sabia.

## Morte às bruxas

Joel trouxe informações da bruxa que eu mandara vigiar.

— Sultão, ela tem um amante — disse Joel.

— Então, descobrimos a fraqueza dela.

— Ontem ele chegou bêbado na casa dela e a mulher enraiveceu. Vimos faíscas de um vermelho enegrecido sair de seu peito e do seu umbigo uma gosma verde escura. À frente da casa abriu uma espécie de buraco e pudemos olhar por ele — falou Joel radiante.

— Ah! Até que enfim. O que viu?

— Muitas poções! Ela é curandeira e ajuda as pessoas com suas ervas quando ficam indispostas e doentes.

— Então, vamos focar no amante dela.

— Eu já fiz isso! Nesse momento deixei dois dos nossos cuidando dele. Quando eu voltar lá, estará caindo de bêbado.

— Ótimo. Então, retorne e me traga boas notícias.

Joel foi ao encontro dos trabalhadores e, de fato, o homem estava completamente bêbado e, cambaleando, foi até a casa da amante bruxa. De fora gritava o nome dela, pedindo para entrar. Ela permaneceu calada por algum tempo, mas num dado momento abriu a porta e começou a xingá-lo, mandando-o embora. Desta vez, todo corpo da mulher estava numa cor vermelho escuro com pontos negros em cima do peito. Em seu umbigo uma gosma esverdeada. Abriram-se não só buracos na casa, mas um caminho cheio de vermes e outras coisas imundas. Foi o suficiente para que a brigada sob as ordens dos Perseguidores Religiosos prendessem a mulher e confiscassem tudo que ela possuía como prova de suas bruxarias. O bêbado nem percebeu quando ela foi presa. O julgamento foi muito rápido e numa fogueira enorme ela foi destruída. Assim me relatou Joel, muito alegre por sinal.



— Muito bom trabalho — agradei a ele com um sorriso de satisfação.

— Obrigado, Sultão.

A perseguição religiosa com seus tentáculos penetrava ainda em muitos lugares. O domínio, a farsa e a maldade eram tantos que, se fizesse denúncias contra uma autoridade, do nada apareciam provas de bruxaria, testemunhas inventando histórias e a situação se inverteria de tal forma que a pena de morte recairia sobre o denunciante.

De longe eu assistia queimarem outra bruxa. Eu queria saber quem ela era. Então, me aproximei de sua casa e, ao longe, vi que um grupo de espíritos incitava aqueles homens a destruírem tudo.

— Ei, o que essa mulher fez?

— Ela é uma bruxa, arranca corações de crianças para ritual demoníaco.

— Quanta bobagem.

— Quem é você?

— Não interessa. Desde quando vocês

estão preocupados com as crianças que essa mulher matou?

Na verdade, essa mulher descobriu que o prefeito da cidade estava roubando os cofres da prefeitura. Ela era professora e ansiava que se fizesse uma escola para que as crianças pudessem aprender. Como o prefeito ficou cansado de tanto que ela pedia, não a recebia mais. Certa tarde, sem que ninguém visse, conseguiu entrar e foi direto na sala dele. Qual não foi sua surpresa quando ela viu o prefeito tirando muitas notas do cofre, contando e colocando numa bolsa e, depois, o viu saindo com a bolsa, dirigindo-se para casa! O prefeito vivia na opulência, acima do permitido pelo cargo que exercia e ela inconformada em ver que as pessoas precisavam de tantas coisas enquanto aquele homem roubava dinheiro dos impostos recolhidos com tanta dificuldade pelo povo. Os filhos dele estudavam na capital em colégio interno, enquanto as crianças não tinham quem as ensinassem a ler.

A mulher era professora e teve a ideia de levar até seu quintal algumas crianças interessadas, para ensiná-las a ler. Colocou ali uns troncos de árvore e passava a lição. Mas ela cometeu uma falha, que foi acusar o prefeito de ser ladrão. Falava alto e em bom som que ele roubava os cofres da prefeitura. Diante de todos, o prefeito sorria e nada respondia. Dizia que ele entendia, que ela era sofrida e a perdoava. Mas longe dali o prefeito teve a ideia e, com mais alguns homens, colocou em prática.

As crianças pobres vinham toda tarde estudar com a professora e começaram a desaparecer. Ninguém as encontrava de forma nenhuma. A cidade começou a entrar em pânico. Já haviam sumido quatro crianças e as famílias não sabiam o que fazer para achar seus filhos. O prefeito, muito ‘bem-intencionado’, começou a ajudar na procura dos pequenos. A professora estava muito pesarosa e suspendeu suas aulas para ajudar

na procura.

— Saboreando a desgraça alheia, Sultão? — Uma voz sussurrou no meu ouvido.

— Helena! Estou numa Escola com ensinamento teatral, cujos atores interpretam, através de suas atitudes individuais, a vida como ela é.

— Então, o que você conclui?

— Concluo que todo sofrimento é causado pela própria insensatez dessa gente e que todo o sofrimento que passam é apenas merecimento.

— E o que sente em relação a isso?

— Uma sensação ótima.

Voltamos nossa atenção para a sequência dos acontecimentos. Um dos homens, a mando do prefeito, fingiu procurar com mais afinco até a beira do rio. Ele queria ser o responsável por ter achado as crianças e o primeiro a chegar com a notícia do encontro. Isso daria mais credibilidade à idoneidade daquele homem, que queria galgar a política,

removendo tudo e todos que estivessem em seu caminho, não importava o custo. Logo depois, ouviu-se o grito do homem avisando que achou alguma coisa enterrada ali. A cidade toda correu! Era um espetáculo macabro: a última criança desaparecida tivera o coração arrancado.

— Bruxaria, gritou uma mulher.

Todos correram horrorizados e foram chamar o delegado e o clérigo local. Este último veio rapidamente e confirmou ser realmente bruxaria.

Todos na cidade se empenharam em caçar a bruxa, inclusive a professora, o prefeito e seus partidários. Eu percebia faíscas de tom vermelho escuro em volta daquelas pessoas e, no ar, uma espécie de fumaça negra. Era dia, mas o sol que brilhava não adentrava aquela escuridão.

— Note, querido Sultão, a névoa densa que envolve essas pessoas, as criaturas diabólicas que elas criaram com seu ódio,

raiva e rancor. Isso nos fortalece, parece que estamos em casa, sem diferença nenhuma.

— Sim, muito bom! Estes sentimentos e pensamentos criam essas formas vivas sobre cada um, todos estão envoltos em energias diferentes, mas na mesma sintonia e finalidade. Só a professora libera uma cor amarelo escuro.

— Ela é uma mulher ingênua e está triste com tudo isso. Claro, nem imagina que todos se voltarão para ela. Tola mulher! Quem mandou se envolver em coisas que não lhe dizem respeito. Que continuasse dando suas aulinhas, morreria velhinha e sem problemas.

— Tola — também falei.

Eu não estava ali para defender alguém e, sim, para ver o desenrolar e a conclusão de tudo aquilo. Claro, com a queima daquela mulher na fogueira.

A população desesperada começou a cavar por todos os locais próximos de onde haviam encontrado a criança e, em pouco

tempo, todas elas foram encontradas. Todas com o coração arrancado!

— Homem interessante esse prefeito! Olhe na cabeça dele — alertou Helena.

— Eu já havia notado. Foi em um dos nossos laboratórios para colocar esse aparelho.

— É um dispositivo impressionante! Ele é capaz de neutralizar qualquer emoção e, com isso, não sente dó de nada. Teremos grandes planos para esse homem, que será levado ao topo como político.

— Imagino.

Voltamos para os acontecimentos e a professora já estava sob a acusação de bruxaria. Afinal, a criança desaparecera indo para a casa dela.

— Quem pode garantir que não foi ela a assassina? — gritou uma mãe em desespero.

— Eu? Nunca me envolvi com bruxaria. Eu amava essas crianças e queria que tivessem instrução — disse a moça em

sua defesa.

— É, ela tem cara de bruxa! Mora numa casa sozinha perto de onde nossos filhos foram encontrados — falou alguém no meio da multidão.

— Calma, pessoal — disse o prefeito com postura de homem conciliador. — Se a professora disse que não foi ela, devemos acreditar. É uma mulher bondosa, porque há alguns dias me procurou pedindo que eu construísse uma escola nova. Ainda não consegui orçamento para fazer, pois há muita sonegação de impostos por aqui. Embora eu não concorde, entendo a dificuldade da vida de vocês. Mas solicitei uma audiência com o governador para que me mande recursos. Voltando à professora, eu peço encarecidamente que todos tenham calma. Ela diz que é inocente. Vamos acreditar, até que tudo seja provado. Toda bruxa tem suas ferramentas para executar suas magias e, se ela não for mesmo uma, não terá nada em sua



residência.

— Obrigada, senhor prefeito. Podem revistar minha casa, nada temo, pois nunca fiz magia.

O prefeito, o delegado, o clérigo local e a professora foram na frente, seguidos pela população. A professora tranquilamente abriu a porta para que tudo fosse vasculhado. Nada foi encontrado, até que um dos asseclas do prefeito disse.

— Aqui embaixo.

Abaixo da casa existia um porão que a professora nunca entrava. Em meio à toda bagunça do lugar, encontraram um pequeno altar feito de caixotes e, em cima, um castiçal com uma vela quase que totalmente queimada, subentendendo-se que há pouco tempo fora feito um ritual ali. Em volta tinha uma taça com sangue e um vaso com cinco corações em estado de putrefação, como se estivessem sendo oferecidos.

Tudo foi retirado e jogado num saco. Era

a prova que faltava para que a professora fosse levada à fogueira.

— Aquilo não me pertence, eu não sei de onde veio. Por favor, acreditem em mim. Eu não matei aquelas crianças.

Ninguém mais a escutava. Ela foi amarrada e presa. A população, revoltada, queria que a queimassem logo. O clérigo local, porém, interveio:

— Meus irmãos! Devido a tamanha crueldade contra os nossos pequeninos, solicitei ao clérigo da cidade, que chegará da Capital, para ver com seus próprios olhos que mesmo com toda essa contenção que fazemos, impedindo essas bruxas de prosseguirem com suas feitiçarias, elas estão ficando fortes. Talvez induzidas pela força demoníaca de todas as outras que já viraram cinzas, cujas almas queimam no inferno. Então, em nome de Deus, peço que tenham paciência. Voltem para suas casas, ficando apenas os familiares para juntos prepararmos enterros dignos a

esses anjinhos, encomendá-los para que Nosso Senhor Jesus Cristo possa acolhê-los em seu Reino. Vejam bem, irmãos, não é lícito queimar na fogueira essa horrenda bruxa, enquanto nossos pequeninos requerem quem abra as portas do céu para eles. Vamos, como cristãos fervorosos que somos, amando a Deus sobre todas as coisas, cumprir primeiro com nosso ato de fé. Depois, sob a responsabilidade de uma autoridade acima de nós, obedecer a Lei, dando para essa bruxa cruel o castigo merecido.

O povo, como que hipnotizado pelo discurso do religioso, foi se dispersando, ficando apenas os familiares, que entraram no salão para os preparativos do enterro. Sobre eles a névoa densa continuava e na nuca do clérigo local vi um brilho a que pude identificar como um chip. Haviam me ensinado na Escola do Mal que eram pequenos dispositivos que, colocados na nuca do indivíduo, deixava-o forte, de forma a convencer pessoas a fazerem tudo que ele queria.

Helena riu, satisfeita.

— É, tenho certeza que depois de tudo isso, o clérigo local e o prefeito ficarão muito bem-conceituados.

Todos aqueles acontecimentos chamaram a atenção de pessoas de outros lugares e, no dia dos sepultamentos, centenas de pessoas compareceram, claro, levadas pela curiosidade. No ar ainda pairava a névoa densa, misturada com outras cores pálidas e escuras que eu pude identificar como sendo os sentimentos. Não havia sequer uma pessoa presente ali que nutrisse algum sentimento de misericórdia pela professora, que por sua vez, na prisão, ficou num cantinho, alheia à tudo que acontecia. Cheguei mais perto dela para entender melhor o que se passava e pude ver um vermelho escuro. Ela sentia raiva de todos ali. Não sentia mais tristeza. Seus pensamentos agora eram direcionados ao religioso local que a acusara de bruxa. E quanto mais ela liberava aquela cor de seu peito, mais imagens

demoníacas se formavam ao seu redor. Então, ela recebeu a visita do prefeito.

— Professora, como está? Pedi para vir falar um pouquinho com a senhora, passar o quanto estou contristado com toda sua situação. Sabe que pode contar comigo, se quiser falar sobre o assunto.

— Prefeito, o senhor sabe que eu não cometi aqueles crimes. Não sei de onde vem tudo aquilo que foi encontrado na minha casa. Alguém colocou ali.

— Professora, como amigo que sou, embora a senhora tenha me acusado várias vezes de ladrão, venho lhe dar um conselho. Confesse ser bruxa! Com a vinda do clérigo da cidade tenho certeza que ele não terá misericórdia da senhora e tentará arrancar essa confissão à força.

— O que o Senhor quer dizer com isso?

— Quero dizer que eu ouvi dizer que os métodos utilizados para que os bruxos confessem seus crimes são terríveis. O

sofrimento é tanto que a pessoa confessa mesmo não sendo culpada. Há de convir comigo que tudo que foi encontrado no porão da sua casa, tenha sido colocado lá ou não por outra pessoa, constitui prova incondicional de sua culpa. Eu tenho certeza de que se continuar negando seu sofrimento será maior, antes de levá-la à fogueira.

— O Senhor sugere que eu diga que sou bruxa? Mas não sou, sempre fui uma mulher fervorosa na minha fé, jamais pensei em fazer mal para ninguém. Agora estou aqui, diante dessa acusação, com uma cidade inteira querendo me assar numa fogueira. Aí eu me pergunto: onde está Deus?

— Se eu fosse a senhora, não faria mais essa pergunta, porque te acusarão de heresia também. Sua situação é muito difícil, o melhor mesmo é confessar os crimes para amenizar seu sofrimento.

— Amenizar meu sofrimento? Ser queimada viva não seria um sofrimento

horrendo que jamais imaginei passar? Isso é uma crueldade que fazem com o ser humano. Pelo que está acontecendo comigo, sendo acusada falsamente, tenho certeza de que muitos morreram inocentes.

Ela parou um pouco e olhou fixa nos olhos do prefeito, então, continuou seu raciocínio.

— Pensando bem, o senhor tem todos os motivos para me colocar nesta situação. Da mesma forma que te vi roubando o dinheiro dos impostos que estavam guardados na prefeitura, colocando numa bolsa e levando embora, da mesma forma que é um ladrão e mentiroso, poderia ter forjado todas aquelas provas contra mim. Se me queimarem, serei uma prova destruída contra o senhor — gritou a mulher numa situação de quem não tem nada a perder.

O prefeito, encarando a mulher, mas sem fixar seus olhos nos dela, logo respondeu.

— A acusada aqui é a senhora e tudo que

disser contra mim jamais será ouvido por ninguém. Vim aqui, como temente a Deus que sou, para aconselhar que confesse seus atos de maldade e amenize sua situação. Se quer continuar me acusando, o problema é seu, mas em seu lugar, pensaria no que lhe foi sugerido. Se mudar de ideia, chame o clérigo local para confessar. Da minha parte, fiz o que pude. Passar bem senhora. Adeus.

Toda a cela estava envolta com pequenos seres horrendos que eu não identificava de onde eram, mas sugavam uma energia negra que saía do umbigo da mulher. Identifiquei como sendo energias negras de ódio por aquele homem que se julgava superior. Lá fora o prefeito conversava com o religioso local.

— Pensei que, como grande amigo e conhecendo essa mulher há tantos anos, ela conversasse comigo e confessasse seus pecados. Mas me enganei, pois ela está irredutível. Quem sabe com um religioso ela resolva se abrir. Se confessar, será um ponto



positivo para que o seu conceito cresça junto ao clérigo da cidade, afinal, quer continuar sendo pastor das ovelhas deste lugarejo pobre eternamente?

Rindo, o clérigo local respondeu:

— Claro que não! Nossa cidade é uma terra que Deus esqueceu, nunca nenhuma autoridade se interessou em nos visitar. Fazemos festas na comunidade, mandamos convites e nunca mandaram um representante para participar. E a visita do Religioso da Cidade para conhecer a bruxa, para ver de perto os pertences que ela usava em seu ritual, caro prefeito, esse é o acontecimento do ano e o degrau para minha ascensão.

— Nossa ascensão! O senhor não pode esquecer que foram meus trabalhadores que encontraram as criancinhas — lembrou o prefeito.

— Não esquecerei. Minhas ovelhas e eu somos gratos por toda contribuição que sua gestão deu para resolver esses problemas.

A entrada do clérigo local na cela da professora não a surpreendeu em nada. De cabeça baixa estava e assim permaneceu, mesmo na presença do religioso. Ela continuou como estava e essa atitude foi uma afronta.

— Mulher! Ser bruxa assassina é um pecado imperdoável perante as leis Suprema, o que pagará no inferno, tenho plena certeza. Mas, não contente com isso, mostra heresia diante de mim, um representante de Deus, me desconsiderando em não se levantar e beijar minha mão como sempre fazia, quando ainda tinha uma consciência cristã. Meu objetivo é que confesse seus pecados e se arrependa, mantendo seu corpo intacto dos ferimentos causados pelas torturas que te serão impostas pelo Religioso da Cidade para que confesse seus pecados.

— Confessar algo que não fiz? Mentir sim, seria um pecado diante de Deus, isso não farei. Nunca matei ninguém, muito menos

crianças. Percebo que o senhor está mancomunado com o prefeito, um ladrão covarde que vi roubando o cofre da prefeitura. E quanto ao senhor? Por que me trata dessa forma se eu nunca te fiz nada e sempre fui uma mulher correta e caridosa? Provavelmente, o senhor recebe gordas doações do prefeito.

O religioso ficou possesso e encarou a mulher com muito ódio.

— Irás queimar na fogueira, mas antes, será torturada da forma mais vil possível. Vai se arrepender por ter me afrontado e acusado homens honestos como nós, bruxa maldita — gritou o religioso, já pedindo para se retirar da cela.

A mulher, por sua vez, sem nenhum medo, respondeu:

— Mas te garanto uma coisa, e com a fé que tenho em Deus de que ele nunca me abandonará: da mesma forma que eu queimarei na fogueira, sendo inocente, o senhor e o prefeito queimarão nas profundezas

do inferno.

No outro dia chegou à cidade o clérigo da capital, imponente em sua carruagem, cercado por três religiosos especialistas em tortura. Foi recebido com honrarias pelo religioso local, o prefeito, o delegado, autoridades principais. O povo estava triste demais para demonstrar alegria, mas seus semblantes entregavam a ansiedade para queimar a bruxa.

— Senhor! Quanta honra em recebê-lo em nossa cidadee...

— Leve-me até a bruxa — ordenou o clérigo da cidade, sem olhar para ninguém.

—Pois não, senhor, venha comigo — disse o delegado.

O religioso local e o prefeito se entreolharam. Estavam se sentindo minúsculos diante de tanta arrogância, mas foram apressadamente atrás. O clérigo da cidade entrou na cela cobrindo o nariz com seu lenço de seda, seguido pelos seus

acompanhantes e falou:

— Levante-se, bruxa, diga que se arrepende de todos os seus pecados, de infringir a Lei de Deus de não matar e não praticar feitiçarias.

— Não fiz nada disso. Tudo é complô do prefeito e do religioso local.

O clérigo arrogante nem escutou as palavras da mulher.

— Confesse, maldita bruxa, confessa antes de ser queimada.

— Não matei ninguém e não sou bruxa.

Um sinal e os três acompanhantes prepararam o instrumento de tortura. Amarraram a mulher de cabeça para baixo e, novamente, o religioso da cidade perguntou.

— Você é uma bruxa? Confesse...

— Não sou bruxa, respondeu a mulher.

Os homens, então, aqueceram um ferro com a letra B na ponta, rasgaram a blusa dela e marcaram seu seio com aquele ferro em brasa. A mulher gritou, desesperada.

— Você é bruxa?

— Não — disse ela chorando.

O outro seio também foi marcado. A mulher tremia de tanta dor e desespero.

— Vou perguntar pela última vez. Você é bruxa?

— Vou responder pela última vez. Não sou!

O ferro foi introduzido na vagina da mulher, que desmaiou de tanta dor. O religioso saiu dali e deu a ordem.

— Podem queimar essa bruxa maldita!

Ao sair, o clérigo da cidade ficou frente a frente com o clérigo local, que humildemente disse:

— Eminência... seu aposento está preparado para que descanse!

O clérigo da cidade, então, mediu o clérigo local de cima a baixo com um olhar de nojo, empurrou-o e caminhou com seus seguidores até a carruagem. Antes de fechar a porta, porém, ordenou.

— Que a bruxa maldita seja queimada hoje ainda. Vamos embora!

A carruagem partiu. O religioso local e o prefeito ficaram ali, sem reação, mas logo deixaram para trás toda aquela humilhação para prosseguir com a queima da bruxa. Ela foi trazida arrastada, sem forças para caminhar, vestida com uma camisola embebida em betume. Amarraram-na ao tronco rodeado de outros troncos e galhos secos sob os gritos alucinados do povo.

— Assassina! Bruxa! Vamos queimar essa assassina!

Tudo acabado, só restaram cinzas daquela mulher. Sua casa também foi destruída, assim como seus animais mortos e suas plantas arrancadas.

A cidade estava envolta agora em uma escuridão total. Foi então que, num canto, agachado, estava o espírito da bruxa. Ela chorava muito e pedia perdão a Deus por ter blasfemado e não aceitado a acusação de

bruxaria.

Estava arrependida. Ao seu lado, uma luz, cujo brilho ofuscava meus olhos e o de Helena. O espírito dela sumiu, levado pela Luz. Fiquei muito bravo. Novamente a Luz se metendo em coisas que não lhe diziam respeito.

— Claro que diz respeito, Sultão. Não vê que a bruxa se tornou um deles? Não viu como seu espírito chorava, rogando por ajuda?

— Ah, sim, e por que eles não vieram ajudá-la?

— Sultão, às vezes te sinto tão ingênuo — criticou Helena.

— Só por que fiz essa pergunta?

— Se ela morreu dessa forma, provavelmente precisou pagar sua dívida.

— Como sabe disso?

— Enquanto você saboreava os acontecimentos superficiais, eu analisei a vida dela profundamente. Como você viu, ela era inocente na história. Mas por que ela? Poderia



ter sido qualquer outra daqui da cidade.

— Nossa! Preciso fazer minhas investigações por esse ângulo.

— Precisa averiguar coisas significantes e não se entreter com situações, que sempre vão existir. Ninguém entra numa enrascada dessa sem motivo. E, confesso, a situação em que ela se meteu era muito grave, se embaralhou toda, não teve saída.

Helena se mostrava de uma sabedoria ímpar. As análises que ela fazia eram sérias, objetivas e esclareciam todas as minhas dúvidas. Na realidade, eu agia como um irresponsável, vendo tudo superficialmente, quando as coisas não eram como se mostravam.

— Só para você saber, em algum lugar, outra época, essa mulher também foi um cidadão acima de qualquer suspeita. Rico, morava em uma fazenda maravilhosa e próspera com sua esposa e cinco filhos. Toda sua fortuna vinha de atrocidades que cometia

com pequenos agricultores. Seus capatazes ameaçavam esses pobres homens, caso não lhes vendessem suas terras por quase nada e fossem embora. Quando alguém o afrontava, ele marcava com ferro em brasa, mandava torturar e matar. Depois de morto, enterrava, de modo que nunca mais encontrassem. Era só questão de tempo para que as terras fossem para as mãos dele. E a saga continuou. Um desses homens, morto por ele, era o prefeito!

Eu sabia que tinha muito a aprender ainda. Então, perguntei para Helena o que aconteceria com o clérigo local e o prefeito.

— Bem, o clérigo local em breve se mudará para a cidade, pois o clérigo da cidade será promovido e o indicará, como forma de agradecimento por ter destruído a bruxa, desejo que há tempos ele nutria para alavancar seu sacerdócio. Quanto ao prefeito, vai trazer benefícios para a cidade, erguerá um monumento em homenagem às crianças na frente da escola, se reelegerá ao seu segundo

mandato, será muito conhecido e admirado por outros políticos e, finalmente, vai se candidatar e se eleger Governador.

Ela ainda continuou:

— Aprenda o seguinte: todos os que estão envolvidos conosco tem suas vidas traçadas, sem mudar umavírgula. A menos que mudem os pensamentos, conceitos e sei lá, que se deixem levar por outros caminhos diferentes dos nossos, vão ter o final que lhes foi estabelecido.

Soube por Helena que ela iria reencarnar brevemente, em obediência às ordens dos Mestres do Mal, e me desesperei.

— Helena, você vai embora e me deixar?

— Estou sendo preparada para isso e quero muito.

— Agora entendo o motivo de não querer ficar comigo. Você tem outros planos nos quais não estou incluído.

— Sultão, você é um homem de futuro e

tenho certeza de que ainda crescerá muito por aqui, mas em breve tenho um grande trabalho para fazer. No início, ninguém dará nenhum valor para mim e isso fará com que eu cresça. Dominarei nações, terei o dom da palavra firme, trarei a guerra e mandarei para cá todos os imprestáveis de lá, raças indesejáveis, aleijados, adeptos de religiões.

— Você vai esquecer tudo.

— Sim, mas em minha futura existência, na hora certa, chegará meu tutor que me direcionará para a realização dos propósitos que foram escritos e, com certeza, me lembrarei de tudo e então farei o que foi proposto.

— Vou sentir falta de você.

— Eu também de você, mas serei levada para ser preparada e encaminhada para a reencarnação.

— Os Mestres do Mal disseram que jamais reencarnariam, para que nunca esqueçam quem foram, mas preparam seres especiais para essa finalidade. Nunca, porém,

pensei que você era um desses.

— É verdade, mas você pode continuar a se instruir com eles, entender que somos tudo em todos, e no final, para provarmos nossa lealdade, aceitar esse desafio de voltar a uma condição totalmente dependente e ressurgir glorioso.

— E se for uma pessoa aleijada? Como faria?

— Seja de que forma for, não importa, farei o que me foi proposto. Mentalmente disse a eles que quero encarnar. Para mim, a vaidade sempre foi a coisa mais importante de minha vida. Usei minha beleza para conquistar homens, reinos e matar quem atravessasse meu caminho. Tenho certeza de que eles vão fazer tudo para me contrariar e me deixar desgostosa. Sei como agem.

Helena ia embora. Nunca me contou sobre sua história, mas para falar a verdade não estava curioso. Eu não precisava perguntar mais nada. À medida que ela falava, observava

a mulher que havia sido em sua anterior reencarnação. De fato, tinha uma beleza extrema, despertava paixão nos homens e ódio nas mulheres. Fiquei ali, olhando para ela. Sabia que em breve não a veria mais e a convidei para fazer sexo, afinal, ela me despertava desejo. E foi uma despedida inesquecível, pelo menos para mim. Nunca mais vi Helena!

## A volta do General

Os membros da Escola se mostravam em polvorosa, afinal, estavam aguardando o desencarne do general para que pudessem recebê-lo com muita alegria. Eu sabia de quem se tratava, pois havia ido em seu casamento junto com Helena.

— Ele conseguiu os objetivos que foram estabelecidos — disse o Incendiário.

— Acho que não, creio que poderia ter feito mais, se não fosse tão teimoso — reclamou o Provinciano.

— Sabe, esse véu do esquecimento estraga tudo. Os treinamentos que ele obteve aqui pouco aproveitou, teve que reaprender. E por mais que se diga que o tutor vai ajudar, é difícil um encarnado compreender que aquelas informações que estão sendo passadas para ele através de sonhos e visões são, na realidade, para lembrar e não ensinar, porque ele já

possui todo conhecimento dentro dele.

— Então, Helena terá problemas em sua encarnação? — Falei.

— Sultão, todos têm problemas quando reencarnam, é uma loucura, porque todo um trabalho extensivo é destruído quando se ganha um novo corpo físico. Jamais quero isso para mim — disse o Provinciano.

Por sua vez, o Libertino resmungou:

— Na realidade, esse pessoal que vive nessa luz são aproveitadores de situações. Nossos planos arquitetados com tanto esmero nem sempre são concluídos na íntegra, pois eles aproveitam nossos empreendimentos para virar o jogo, ou seja, nossas ideias são modificadas de tal forma que aquilo que idealizamos para destruir os Homens da Superfície e seu medíocre modo de vida, seja utilizado também em benefício de alguns deles. Olha que coisa torpe! Eles aplicam uma lei que se chama liberdade de escolha, que não mudará jamais, ou seja, alguma coisa criada



para fazer o mal, se for utilizada para uma finalidade benéfica, não se torna totalmente destrutiva.

— Exatamente! Conhecemos essa Lei, o mesmo remédio que cura, também mata! Depende da forma como é utilizado — continuou o Provinciano.

— Isso explica o motivo pelo qual, mesmo em muitas guerras, onde centenas de pessoas morrem e cidades são arrasadas, o povo se recupera e se torna forte. Eles utilizam esse sofrimento para seu crescimento — rebate o Libertino.

— Sendo assim, você acha que foi tolice o General ter encarnado para se tornar um Imperador, conquistar o que conquistou, ter seu nome na história? — indagou o Provinciano.

— Não estamos dizendo que todo trabalho foi inútil. Apenas que, apesar da destruição através das guerras que ele comandou, houve também um crescimento

daquele povo miserável — continua o Libertino.

— Precisamos encontrar uma forma de neutralizar isso — disse Incendiário.

— Se a lei é imutável, nós procuramos não nos envolver nesse âmbito. Mesmo porque essas leis parecem ligadas a tudo. Você anda em círculos e ela permanece intacta, não temos como modificar nada. Mas, como a maioria dos Homens da Superfície são infieis, mentirosos, facínoras, destroem tudo que tocam, renegam o próprio planeta em que vivem, este é o caminho para entrarmos e conseguirmos o que queremos — comentou Provinciano.

— Mas te digo uma coisa: quando perceberam que os homens são da forma como você descreveu, implantaram essa Lei para que, de alguma forma, conseguissem proteger um pouco o planeta, pois veja, em tudo se aplica essa Lei. Na natureza, nos elementos, nos planetas. É impressionante! Mas estamos

compreendendo com mais clareza o que está acontecendo e não há meio, senão outro, de criarmos alguma coisa que arrebenhem essas defesas — conclui Incendiário.

— Temos grandes projetos que, em breve, executaremos. O primeiro já está quase para estourar e vai abranger o mundo todo, onde milhões desencarnarão e, claro, muitos virão para nós. É o projeto em que Helena está envolvida! Esse sim, me será bom demais. Vamos aguardar os acontecimentos — ressaltou Libertino.

Diante daquele assunto tão importante para os Mestres do Mal, logo comentei:

— Mas, Helena não era útil para vocês com seu trabalho?

— Sultão, o trabalho dela se tornou obsoleto, embora, claro, utilizamos o laboratório para um trabalho ou outro. Temos laboratórios tão sofisticados que colocam aparelhos em milhares de uma só vez. Então, Helena encarnando, sua utilidade triplicará —

explicou o Provinciano aos risos.

— Senhores, o general está chegando!

Todos se voltaram para a porta principal, que se abriu. Em posição de sentido, receberam o general que, sorrindo, adentrou o salão.

— Mestres! Que prazer em revê-los!

— Nós lhe damos as boas-vindas, querido General, que volta garboso nesta farda bonita.

— Como estão todos? Do mesmo jeito que deixei, claro, com aspecto horrível. Esse é o benefício de encarnar! Nos renovamos para continuar — disse o General sorrindo.

O General apertou a mão de todos, que pararam para escutar com muito respeito e admiração suas experiências terrenas, seus devaneios, conquistas, amores... Eu fiquei ali, observando atentamente a atitude de cada um e como era importante quando um deles retornava após completar a missão que lhes fora dada.

Minha cabeça fervilhava com todos os acontecimentos. Apesar de conquistar tantos territórios por ali, eu ainda pensava como o Sultão, focado nas conquistas, nos escravos e nos tesouros. Estava frustrado porque acima de mim havia milhares de Membros do Mal que dominavam os Homens da Superfície de forma eficiente. E as conquistas que tive, em âmbito geral, me fizeram chegar a uma conclusão: que ali onde estava agora não possuía ‘nada de nada’. Eu olhava tudo e não via nada, não via futuro, não via sentido... mas me recompus, pois conforme foi enfatizado por Helena muitas vezes, aliás, manter o padrão mental era extremamente necessário, até mesmo para a minha segurança. Eu precisava era de ação.

## Revendo minha mãe

— Sultão! — chamou Archimedes.

— Olá, Archimedes.

— Quero que venha até as grutas.

— Algum problema?

— Quero que venha ver quem está lá em uma das celas.

Imediatamente, chegamos até uma grande gruta. Entrei meio receoso, parecia uma armadilha. Havia várias celas e numa delas havia uma mulher quase nua, vestida com resto de um vestido antigo e muito sujo.

— Capturamos essa mulher e ela chamou por você, Sultão.

Forcei muito a minha memória para reconhecê-la e cheguei mais perto.

— Mãe!

Meu coração parecia que ia explodir. Uma mistura de ódio com sentimento filial me envolveu, mas me recompôs. O que ela teria

feito de tão grave?

— Sultão, quando soube que é você quem domina todo esse território, pedi para me trazerem. Não aguento tanto sofrimento. Olha como meu corpo está corroído, parece não haver saída para mim. Me ajuda, filho.

— Pelo visto você é um espírito vagante. O que fez de tão grave?

— Abortos, Sultão, tantos que você nem pode imaginar!

— Abortos de quem? Das mulheres?

— Sultão, desde meu casamento com seu pai, eu não suportava aquelas mulheres enchendo meu palácio de filhos dele. Precisava fazer alguma coisa e parar aquilo. Com os mercadores, eu consegui uma bebida abortiva e, à medida que as mulheres engravidavam, eu fazia com que bebessem. Em menos de 15 dias, elas expeliam seus fetos e, com o passar do tempo, seus úteros secavam e elas não engravidavam mais.

— Fez isso com minhas mulheres também?

— Sim, meu filho, eu sinto muito! Foi por isso que o útero de Ayesha ficou sem vida e não procriou nunca.

Eu olhei enojado para aquela mulher. Como que ela teve coragem de fazer todas aquelas atrocidades com as mulheres de meu pai e as minhas? De onde buscou tanta inteligência para o mal se, encarnada, destruiu fetos dentro dos úteros na época em que vivemos, em que não havia tantos conhecimentos? E me rastreou até onde eu estava. Não ousaria ser contra ela, mas sim desconfiar da mesma.

— Tire minha mãe daí, Archimedes.

— Está bem, Sultão, não sabia se ela estava falando a verdade, porque chegou e foi entrando — disse Archimedes sem jeito.

Num sinal, seus homens desamarraram minha mãe, que me abraçou feliz da vida.

— Filho, filho. Sei que estamos nas



profundezas do inferno como me falou uma freira que eu conheci.

— Se ela acredita que é inferno, assim será para ela. Aqui é o local em que vivemos.

Levei minha mãe comigo e logo ela se interessou por tudo, especialmente pelo trabalho de colocar implantes em úteros no laboratório. Embora eu soubesse que ela fora minha mãe um dia, ali não podia ficar desatento. Na realidade, comecei a raciocinar que daquela mulher que eu chamava de mãe quando estava encarnado, não restava mais nada. A morte havia cortado esse laço afetivo e eu não queria intimidades, pois tudo parecia distante como em um sonho.

Era difícil tê-la por perto! Tínhamos poderes altamente perceptivos e nada que pensávamos ficava escondido. Eu estava incomodado com a presença dela em meu território.

— Não quer que eu fique aqui, não é verdade?

— Não quero. Você e eu estamos distantes.

— Nunca estivemos perto. Nem quando vivíamos no palácio. Eu, na qualidade de mulher e sendo sua mãe, procurava te agradar em tudo, nos mínimos detalhes. Aquelas mulheres que você possuía me irritavam profundamente, sempre se queixando, sempre querendo ser uma coisa que não eram. Eu gostava mesmo de Iismhir-On, que era inteligente e culta. As demais eram submissas a ponto de, mesmo pisadas, fazer todas as suas vontades.

— Aí, você se uniu a ela para matar Ayesha? — e minha mãe continuou me contando tudo.

— Via todos os dias você desfilando com aquela escrava para cima e para baixo. De mãozinhas sobrepostas, era ridículo. Primeiro que você tinha idade para ser o avô dela. E, segundo, ela não gostava de você. Queria uma posição elevada, vindo de onde viera. Quando

pedi para o mercador me trazer uma mulher com os traços dela foi para te agradar, não para casar. Você me decepcionou muito. Para que Iismhir-On aceitasse minhas sugestões não foi difícil. Essa mulher te amava tanto, Sultão! Embora nossas culturas exigissem que nós, mulheres, aceitássemos a infidelidade de nossos maridos, você não sabe o quanto sofríamos em saber que noite após noite as mulheres dormiam em nossos lugares, se entregavam aos prazeres com nossos homens. Eu me colocava no lugar de Iismhir-On.

— Mãe, cortar sua cabeça não dá mais, pois você já morreu, e chamá-la de monstro seria elogio. Já olhou em volta, certamente. Eu concluo que estamos no lugar certo. Você era assassina em potencial, deve ter matado algumas mulheres de meu pai. Eu me recordo que sempre aparecia uma morta lá no harém depois de ter passado a noite com ele.

— Ah, querido, para elas sempre colocava uma dose a mais do veneno para não

sofrerem por muito tempo. Eu sorria e concordava com tudo... Esposa cordata é a melhor arma de defesa. Portanto, eu via o sofrimento de Iismhir-On. Nunca matei nenhuma mulher sua. O que fiz foi evitar que aquela escrava tivesse filhos com você e dar a solução à sua fiel esposa para resolver o caso sem despertar suspeitas.

— Seria muito pedir para que não apareça mais em meu território? Eu não gosto de você!

— Mas eu gosto daqui. E, além do mais, estou indo muito bem no laboratório — ela disse sorrindo ao sair.

Engraçado como estar desencarnado me dava toda a clareza para ver a verdadeira face daquela mulher que, um dia, fora minha mãe. Estava com tanta raiva daquilo tudo que comentei o assunto na Escola.

— Então, sua mãe voltou, meu caro Sultão?

— Libertino, ela é a pior coisa que eu já vi, uma maldita assassina — ingenuamente,

falei de uma forma como se estivesse conversando com um bondoso religioso

— Sultão, precisamos de seres assim, do pior, mas tem um detalhe: se um dia ela foi sua mãe, os laços agora acabaram, meu caro. Isso são emoções com sentimentos baratos, capazes de destruir qualquer defesa, mas é necessário cortar à medida que se compreende que, na verdade, somos seres individuais, eternos e completamente sós. Cada um tem suas vivências e suas experiências. Ninguém vive o que o outro tem para viver.

— Quero ela longe, não confio nela, tenho certeza de que está tramando alguma coisa e sei que, se eu não estiver atento, ela acaba comigo e toma meu lugar.

— Sultão, meu caro, de uma coisa tenha certeza: não foi pelos seus belos olhos e pelo grande amor que sente por você que ela veio atrás. Já pensou o motivo de somente agora ela vir te procurar? Por toda experiência que tenho, ela foi mandada para colher

informações para quem trabalha.

— Você acha?

— Traga-a aqui e vamos analisá-la e, se por acaso desconfiarmos de alguma coisa, daqui ela jamais sairá.

E assim fiz! Disse a ela que ia levá-la para conhecer os Mestres do Mal. Vi a alegria em seus olhos e, enquanto andávamos pelos corredores, ela observava, olhava tudo e comentava também. Mas achei muito estranho quando ela me perguntou onde estariam os homens que faziam parte das defesas daquela Escola. Nem respondi, pois eu também não sabia.

No salão nobre, Libertino veio cumprimentá-la beijando sua mão, mas notei que o salão estava vazio.

— Como vai madame? O Sultão falou da senhora e eu me interessei em conhecer tamanha víbora.

— Como vai senhor? — disse minha mãe às gargalhadas.

— Muito bem, matamos sua curiosidade, pois essa é nossa Escola, onde aprendemos tudo que é possível sobre ataque e defesa. Mas o que você veio fazer nessas paragens?

— Atrás do meu querido filho?

— Claro que não é verdade, Madame, tendo em vista que sua conexão materna com o Sultão acabou há muito... e a senhora estava em que lugar todo esse tempo?

— Meu senhor, fiquei em muitos lugares e fugi muito também, e se espera que eu vá contar alguma coisa que não seja a verdade e que possa me comprometer, não o farei. A fama de meu filho se espalhou por muitos lugares e foi colhendo informações que fui apanhada por um sujeito que o conhecia. Mas, infelizmente, ele não confia em mim. Não que eu esteja preocupada, pois não confio nele também, um filho ingrato que um dia expulsou sua mãe por causa da morte de uma escrava por quem estava perdido de amores.

— Eu te admiro, Madame, pela sua habilidade em matar sem deixar rastros. Aqui gostamos de ter ao nosso lado seres perspicazes, inteligentes e capazes, mas claro, devidamente treinados por nós. Senhora, apenas os incautos chegam aqui pelo padrão de pensamentos para se tornarem escravos, e para descer até essas paragens sem cair em nenhuma armadilha, requer habilidade, treinamento e conhecimento, então, quando aparece alguém com tamanha experiência, de origem desconhecida, sempre desconfiamos que foi enviado por nossos inimigos. Sendo assim, não a deixaremos sair daqui.

Eu olhava tudo com muita indiferença e não esbocei nenhuma reação. As portas do salão se abriram e todos os Mestres do Mal entraram. Ficaram em círculo e a mulher ficou no meio.

— Então, vocês são muitos — falou a mulher que foi minha mãe.

— Somos sim e temos certeza de que



estamos sendo assistidos por seus mestres nesse exato instante.

A mulher se calou e abaixou o tom.

— Não entendo o que quer dizer.

— Claro que entendeu e vocês que estão nos assistindo agora, esperando o momento de entrar aqui na Escola, da mesma forma que entraram no território do Sultão, inclusive conhecendo a fundo os laboratórios, desafio que venham nos atacar. Estamos no aguardo!

Fiquei assustado e perguntei.

— Como ela fez isso?

— Sultão... Sultão... Um dia essa mulher destruiu seu palácio, sua família e você não tomou nenhuma providência para impedir. E como continua o mesmo tolo, focado no poder, permitiu que ela entrasse no seu território novamente e colocasse a perder tudo que construiu. Em todos esses anos não aprendeu nada, continua querendo ter ao invés de ser. Na superfície isso é de suma importância, mas por aqui você precisa ser o mais hábil, o mais

crítico, o mais forte, o mais louco, o mais e o mais em tudo. Acredite, não existe o melhor aqui, existe o tudo. Não existe todos, existe o tudo. Só assim pensamos em consonância, para tudo que quisermos realizar. Nossos feitos quando encarnados não representa nada, apenas as experiências angariadas com eles. Se agirmos de forma individual, jamais vamos chegar a realizar um trabalho com esmero, mas se agirmos em conjunto, cada um com sua experiência individual, todo o grupo será beneficiado. Não é à toa que estamos fortes por tanto tempo e, fazendo uma retrospectiva, perdemos poucos de nós.

Ele se dirigiu à minha mãe e, com a maior calma, disse:

— Madame, então vai meu último recado antes de acabarmos com essa reunião. Não é seu espectro nojento, com a arrogância que trouxe da última encarnação, que vai nos amedrontar. Nesse instante, aos seus mestres que nos veem através desse dispositivo em

formato de fio de cabelo, por sinal muito mal feito e obsoleto, vou proporcionar um espetáculo melhor e mais emocionante do que aquele fornecido aos grandes imperadores no antigo Coliseu de Roma — gritou Libertino.

A mulher ficou assustada. Eu também jamais imaginei que havia tantos recursos para espionagem. Um fio de cabelo? Então, ela expôs todo meu território e meu laboratório? E eu estava em vias de ser atacado pelos inimigos?

Provinciano disse:

— Muito bom, Libertino, embora seja uma forma antiga de se fazer justiça... fazê-la servir de alimento aos nossos escravos ainda é um método eficaz, tendo em vista que não podemos matá-la. Assim, porém, impedimos que continue seus intentos. Claro que não necessitamos desses recursos para nos alimentarmos, porém muitos lá fora não conseguem viver sem esse alimento e ela ainda possui alguma coisa que possa ser utilizada.

Vamos trazer de nossas prisões os escravos que se alimentam e, de comum acordo, decretamos que ela seja sugada e que todos possam assistir.

E assim foi feito. Alguns escravos, sob os gritos de protestos da mulher, a pegaram e a sugaram até o final. Era uma forma tão voraz, tão terrível! Ela se transformou em uma massa desforme.

— Jogue isso nos corredores — ordenou Libertino gargalhando.

Todos se dispersaram, sem mais conversa, apenas Libertino ficou ali. Claro, não para me parabenizar ou se condoer comigo pela mulher que fora minha mãe. Ele me olhou profundamente. Era um olhar penetrante que, para se ter uma ideia, era como se eu ainda estivesse na Superfície caminhando despido com todos me olhando. Mas eu encarei sem pestanejar e, para quebrar aquele clima, disse:

— Ela mereceu o castigo que recebeu —

impassível, Libertino logo falou.

— Sultão, seus sentimentos com relação ao que aconteceu com aquela mulher, para nós, é de menor importância. Devemos cumprir a lei que foi implantada aqui em nossa Escola desde os tempos primórdios, que é de sempre destruir alguém que comete falhas e nos coloca em perigo, seja quem for. Helena te trouxe para cá porque achou que possui qualidades aproveitáveis. Até pode ser, mas você age como um mísero tolo, com a ideia fixa de conquistas para satisfação do seu ego e não para o coletivo. Fora daqui não há conquistas de territórios, pois nada pertence a ninguém, tudo são produções fictícias que se desmontam à medida que os padrões de pensamentos dos habitantes se alteram.

Aqui os instrutores e os instruídos precisam ficar alinhados, eliminar emoções inúteis e manter a estabilidade, seja lá em que lugar estejam e em que situação se encontrem. Não nos preocupamos em conquistar nada,

muito menos caçar bruxas ou treinar escravos para obsediar os Homens da Superfície. Estamos muito além disso! Nossos projetos são altamente ambiciosos, sendo assim, você não tem nenhum valor para os nossos propósitos. Além do mais, sua fraqueza pode nos levar à derrocada, caso não te tiremos de nosso caminho. E não argumente nada, porque essa forma de tentar se defender cabe bem aos sistemas judiciários terrestres com advogados e juízes numa corte montada, portanto, a determinação coletiva é que fique inerte e impossibilitado de agir.

Percebi que Libertino falava por todos os que estavam invisíveis, assistindo a tudo, atentos na expectativa da pena que havia sido decretada. Era uma força descomunal essa forma de pensar de todos, aquilo era como um gerador de uma energia negra, fétida, que se movia na sala e que me impedia de raciocinar. E assim aconteceu! Meu corpo astral se perdeu para dar forma uma espécie de massa que eu

não defini. Sei que não me via mais. Me jogaram em cima de algum móvel no canto do salão nobre e ali acabou meu sultanato astral. Concluí que meus sentimentos com relação a Ayesha, minha mãe e o eunuco foram o estopim para minha queda.

Fiquei ali, sem me mover, e ninguém mais se lembrava de minha existência. Me trataram como qualquer coisa, mas subestimaram minha inteligência e minha força de jamais me dar por vencido de forma nenhuma. Os assuntos eram conversados abertamente e mentalmente eu captava todos os ensinamentos que eram passados para aqueles alunos, aprendendo e assimilando tudo com muita clareza. E nas reuniões secretas, todos os projetos futuros de destruir os Homens da Superfície. Quanto aos seres do Império Negro, na verdade, eram remanescentes de seres poderosos que viveram na Superfície há milhões de anos, mas que tentaram escravizar e destruir os Homens,

então, houve necessidade de intervenção dos Seres da Esfera Maior, que os prenderam nessas profundezas de onde só sairão para uma destruição final. Os Homens da Superfície há muito deixaram de se comunicar com os Seres da Esfera Maior como antes, passando a viver na materialidade e assim, sem esse contato direto, começaram a se contaminar na cobiça, inveja, vingança e outros sentimentos inferiores. Já os seres do Império Negro, conhecedores da lei, utilizaram a liberdade dos Homens da Superfície de fazerem suas próprias escolhas, disponibilizando para eles infinitas possibilidades para desviá-los.

Não sei como, mas alguém me retirou dali e me atirou pela janela da Escola. Senti que eu caía de uma altura descomunal em uma espécie de lugar lamacento e fétido, que não defini bem o que era, mas apesar de ser horrível, a energia era mais amena do que aquela que eu exalava no salão da Escola. Mesmo com todos os gemidos que eu ouvia, por ali eu pensava com mais



clareza e tinha o poder de fazer o que eu quisesse com o meu mental. Eu queria voltar a ser o que era! Mentalmente, observava muitos espectros gritando, chorando e gemendo. Não muito longe de mim, um homem chorava, pedia desculpas pelas suas falhas e então, desapareceu. Eu sabia que eram os Seres da Luz atendendo às súplicas de arrependimento dele. Tentei desviar a mente, pois o contato com esses Seres estava fora dos meus planos. Eu estava livre daquela Escola e, agora, naquela condição, precisava pensar uma forma de me refazer e sair dali. Quanto mais eu tentava me mover, no entanto, mais parecia que afundava. Os pedidos de ajuda eram muitos, mas os Seres da Luz não intercediam por todos. Muitos choravam incessantemente, mas sem arrependimento. Havia necessidade de um sentimento sincero e real para se livrar daquele sofrimento, então, senti uma raiva dessas emoções baratas, pois foi por causa delas que eu estava daquele jeito. E quanto mais pensava assim, mais me afundava. Era um vale fundo,

agora eu discernia, como um depósito de lixo. Lá debaixo senti a muralha enorme da Escola. A condição em que eu estava não dava para sair e eu queria me soltar, só precisava estudar como.

Pedir ajuda para aqueles Seres da Luz eu não iria, pois não sei o que me reservava. Os Mestres do Mal já haviam me humilhado muito e eu não me rebaixaria por algo que nem sabia se iria valer a pena. Sair dali, porém, parecia impossível. Ninguém via ninguém... Mentos em devaneios em criações bizarras, horríveis. Cheguei a ver um espectro que se imaginava cozinhando num caldeirão por um demônio criado por ele. Outro sendo espetado na nuca por um tridente e sendo assado numa fogueira. Sofrimentos, choros que não tinham fim e gritos alucinantes. Fiquei ali e, se eu contasse o tempo, diria que fiquei muito. Comecei a me cansar de tudo aquilo e questionar se valia a pena continuar lutando contra meus princípios e os ensinamentos que

me foram impostos sobre aquele algo disforme que eu era... Resto sem vida! Me senti tão inútil que toda aquela couraça de orgulho se desvaneceu e fiquei ali sem pensar em nada. Acho que queria ficar assim, mas minha mente não me ajudava, pois tudo via. Dentro de mim, porém, pedi socorro... Um socorro silencioso e sem forças para balbuciar... Muito menos gritar

# O resgate

Acordei num lugar claro, com as cortinas esvoaçando e o sol queimando meu rosto. Eu me mexi e senti meu corpo e, embora ele doesse demais, estava leve... Agradei aos céus porque havia acordado de um pesadelo, o que me deixou mesmo aliviado. Fiquei feliz, pois há muito tempo não sentia o sol no meu rosto e, mais ainda, quando olhei para minhas mãos e pude apalpá-lo. Pulei da cama e me assustei com aquela espécie de camisola branca com calça para esconder minhas partes íntimas. Olhei ao redor sem reconhecer que lugar era aquele. Vi chinelos em cima de um pequeno tapete à beira da cama e os calcei. As paredes do quarto e os lençóis eram brancos. Mas, onde eu estava? Escutei uma música suave em som ambiente. Escutava os pássaros cantarem lá fora. Quis ir até a janela quando a porta se abriu e uma mulher alta, cabelos curtos e seios grandes entrou.

— Bom dia, Sultão, como está hoje?

— Você me conhece? De onde?

— Quem não te conhece por aqui?

— E quem é você?

— Meu nome é Ana, sou enfermeira e fui designada para cuidar de você, que estará em recuperação aqui por algum tempo.

— Puxa, ainda bem, então estou vivo! Era só um pesadelo! Será que posso ver minha família?

— Não foi pesadelo, Sultão, você desencarnou mesmo e já faz tempo. Apenas foi transferido para uma Esfera cujos moradores trabalham para o bem.

Naquele momento me revoltei por estar desencarnado e ainda nas mãos dos Seres da Luz.

— Sim, o que você chama de Seres da Luz te resgataram e agora que está melhor será levado aos Irmãos que conversarão direitinho com você.

Eu não me conformava por ter caído na

armadilha desses Seres da Luz daquela forma. Eu não pedi que me tirassem de lá e nem que me levassem para aquele lugar. Ana me trouxe uma roupa para que eu vestisse e fosse conversar com um senhor que me aguardava. Bati na porta.

— Entre — ouvi lá de dentro.

— Sou Sultão. Quero agradecer a estadia aqui.

— Como vai, Sultão? Pode me chamar de Souza, sou o diretor desse Hospital. Você está de alta e será levado para o edifício ao lado, onde existem pequenos apartamentos em que poderá ficar.

— O que farão comigo?

— Absolutamente nada, por quê?

— Bem, pensei que seria julgado pelos crimes que cometi.

— Quem julga é sua própria consciência. Se você considera que cometeu crimes, assim será. No momento, o que pedimos a você é que tenha paciência. Precisa

se recuperar completamente, depois decida o que quer fazer de sua vida. Esse Irmão te acompanhará até lá.

— E como refizeram meu corpo?

— Aqui há meio para todos os refazimentos. Não se preocupe com isso, aos poucos você vai aprender.

Fui levado até o apartamento que, apesar de pequenino, tinha tudo o eu precisava. Me deitei e fiquei olhando ao redor. Aquela luz azul me trazia paz e pensei em todos os acontecimentos que transcorreram em minha vida, desde que fechei os olhos no meu aposento no Palácio até quando os abri naquele Hospital. Todos aqueles personagens que eu convivi durante esse tempo pareciam uma mistura de sonhos, pesadelos, peças teatrais. Não sei definir bem. Por enquanto ia ficar ali. Adormeci.

Novamente o sol gostoso batia em meu rosto. Olhei na janela e vi muitas pessoas passeando. Era outra atmosfera, pois as

peessoas conversavam e riam. O jardim era cuidado esmeradamente e possuía flores multicores, porém as brancas me chamaram a atenção. Eram semelhantes às que Ayesha plantara. Curioso, fui até o jardim para tocar nas flores. Realmente eram iguais, grandes, cheirosas e, por incrível que pareça, eu chorei! Senti que ela estava perto de mim e chorei de soluçar sobre aquelas flores. Então, uma mão tocou meus ombros suavemente.

— Como você está?

— Estou bem, obrigado — respondi para Ana secando meus olhos e sem levantar a cabeça.

— Aqui não há como não ficar bem, além do mais eu estou aqui para cuidar de você.

— Olha, não preciso de nada. Já disse que estou bem. Desci para olhar essas flores brancas, pois são parecidas com aquelas que minha esposa cultivava em nosso terraço. Senti saudades e era como se ela estivesse



aqui. Acho que esse é um tipo de lugar onde ela poderia viver, porque era uma pessoa de muitas qualidades boas.

— Tenho certeza de que se ela estiver por aqui, no momento certo você a verá. Precisa terminar seu tratamento e depois de sua recuperação total poderá tomar a decisão sobre o que fazer.

Respondi com um sorriso debochado:

— Sobre que fazer da minha vida?

Aquela vida ali era de uma calma total que me entediava e comecei a ficar desleixado e descuidado. Tinha que comparecer nas aulas, que eram tediosas e eu me desanimava logo. Ana sempre me chamando atenção sobre minhas maneiras e aquilo me incomodava.

Certa manhã, fui acordado por um homem muito bem trajado que solicitou que o seguisse. Sempre desconfiado, olhei para Ana, que deu sinal com a cabeça para que fosse com ele. Num piscar de olhos me vi diante de um salão, cujos vitrais refletiam a luz solar,

desenhando cores no ambiente. Um homem muito educado me recebeu.

— Sultão, sei que está curioso para saber por que o trouxemos aqui.

— Estou sim — respondi desinteressado, mexendo numa flor dentro de um vaso no centro da mesa.

— Sou Eliotério, responsável pela Administração e você foi resgatado porque pediu. Claro. Sabemos, porém, que é um homem mentalmente forte e com muita experiência do Submundo.

— Tenho mesmo e conheço todos por ali — respondi orgulhosamente.

— Muito bem, nós precisamos de ajuda para combater esses seres que querem destruir os Homens da Superfície, porque muitos acontecimentos lá, especialmente os ruins, são por interferência deles.

À medida que Eliotério falava, eu revia mentalmente todos os planos, projetos e execuções dos Membros da Escola do Mal. Eu

achava que Eliotério nem imaginava o que eu conhecia a fundo.

— Você sabia que vai ter uma grande guerra?

— Sim, já está acontecendo há três anos.

Fiquei meio sem graça. Então, nesse tempo eu estava dormindo, deduzi.

— E o Hospital tem recebido muitos desencarnados dessa guerra.

— Mas não vão parar por aí, depois vem uma epidemia que assolará a Superfície e que matará mais que a guerra.

— Sabemos também e já temos o antídoto para essa epidemia.

Não satisfeito, achando que eu sabia mais que ele, conclui:

— Outra guerra assolará a Superfície, onde morrerão milhões de pessoas, muitas, inclusive, de modo cruel e desumano.

— Também sabemos, mas gostaria que se juntasse a nós, Sultão, fazendo parte do

grupo de apoio a esses trabalhadores do bem, pois nossos irmãos não dão conta de tantos desencarnados.

Naquele momento tive um acesso de raiva e gritei:

— Eu não entendo como pode uma coisa dessas. Vocês sabem tudo que vai acontecer e não fazem nada para evitar? Deveriam evitar esses acontecimentos e não remediar, montando equipes para recolher aqueles que desencarnaram. Já vivi uma história parecida. O trabalho era pegar aqueles desencarnados para que se tornassem escravos ou fonte para os sugadores de energias. Eliotério, diante disso, manteve sua postura calma e tranquila.

— Perdão, Sultão, aqui não fazemos ninguém de escravo e muito menos utilizamos as energias dos corpos astrais dos desencarnados.

— Mas resgatam pessoas e transformam-nas em trabalhadores também.

— É diferente! Trabalham se quiserem e não como escravos. Após a recuperação, os desencarnados precisam estudar e trabalhar, pois isso os ajudará a ocupar a mente até o momento em que as situações deles sejam definidas. Não cabe a nós essa decisão, está acima, em outras Esferas.

— Você não tem ideia de como é essa escuridão. Essas pessoas precisam saber.

— Tenho sim! Faça parte da equipe de resgate, aliás, participei do seu lá no fosso da Escola em que você estudava e conheço bem como é tudo. Muitos de nós que hoje estão aqui já tiveram suas vivências por lá, passando pelas piores situações. Outros eram como você, liderando exércitos para praticarem toda sorte de maldade com os desencarnados e com os Homens da Superfície. Então, Sultão, agora que está aqui desse lado, pela providência e misericórdia divina, deveria ser grato, humilde e aceitar de bom grado o trabalho que estou oferecendo. Tenho certeza de que vai

ser muito bom para o seu crescimento. Então, quer nos ajudar?

— No momento não quero fazer esse trabalho.

— Muito bem, Sultão, se mudar de ideia sabe onde me procurar.

Sai dali meio desolado com aquela conversa e revoltado com aquelas pessoas. Estavam extremamente calmas e tranquilas, preparando equipes para trazer os desencarnados, cuidar e transformar em trabalhadores, enquanto o mundo era detonado por aqueles Mestres do Mal. Mas, lá no fundo, aquele sentimento ia mais além do que isso. Eu havia sido detonado por eles e esquecido como uma massa repugnante num canto, depois jogado fora como lixo. Agora eu estava em outro ambiente e ainda continuava sem saber o que faria do meu caminho. Precisava seguir um rumo, onde eu achasse outros que estavam dispostos a lutar contra eles, para me juntar e combater aqueles ases da maldade, pois não

me conformava de terem me rechaçado.

E aquele lugar era um tédio, dia longo, mas também havia noite. Muitos se recolhiam, porém alguns não tinham necessidade de dormir, então ficavam passeando por ali. Para trazer um pouco de movimento e ânimo para aquela situação, eu dormia, comia, me banhava e fazia minhas necessidades fisiológicas. Todos ali assistiam aos meus atos de rebeldia, mas não criticavam, porque estavam envolvidos com seus afazeres.

Foi então que Ana, me tirando dos pensamentos, falou.

— Você gosta de ação, não é, caro Sultão?

— As coisas são devagar e isso me deixa entediado. Não vejo militares por aqui, ninguém lutando contra as forças contrárias.

— Temos militares, sim. Eles ficam nas muralhas e pouco temos contato.

— Militares de verdade mesmo?

— Sim, Sultão, venha comigo e vou te

apresentar o general Maioral.

Então, havia militares por ali! Imaginei como deveriam ser! Vivendo como se estivessem sonhando, na paz e tranquilidade. Uma música suave que tocava sem parar, levando-os a um estado sonolento. Em minha imaginação, até seus uniformes eram limpos demais.

— Não, Sultão, eles ficam nas muralhas e precisam ficar atentos, porque os ataques são constantes, ainda mais agora que estão chegando muitos desencarnados vítimas da guerra. Mesmo assim, vamos cumprimentá-lo e falar de sua vontade de ajudar nessa área.

Fomos até onde estava o militar vigiando, que nos atendeu educadamente.

— Como vai general Maioral?

— Bem, Ana e você? Então, esse é o Sultão, como vai?

— Bem! E que bom ver militares por aqui.

— Ana falou que você é militar também



e estamos precisando de homens experientes para nos ajudar a proteger as muralhas. O trabalho de vigilância é intenso, nossas muralhas são sempre atacadas para destruírem nosso Hospital, roubarem nossos pacientes e minarem nossas defesas. Hoje estou de vigia com meus soldados e não posso sair daqui, porém, quando terminar meu turno, vou conversar com você. E pode me chamar de Maioral, apenas.

Agradei e retornei muito contente ao lado de Ana.

— Obrigado por me levar até o Maioral.

— Não precisa agradecer, penso que esse é um trabalho que gostará de fazer e, tão logo esteja completamente inserido nessa nova etapa de sua vida, estará apto para tomar a decisão sobre o que realmente quer.

Comecei a simpatizar com aquela mulher, embora sua aparência não me agradasse. Ana possuía uma doçura no olhar muito familiar, então, perguntei em tom de

brincadeira.

— Você é casada? Não se diverte por aqui? Sabe o que quero dizer...

— Sultão, a prioridade do sexo era para multiplicação da raça humana, mas o Homem da Superfície direcionou essa energia para seu prazer carnal e isso se tornou uma das coisas mais importantes para eles. Aqui usamos essa força mental para ajudar a quem precisa, embora eu saiba que onde você estava praticavam toda espécie de sexo através de suas criações mentais.

— Sim e era emocionante.

Ana riu do meu jeito, se despediu e retornei ao meu apartamento.

Mais tarde, como prometido, Maioral foi conversar comigo:

— Sultão, vou te levar para conhecer meus subordinados, mas antes tenho uma tarefa para você executar, que é limpar toda a sujeira que fez. A cozinha e os banheiros com chuveiros foram plasmados para aqueles que

chegam aqui com total desconhecimento e aceitação, e que à medida que desaparecem de tudo, não utilizam mais. Você, no entanto, tem esse conhecimento de que não comemos, nem bebemos ou temos necessidades fisiológicas. Não sei o motivo pelo qual insiste em fazer isso. Se é mente desocupada, revolta, teimosia ou infantilidade. Então, limpe todos os utensílios que utilizou todos esses dias e o banheiro que usou, porque aqui ninguém fará isso por você.

Fiquei quieto, sentindo um misto de surpresa e vergonha, mas não tive alternativa a não ser limpar tudo. Dentro de mim, porém, prometi nunca perdoar Maioral por isso.

Maioral era um homem sério e rígido, mas tratava a todos com muito respeito. Não havia necessidade de gabar meus feitos para ele, pois ele conhecia toda a minha trajetória e se incumbiu pessoalmente de me treinar no trabalho que eu iria executar, embora eu nem necessitasse, pois guardar muralhas era uma

coisa extremamente fácil. Vestido com uma farda ridícula nos encaminhamos ao local de trabalho. Ali me explicou a necessidade de manter o padrão dos meus pensamentos e sentimentos, porque um descuido seria perigoso para todos. E assim foi! Na primeira noite tudo parecia tranquilo, um marasmo, quando de repente bolas de fogo vieram de nossa em nossa direção.

— O que é isso, Maioral?

— Estamos sendo atacados, Sultão, precisamos nos proteger. Estão jogando bolas de fogo que estouram como bombas, vamos nos proteger e não se preocupe que o Hospital possui proteção. Além do mais, essas bolas de fogo são para nos atingir. Vamos cuidar de nós.

Nos escondemos, mas milhares delas passavam por nós, tocando nosso corpo e nos queimando. Então, Maioral me explicou que através de nosso mental criássemos um enorme escudo de luz bem brilhante para que

aquelas bolas de fogo desviassem e desaparecessem. Assim fizemos e as bolas de fogo foram todas se destruindo. Passado o ataque, ficamos ali, atentos até a troca de plantão.

Na segunda noite, lá estava eu novamente, quando senti uma picada na minha perna. Eram pequenos seres semelhantes a aranhas que surgiram de toda a parte.

Maioral e eu corremos para nos proteger na cabine, mas elas conseguiam penetrar nas paredes e nos atacavam com voracidade. Fui instruído para que, com o nosso mental, aquecêssemos nossas roupas, que foram queimando todos aqueles bichos até nos livrarmos totalmente deles.

Então, muito nervoso, perguntei:

— Toda noite é assim?

— Sultão, você já reparou que aqui não podemos passear pelas muralhas, sonhando acordado ao som das melodias suaves tocadas nos pavilhões. Mas fique tranquilo, você está

indo muito bem. Está indo bem!

Percebi o tom irônico de Maioral e que nada ficava escondido por ali. No terceiro dia, estava preparado para qualquer ataque, fiquei atento a qualquer movimento e tudo transcorreu na paz. Quase ao término de nosso trabalho, eu estava ao lado de Maioral que, me observando atentamente, me ordenou que fizesse a última ronda antes da troca da guarda. Obedeci e, enquanto caminhava pelas muralhas, caí numa armadilha e fiquei preso numa espécie de caixa toda fechada, sem saída. Mesmo gritando com todas as minhas forças, ninguém me escutava. Não sei quanto tempo isso durou, mas Maioral me retirou dali. Quando saí, todos os soldados estavam me olhando e rindo. Fiquei muito possesso.

— Eu gostaria de saber qual é a graça de um companheiro de vocês cair numa armadilha?

— Sultão, tudo isso que você passou nestes três dias foram apenas treinamento de

supostos ataques para que eu pudesse observar como se sairia.

— Você quer me dizer que não havia inimigo algum e que eu banquei o tolo, correndo, gritando e me jogando para não ser atingido por bombas?

— É muito importante treinar a percepção dos soldados para que não desviem os pensamentos e ponham nossos trabalhos a perder. Esses ataques semelhantes e até piores já aconteceram por aqui, mas o inimigo não nos surpreenderá se estivermos atentos, com nossas percepções aguçadas e focadas no trabalho de Luz que realizamos. Tenho certeza de que mesmo vivendo do lado oposto lá no Submundo, você sabia quando o perigo estava à espreita.

— Claro que sabia!

— Então, Sultão, eles agem sempre da mesma maneira, só aperfeiçoam as armadilhas, mas percebemos no ar quando o silêncio é total. Por isso é importante que, ao

iniciarmos nosso trabalho, agucemos nossa percepção.

Continuamos nosso treinamento e claro que fiquei mais calmo, compreendendo que passasse o século que passasse, ainda tinha muito a aprender. Imaginei que minha experiência no Submundo deveria servir de alguma coisa por ali, mas estava longe utilizar qualquer aprendizado lá debaixo nos trabalhos de vigilância. Uma coisa, porém, eu percebi: que havia encontrado uma paz interior que há muito não sentia e a recordação de Ayesha se tornou mais vívida em minha mente, assim como a curiosidade de saber em que lugar ela estava agora.

Maioral me levou até um forte completamente protegido por homens extremamente musculosos e vestidos de militares. Entramos numa sala enorme, com uma grande tela circular. Sentamo-nos nas cadeiras e, com sua mão direita, Maioral ligou aquela tela. Levei um enorme susto, pois via



todo o Submundo, camada por camada, e paramos num enorme salão onde acontecia uma reunião. Então, reconheci:

— É a Escola dos Mestres do Mal!

— Sim, em tempo real para você melhor compreender, observamos tudo que acontece. Nesse momento todos estão exultantes com o início de outra grande guerra que, semelhante a que terminou, abrangerá o mundo todo. E conseguiram hipnotizar milhões de pessoas para que ajudassem a desencadear essa guerra.

Eu, indiretamente com meu mental envolto por aquela massa em que eles haviam me transformado, participei de todas as reuniões daqueles homens sem que eles notassem e, agora, sentia uma satisfação de saber que podia novamente observar todo o movimento daqueles monstros sem que eles percebessem.

Maioral me olhou e eu sabia que ele havia entendido minhas intenções, mas

continuou:

— Sultão, daqui nós assistimos tudo que eles planejam. As Esferas de Luz tentaram de todas as formas impedir que isso acontecesse, do mesmo modo que tentou na primeira, mas os homens quando não estão acumulando bens, estão no seu egoísmo, na sua miséria interior e, quando ficam numa situação precária, no limiar da morte ou de perda, uns se arrependem, outros se revoltam. E há milhares de anos que os Homens da Superfície estão nessa condição. Pensou-se que, com a implantação das religiões na Superfície, se pudesse ligar o Homem ao Divino, elevar sua consciência e resgatar sua comunicação com as Esferas de Luz. Mas o Homem da Superfície deixou que as coisas externas dominassem seu coração e as religiões os transformassem em fanáticos. Só existe uma forma de neutralizar o mal, que é de elevar os sentimentos, pensamentos e ações, trazer para fora todo o Ser Divino que cada um é. Mas

desde que o ser humano acredita que a vida é somente aquilo que se pode apalpar, vive na materialidade, cobiça, engano, mentira, inveja, crimes e toda sorte de maldade e assim. Vivendo pelo externo, toda sua divindade ficou esquecidaem algum ponto dentro dele, de modo que mesmo encarnando milhares e milhares de vezes não aprendem. E o pior, ficam à mercê das forças do Mal, traindo, perseguindo, destruindo e matando aqueles seres que saíram das Esferas de Luz para reencarnar na Superfície e ajudá-los a sair da alienação em que se encontram.

Eu ouvia tudo atentamente e nem sabia que quando encarnado havia um ser divino dentro de mim, que EU era um ser divino. Sem saber disso, eu já exercia domínio sendo Sultão, imagine sabendo que era portador desse poder dentro de mim... Maioral, então, continuou...

— Mesmo desconhecendo esse poder, tudo que o Homem da Superfície pensa e

realiza tem a ver com sua consciência, mas a forma como direciona sua vontade é que vai demonstrar o caminho que está seguindo.

A Superfície estava vivenciando uma grande epidemia e o Hospital recebia mais desencarnados do que a última guerra. Os espectros tentavam subir as muralhas para sugar as energias deles, mas com nossa arma de contensão derrubávamos muitos. Não os destruía, mas os deixava impossibilitados de tentar escalar as muralhas novamente. Eu me divertia atirando neles e permitia que eles chegassem bem perto. Depois os abatia com minha arma e eles voavam para baixo. Maioral me chamou a atenção!

— Sultão, não brinque com isso, lembre-se que mesmo que estejamos protegidos pelas Esferas de Luz, nosso padrão de pensamento é que vai manter essas criaturas distantes das muralhas.

— É muito bom atirar neles — confessei.

— Veja bem! Se eles estão se aproximando demais é porque o padrão vibratório caiu. Muitos trabalhadores ficam envolvidos em ajudar os que chegaram aqui e esquecem de retomar o equilíbrio para não esmorecer, embora tenhamos Supervisores para ajudar quando isso acontece e nós, aqui, utilizamos outros recursos para as defesas, entende? Somos seres humanos desencarnados, com emoções, e esses espectros também, só que desorientados, enfraquecidos, querendo se alimentar. Claro que no meio deles pode haver alguns que fazem parte de alguma organização do Mal, mas não vamos parar para perguntar. O correto é atirmos com nossa arma de contenção bem antes deles chegarem, pois muitos sabem como voltar e podem nos pegar de surpresa.

Ouvi Maioral e sabia que ele tinha razão. Em minha existência do lado do mal, podia ver isso acontecer... Seres que pareciam inofensivos, mas que, posteriormente, se

mostravam terríveis. Me voltou à memória aquela mulher que um dia foi minha mãe em minha última encarnação.

Maioral me disse que um comandante queria falar comigo. Fiquei temeroso que mudassem o trabalho que eu estava fazendo, pois estava gostando. Maioral, porém, me acalmou.

— Ele quer conhecer o grande Sultão, pois sua fama chegou aqui não é de hoje.

— Fama na escuridão, você quer dizer.

— Quem é famoso na Escuridão é por aqui também.

— Vocês conhecem todos os que vivem nos submundos?

— Eu pessoalmente, não, mas os Seres das Esferas de Luz conhecem todos pelos nomes, desde o início de suas encarnações, assim como seus esconderijos, suas manias, suas armadilhas, seus projetos. Nada passa desapercibido.

— Eu já tive uma discussão com

Eliotério sobre o conhecimento que vocês possuem de tudo e, com isso nas mãos, não fazerem nada para acabar com o poder deles e evitar esses sofrimentos todos.

— Sultão, vamos devagar, somente o tempo vai te ajudar a entender.

Entramos numa espécie de nave e Maioral me explicou que viajávamos nelas para melhor visualizar toda a planície. Dentro da nave havia um sistema controlado por alguns espíritos simpáticos que me cumprimentaram apertando a mão. Um deles se identificou como sendo Sete. Era o capitão e me mostrou o sistema altamente sofisticado daquela nave e as armas poderosíssimas que manuseavam ali. Fiquei espantado diante de tanta tecnologia. Pairamos em cima de um prédio e, num instante, estávamos na sala do Comandante. Ali estavam reunidos muitos oficiais e meu lugar na mesa já estava marcado com meu nome. Da janela, notei que era um prédio não muito alto, com um jardim florido

e muitas árvores frutíferas, assim como borboletas e passarinhos voando. A reunião começou com o comandante falando.

— Senhores, agradeço a presença de todos. Estivemos tão unidos que mal dá para definir o quanto, lutamos para vencer os ataques das forças do Mal, distribuímos nossos homens e mulheres por cada canto onde houve necessidade e o mundo parece voltar à calma. A epidemia foi curada e se dissipou e, mesmo que muitos tenham desencarnado, todos estão sendo cuidados para compreender o que se passou. Estou reunindo vocês, Comandantes dos Exus, para pedir que continuem acreditando em vossos potenciais e que nunca deixem de estudar e treinar. O mundo está se refazendo, mas estejam atentos onde estiverem, porque o inimigo não dorme! Alguns de vocês serão encaminhados para trabalhar em casas voltadas à prática do bem, que ajudam pessoas através de seus conhecimentos, com suas ervas e suas



Divindades. Vocês ficarão de prontidão para qualquer emergência, para levar espíritos que se prestam a atrapalhar esses trabalhos.

Então, logo questionei.

— Mas o que vem a ser Exu?

— Somos chamados assim na Superfície! Existem casas que solicitam as energias dos espíritos para atuarem, ajudando os Homens que as procuram. Você vai aprender mais sobre tudo isso nos dias de trabalho. Vamos ficar ali de prontidão e se precisarem de nós vamos agir para afastar espíritos de toda sorte. Se houver, no entanto, exceção, ou seja, algum terreiro que não esteja condizente com o que se propôs, nós apenas nos afastamos e nada mais.

Na primeira vez que fui naquela Casa de Caridade estava acompanhado por Maioral e fiquei atento a todos os movimentos. De fato, em volta da casa, havia muitos espectros querendo entrar que precisavam ser contidos, mas também muitos Exus olhando tudo o que

acontecia e, de vez em quando, convenciam um desses espectros a ir ao Hospital. Os trabalhos começaram e transcorreram na mais perfeita ordem. A responsável pelos trabalhos dirigiu de forma esmerada, com muita fé e amor. Era um trabalho diferente! Os Espíritos que se apresentavam ali emanavam uma energia através dos trabalhadores que, movidos pela vontade deles, falavam e limpavam as energias densas que ficavam em volta daqueles que estavam ali buscando ajuda e que ao final deixavam o lugar equilibradas. Era algo totalmente desconhecido para mim aquele meio de trabalho.

— Esses Espíritos falam através de pessoas que reúnem condições para que isso ocorra, com o dom da mediunidade. Elas possuem uma conexão com esses Espíritos através de afinidade e, assim, canalizam as informações.

Era interessante mesmo, mas muitas vezes percebi que muitos retornavam na

mesma situação para pedirem ajuda. Eram constantes pedintes e, pacientemente, aqueles Espíritos aconselhavam e limpavam. Fiquei um tempo tomando conta dali, até que me pediram para retornar, porque a paz do mundo foi efêmera e a escuridão de uma nova guerra pairava. Todos os militares haviam sido convocados.

Na mesa de reunião, agora em formato de tela, todos assistiam ao discurso insuflado de um homem. A multidão recebia as informações com grande emoção. Era a criação de uma força que destruiria aquele mundo imperfeito. O homem que discursava demonstrava saber o que estava fazendo, conhecia perfeitamente símbolos ocultos, demonstrando com maestria para o que veio e sua contrariedade aos ensinamentos do Bem. Fitei aquele homem, lembrei-me da despedida de Helena e o que me disse que poderia acontecer com sua forma física. Tive a certeza de que Helena renascera e estava pronta para

cumprir o projeto do Mal. Olhei atentamente tudo em volta de onde o homem discursava. Um exército imenso, soldados esmeradamente vestidos com seus uniformes impecáveis e prontos para lutar pelos ideais daquele líder. No ar, um negrume pairava sobre todos e no chão pude ver um lodaçal, energias como gelatina que se moviam nos pés de todos. Atrás do homem, um espírito com capuz negro, representante do Império Negro.

— Eu reconheço esse homem. Ele foi Helena e trabalhamos juntos no Submundo. Foi ela, aliás, quem me encaminhou para a Escola dos Mestres do Mal.

— Não foi possível impedir que reencarnasse, agora ele está prestes a iniciar uma devastação na Terra através não só da guerra, mas também perseguição a povos. Pretende se colocar no lugar do Todo Poderoso, querendo apenas uma raça na Superfície.

— E por que vocês não conseguem

evitar esses acontecimentos?

— Os Seres das Esfera de Luz poderiam fazer sim, se não fosse de encontro com a Lei imutável do Todo Poderoso, a de permitir ao Homem da Superfície ter sua liberdade para buscar seu caminho. Orientam, sim, dentro dessa Lei e todas essas consequências são apenas colheita daquilo que escolhem. Aos Seres das Esferas de Luz cabe ajudar e proteger alguns e cuidar de outros que desencarnam.

— Fácil assim, não é? Acredito que amar seja evitar desgraças e não remediar o que já aconteceu. Então, se essa liberdade está prejudicando os Homens da Superfície, melhor seria modificar essa Lei.

Todos me olharam, mas não esboçaram nenhuma palavra, apenas Maioral respondeu a minha crítica.

— Sultão, creio que você precisa compreender tudo que fazemos antes de criticar os nossos trabalhos. Apenas te digo: o

Todo Poderoso não escraviza sua própria criação, apenas o homem faz isso com seus semelhantes, criando leis nos sistemas políticos e judiciários existentes na Superfície para levá-los à obediência. No caso de negativa, nesses mesmos códigos existem as cláusulas que os penalizam. E não esqueçamos de que, no caso de muitas religiões, líderes utilizam seus livros sagrados para ensinar o Homem a obedecer a um pseudodeus e, em nome dele, castigam, oprimem e matam. Então, vou mais além: o Homem, mesmo despojado de seu corpo físico, continua com sua trajetória de opressão ao outro Homem.

Ouvi atentamente as palavras de Maioral e, antes de sair daquela reunião, dei uma última olhada para aquele homem discursando inflamadamente e para os soldados todos voltados para ele, hipnotizados e parados como estátuas. Lembrei da mulher linda que Helena havia sido, agora encarnada no corpo de um homem feio demais, medíocre,

sem expressão e simpatia, um líder cruel e destrutivo utilizando o dom da palavra que levaria milhões de pessoas à destruição, tendo à disposição inventos transformados em armas poderosas e um enorme exército disposto a fazer o que ele exigisse. Concluí, então, que de Helena não restava mais nada.

Mas refleti sobre tudo que o Maioral me mostrou e explicou. Questionei dentro de mim se não haveria saída para o ser humano. Concluí que havia apenas duas classes deles: a Dominante e a Dominada. A Dominante era pouca, no entanto possuía a vibração da fala convincente. A Dominada não se importava com tal domínio, desde que alguns tivessem tudo que pudessem juntar no âmbito material, e ainda havia aqueles que se conformavam em não possuírem nada. Mas farei uma análise mais profunda desse aspecto depois de um encontro que eu terei e que será muito importante para meu entendimento ao analisar o aspecto dos tipos de seres humanos.

## Trabalho na Superfície

Fui convocado a ir a um local onde o dirigente, que se denominava pai de santo, recebia muitas pessoas, ali ele curava, profetizava e ajudava, sendo respeitado por seu trabalho. No entanto, as pessoas que ali frequentavam eram extremamente pobres e, na ânsia de melhorar de vida, deixavam muitas vezes tudo que possuíam como pagamento dos trabalhos feitos, ao que o homem alegava que não ficava com nada. Tudo era para pagar os seus guias. Pediram que eu apenas observasse e focasse debaixo do altar, onde ele guardava um baú cheio de notas do dinheiro recebido. Ao fundo, pequenos esqueletos enterrados e o corpo de uma criancinha morta recentemente sugada por horríveis espíritos. Assim, o pai de santo conseguia resolver todos os assuntos e era muito bem pago por isso. Me explicaram que, em virtude de estar desencarnado, muitos



não poderiam me ver atuando, então, haveria necessidade de utilizar as energias de uma médium que tinha o dom para incorporar e contatar essas pessoas. Era uma experiência interessante que eu iria vivenciar.

Uma velhinha humilde, sentada num cantinho, assistia a tudo calada. Me aproximei dela e utilizei sua mediunidade para desmascarar o pai de santo. Foi a primeira vez que pude falar através de uma encarnada sobre o que fazer e, imediatamente, sob minha vontade, a mulher expôs toda a sujeira daquele homem diante daquelas pessoas sofridas. Alguns homens que estavam ali seguraram o pai de santo, enquanto outros cavaram por debaixo do altar e encontraram tanto o baú com o dinheiro como muitos ossinhos dos bebês enterrados, que foram utilizados como uma oferenda macabra. E assim aquele homem foi preso, caindo em descrédito para não enganar mais ninguém.

Numa certa ocasião, comecei a

trabalhar em um outro local por algum tempo. Gostava muito daquele trabalho e era adorado por aquelas pessoas, que me davam presentes e oferendavam sangue de animais em troca da solução de seus problemas. Comecei a me sentir muito importante, com um ‘pequeno reinado’ para satisfação do meu ego. O Zelador daquele local era uma pessoa de caráter duvidoso e pedia valores exorbitantes pelos serviços prestados em meu nome. Por ser mentiroso, mesmo quando eu não comparecia, ele fingia estar incorporado com meu espírito e abusava da confiança que as mulheres tinham em mim para conquistá-las. Mas eu não me importava com isso, na verdade, entrava na brincadeira e ria muito das safadezas daquele homem, mas havia o trabalho sério, que era de ajudar aquelas pessoas. Percebia que saíam dali bem melhores e agradecidas, o que me deixava contente.

De vez em quando ia até o Maioral, mas

nem dava satisfação do que estava fazendo, afinal, ele sabia. E sempre tentava ver através da sala redonda o que os Membros da Escola do Mal faziam, mas não conseguia acessar. Não compreendia o que acontecia.

— Sultão! Esse aparelho foi projetado por mentes angélicas, eles nos trouxeram a ideia e nossos construtores concluíram. Na realidade, funciona como tudo aqui, através de sentimentos nobres. Isso é ótimo, porque se cair nas mãos de alguém mal-intencionado, ele não funcionará.

Fiquei sem jeito com a explicação de Maioral.

— Eu te entendo, Sultão, você tem esse sentimento de rancor por aqueles Mestres do Mal, mas agora está em uma outra fase de seu processo e deveria refletir melhor sobre suas atitudes. Está na hora de decidir o que você quer realmente. Sei que não concorda com a forma de agirmos por aqui, que tem ideias revolucionárias e tem provado na história que

isso não leva a caminho nenhum, a não ser o da frustração.

— Não concordo mesmo! Vocês podem impedir muitas coisas, mas não o fazem.

— Eu não vou dar todas as explicações novamente, você não quer entender.

— Em meu território, quando eu sabia de algum ataque, agia antecipadamente para impedir. Aqui vocês não fazem isso, mesmo tendo todas as informações disponíveis.

— Eu disse que você precisa dar continuidade aos seus estudos e aprender profundamente as Leis Imutáveis Supremas. Você foi em algumas aulas, mas focava sua mente em outras coisas fazendo descaso dos ensinamentos tão importantes para compreender essa outra etapa de sua caminhada.

Mudei de assunto para fugir das palavras de Maioral.

— Quando verei minha mulher Ayesha e meu filho Hashir?

— Você se encontra preparado para ver essas pessoas, Sultão?

— Claro! É o que mais quero.

— E eu te digo que não está, pois primeiro é necessária aceitação no seu íntimo.

— Aceitação de quê? O que mais querem de mim?

— Está num local apropriado para que eleve o padrão de sua consciência, parando um pouco para buscar respostas de todos os acontecimentos no decurso de sua última vida e de outras que teve antes.

Maioral me falava, mas eu continuava irredutível, como se quisesse me vingar de alguém que me tirou as coisas que eu mais amava.

— O único que sairá perdendo com tudo isso, Sultão, é você mesmo. Vou te mandar para o Hospital. Ana irá te levar, pois precisa de tratamento emocional.

— O que é isso? Eu, doente? Que história é essa, Maioral?

Ana estava ali em nossa frente, chamada m e n t a l m e n t e por Maioral.

— Ana, acompanhe o Sultão para tratamento e repouso.

Ela me pediu para acompanhá-la e, no trajeto, desferi muitas ofensas a ela. Ana, por sua vez, me segurava pelo braço, exercendo autoridade sobre mim.

— Pare! Quem você pensa que é? Não gosto de você e te acho feia e desajeitada.

— Sultão, você é o que menos pode falar de feiura por aqui — disse Ana aos risos, continuando a me levar tranquilamente.

Passei pelo Doutor, que me receitou uma espécie de água e ela passou a cuidar de mim.

— O que eu tenho, Ana?

— Baixa energia. Andou em lugares e fez coisas que não devia.

— Trabalhei na Superfície num local onde se pratica a caridade.

— Não somos impedidos de trabalhar

em locais assim, isso não nos enfraquece, desde que essa Casa seja mantida por pessoas de boa moral e equilíbrio, fazendo dali um local destinado realmente à prática do bem, amor e caridade. Senão cem por cento, pelo menos condizente ao local em que estamos. Então, não nos afetaremos, pelo contrário, ajudaremos a limpar as energias que estiverem atrapalhando o bom andamento dos trabalhos.

— Você quer dizer que eu fiquei assim porque era o guia do Zelador dali?

— Você esteve em um lugar de energia com padrão vibratório bem mais baixo que o seu. Isso não te contagiaria se você mantivesse o seu padrão em equilíbrio.

Eu olhei para Ana e, confesso, nunca havia pensado naquilo.

— Os mundos têm suas camadas de padrões vibratórios diferentes e o mental desses espíritos é condizente com esses padrões. Não tem como fugir. Só iremos para uma dimensão maior, caso elevemos esses

padrões. Um espírito elevado pode chegar até onde estamos, baixando sua energia para entrar nesse território mais denso, mas mantendo seu padrão mental equilibrado, senão ele se contagia e não poderá mais acessar sua morada. O mesmo acontece conosco que estamos aqui. Se formos à Superfície, baixaremos nossa energia, mas manteremos nosso padrão mental. Assim seremos verdadeiramente úteis sem nos contagiar. Os seres que estão extremamente elevados não baixam seus padrões vibratórios, apenas emanam energia, que já é poderosa, para ajudar quando necessitamos.

Ana falava com uma sabedoria que no momento até me pareceu simpática.

— Aqui não nos preocupamos com beleza externa. Isso é muito apreciado lá na Superfície. Mas esta é a forma física de minha última encarnação. Nasci nos Estados Unidos da América e era enfermeira de um hospital psiquiátrico.



— Nem conheceu o Submundo, não é?

— Em algumas encarnações já fui, sim.

Não há um ser humano que não tenha passado por lá pelo menos uma vez. Todos já praticaram o mal e o bem e, através disso, adquiriram experiências que somadas fazem parte da evolução dele. Por isso é importante essa análise, para não julgar ninguém.

— E você se casou?

— Claro! Tive marido e filhos.

— E você sabe onde eles estão?

— Sim, já me foi dada a oportunidade de saber.

— E onde está minha Ayesha, você sabe?

— Sim, eu sei. Ela está mais perto de você do que pensa.

— Puxa, me ajude a encontrá-la. Por que me deixa nessa agonia?

— Não estou fazendo nada, acredite, Sultão. Se você começar a utilizar sua intuição vai compreender onde está Ayesha.

Fiquei mais confuso com as palavras dela. Tinha certeza de que brincavam com minha inteligência. Andei por todo o hospital, entrei em quartos, conheci todo o corpo de trabalhadores dali e não vi nem sombra dela.

— Sultão, a última imagem que você tem de Ayesha está gravada em sua mente. Faz muito tempo que ela desencarnou da forma que você se lembra, mas depois disso ela teve outras encarnações, ora como homem, ora como mulher. Sabe lá quantas vieram depois de Ayesha.

— Você está me dizendo que eu posso ter visto Ayesha e não ter reconhecido, porque poderia ser até um homem, é isso?

— Sim.

— Seria o Maioral? Não, claro que não seria!

— Você deseja que ela seja da mesma forma que a viu na última encarnação, com os desejos, pensamentos e a personalidade que possuía para que você possa reviver seu

casamento. Mas não é assim que funciona, Sultão. Se ela teve muitas encarnações, hoje a somatória de suas vivências não condiz mais com essa mulher que você teve.

— Ela não vai me amar, é isso?

— Da forma como você deseja, não. E precisa estar preparado para esse encontro.

Eu estava me sentindo um nada com tudo o que Ana me falava, porém insisti no assunto.

— Mesmo assim, quero vê-la, sei que a reconhecerei, seja de que forma estiver.

— Isso é verdade! Mas apenas quando olhar com os olhos de seu espírito, não dos seus desejos. Quando fitar os olhos de Ayesha vai reconhecê-la.

Ana se retirou e fiquei ali pensativo. Precisava aprender a olhar com os olhos do espírito.

## Os Caveiras

Não retornei mais àquele lugar, mas Maioral me chamou para conhecer um trabalho realizado no Cemitério. Confesso que nem imaginava como era, então, fomos a um pequenino cemitério situado num vilarejo na Escócia. Os túmulos eram todos em formato de grandes pedras. Tudo muito bem organizado.

De longe avistei militares vigiando todos os cantos, muralhas elétricas protegiam o local. Nos aproximamos de um militar alto e de porte elegante, que veio nos cumprimentar e me disse se chamar Tatá Caveira. Apresentou a outros militares também e me explicou que a função deles era de encaminhar espíritos para tratamentos e de conscientizá-los de suas condições. Um pouco abaixo, vi uma senhora sentada na pedra tumular sendo cuidada por um dos militares. Desci com Tatá

Caveira para compreender o que acontecia e ali estava outro Exu que se denominou apenas Caveira.

— Imagine, Sultão, que essa senhora está desencarnada há mais de 200 anos e não quer se afastar, com medo de que a família venha buscá-la e não a encontre.

— Mas é muito tempo.

— Não existe tempo...

— Verdade, havia me esquecido. E como ela vive aqui?

— Com as mesmas necessidades de quando estava encarnada, diz que está passando privações, que precisa utilizar os banheiros públicos e outras coisas que nem dá para acreditar. Claro que conversamos com ela para que vá para um lugar onde possa ser ajudada, mas ela está irredutível.

Fui até a mulher e, calmamente, me sentei ao lado dela.

— Como se chama, senhora?

— Elizabeth — disse sorridente

— Nome bonito, Elizabeth. E por que não quer sair deste cemitério e acompanhar essas pessoas que querem te ajudar?

— Meu filho, se eu sair daqui minha família não me achará mais, então, vou me arranjando.

— A senhora sabia que eu e todos esses homens estamos mortos? E que está sentada em cima do seu túmulo? Olha seu nome escrito aí, com data de nascimento e morte.

— Bem, filho, não sei ler o que está escrito aí. Mas embora esteja morando num cemitério, não significa que estou morta.

— Engraçado! A senhora sabia que até há pouco tempo também não acreditava nisso?

— E agora acredita?

— Sim, acredito, pois existem coisas que posso fazer que jamais faria. Por exemplo: ficar com a cabeça dentro d'água sem me afogar, tocar o fogo e não me queimar, não comer, não fazer necessidades fisiológicas... Para isso, porém, eu preciso acreditar que

posso.

A mulher escutava atentamente.

— Por que não tenta? Por exemplo: onde a senhora come?

— Tem uns mendigos que vivem do outro lado do cemitério que cozinham sempre a comida deles numa fogueira. Como bebem demais, aproveito enquanto estão dormindo e como a comida que sobra.

— Vamos até lá, quero te mostrar uma coisa.

Seguidos por Caveira e alguns outros espíritos que trabalhavam ali, fomos até o outro lado do cemitério onde os homens ficavam. No local estava apenas um deles mexendo algo com uma colher dentro de uma panela velha em cima de um fogão improvisado. A mulher relutou em chegar perto, com medo de ser vista e, com isso, eu a acalmei.

— Fique tranquila! Pode se aproximar que não se e r e m o s vistos por ele. Confie em

mim.

Passamos na frente do homem, que continuava a mexera panela sem se assustar com nossa presença.

— Está vendo? Ele não nos viu.

— Não pode ver nada mesmo, está completamente bêbado — resmungou baixinho a incrédula mulher.

Não satisfeito, cheguei perto da fogueira e pedi que colocasse sua mão. Ela se recusou terminantemente, pois iria se queimar. Então, com um toque em sua cabeça, fui acalmando sua mente e pedi que acreditasse que não se queimaria. Coloquei a mão dela no fogo. Ela ficou ali, olhando sua mão toda envolvida nas chamas, sem se queimar ou mesmo sentir dor.

— Elizabeth, a senhora apenas acredita que come, sua mente faz isso. Também não se queima porque esse fogo não tem o poder de queimar o tipo de corpo que tem agora. Olha a distância que caminha da pedra em que fica



sentada até aqui perto dos mendigos. É longe e difícil para chegar por causa das pedras, então, raciocine comigo: se estivesse em corpo físico, ele estaria velho demais para caminhar tanto, porque a senhora é muito idosa, tem quase 100 anos. Fiz os cálculos entre sua data de nascimento e morte, que constava na lápide.

A mulher começou a pensar com aqueles fatos que explanei e as lágrimas desceram vertiginosamente de seus olhos.

— Quer dizer que morri há mais de 200 anos mesmo? Minha família também deve ter morrido. Onde estão agora?

— Não se preocupe com isso, tudo virá no momento certo. Agora peço que acompanhe essas duas senhoras. Elas fazem parte de uma equipe socorrista e estão aqui para levá-la para um Hospital para se restabelecer.

A mulher, com olhos marejados, me fitou.

— Para onde vão me levar?

— Primeiro para longe desse cemitério e, posteriormente, para se tratar.

Eu estava tão absorvido nos cuidados com aquela senhora que, num dado momento, levantei meus olhos e todos estavam atentos me observando. A mulher me deu sua mão e se levantou, me olhou agradecida, caminhou na direção das duas senhoras que a aguardavam e elas desapareceram. Foi uma salva de palmas que me surpreendeu. Caveira disse:

— Sultão, você fez algo que alguns aqui não conseguiram fazer. Não podiam usar a força para convencê-la, mas você teve um jeito muito especial para ajudar e, com essa voz aveludada, transmitiu a confiança que ela precisava para aceitar tratamento. Obrigado em nome de todos.

— Eu que agradeço — disse meio desconcertado.

Não sentia mais aquele orgulho em meu coração e pude ver quão gratificante era aquele

trabalho feito pelos Caveiras, bem como todos que estavam protegendo e amparando aqueles espíritos desorientados. Caveira riu e complementou:

— Até aqui, você viu um trabalho tranquilo, mas vou te mostrar outras coisas. Num piscar de olhos, estávamos em outro cemitério. Ali, as energias eram mais carregadas e alguns militares tomavam conta de alguns túmulos individualmente. Caveira penetrou dentro de um túmulo e retornou com um pequeno caixãozinho apodrecido.

— O que é isso?

— Um trabalho de magia feito para alguém. A pessoa que enterrou esse caixãozinho colocou pedaços de objetos da mulher que ela quer destruir para ficar com o homem dela.

Caveira abriu o caixãozinho que tinha um pedacinho de tecido, unhas e cabelos.

— Como isso destrói alguém?

— É algo bem primitivo, mas destrói,

sim, especialmente se ela não tiver defesas. Começa-se a sentir um mal-estar, vai atrás de médicos, que pedem exames laboratoriais que não detectam nenhuma doença. Mas a pessoa continua sofrendo, sentindo dores, e isso pode durar por muitos anos, até mesmo levando à morte.

— E o que vocês fazem para ajudar?

— Poderemos ser invocados por pessoas que tenham amor no coração, que estejam envolvidos em fazer o bem, que sintam o desejo de ajudar. Isso independe de qualquer lugar ou religião, as orações são sempre ouvidas e ali estaremos para desfazer esses males. Fazemos uma análise para ver o tamanho do estrago, então, passamos a cuidar dos corpos danificados e, posteriormente, vamos até o local onde foram depositados os elementos envolvidos nessa magia para inutilizar tudo. Mas enfatizo que o mal atinge quem está numa sintonia adequada para ele.

— Mas como a pessoa vai saber que foi

retirado?

— Pela melhora dela.

— A pessoa atingida pode desfazer uma coisa dessas?

— Depende! Como eu lhe disse, essas magias atingem pessoas incautas, que estão numa sintonia de baixa vibração. É uma como uma porta aberta. Claro que, se a pessoa com maior sensibilidade for atingida, terá a percepção para captar que algo diferente está acontecendo em sua vida e evidentemente tomará as devidas providências, fazendo as mudanças necessárias para se cuidar e fechar essa porta. Mas, pela minha experiência, geralmente quando a pessoa está passando por ataques ela se desespera, fica confusa e perdida. Algumas até tentam buscar proteção, se envolvendo em religiões onde se tornam pessoas extremamente fanáticas. Outras, buscam alguém que possa ajudá-la. Essas pessoas podem encontrar ajuda em alguém que trabalhe na misericórdia e na graça, o que

realmente vai ajudar. Mas também pode cair nas mãos de um esperto que desfará esse tipo de trabalho pedindo valores exorbitantes.

Eu tinha larga experiência de convivência com seres maus, capazes de vinganças absurdamente terríveis, mas ali, ouvindo o Caveira me explicar, mergulhei dentro de mim e naquele momento, me senti envergonhado. Tanto tempo no Submundo contribuindo para ajudar aqueles seres apenas com o objetivo de satisfazerem seus egos inflamados por uma passagem que tiveram na história e que queriam eternizar dando continuidade àquelas atrocidades que faziam com os Homens da Superfície.

Atento ao meu pensamento, Caveira continuou...

— Sultão, realmente esses que um dia foram Homens da Superfície querem eternizar seus mandatos e conseguem seus intentos, pois aqui encontram mentes dos encarnados que vivem para praticarem o mal, destruindo outros,

com ambição de obter o que o outro possui, inveja da felicidade alheia, sem contar com a destruição em massa da natureza. Nosso trabalho é grande e gratificante, pois quando conseguimos clarear as ideias de alguém para o quanto o procedimento dele é nocivo a si próprio, em primeiro lugar, temos a certeza de que a mudança é ampla, já que ele terá em mente que aquilo que não é apropriado para si, que é um ser do reino hominal, nem para o seu semelhante. E assim passará a respeitar a tudo e todos, não importa que seja na forma mineral, vegetal ou animal.

— Caveira, é muito mais fácil se praticar o mal que o bem.

— Porque todos nós nos nutrimos de sentimentos que facilitam isso. Quantas vezes sentimos vergonha de expressar nosso amor para com o outro? Não digo para com aqueles com os quais convivemos, porque isso é fácil, mas para com aqueles que não temos vínculo nenhum. Sua atitude no cemitério, Sultão,

mostrou isso, pois se compadeceu com o sofrimento daquela senhora que estava há tantos anos ali, apegada à vida que teve, enquanto seu corpo se decompunha e se misturava com a terra. Por algum tempo recebeu visita de seus parentes ao seu túmulo, que levavam flores e choravam. Imagine quantas vezes ela gritou que estava ali, mas ninguém a escutava, e o quanto seu espírito estava confuso. As visitas se escassearam com o tempo, pois os anos se passaram, mas ela permaneceu ali. Embora muitos tentassem ajudar, não tiveram sucesso pela teimosia dela e sua não aceitação. Até que veio você e conseguiu, com seu jeito de falar e de agir que são de sua característica. O que eu quero mostrar com isso? Que sua atitude foi misericordiosa para com alguém que você nem conhecia. E tem muitos na mesma situação. O espírito daquela senhora era neutro, só fazia mal para ela mesma por querer permanecer ali, sendo vigiada para protegê-la dos ataques.



Ela era uma presa fácil para ser transformada em escrava.

Eu estava muito interessado em saber mais, percebia também que assimilava aqueles ensinamentos mais profundamente e fui observando atentamente aquele local. Notei um túmulo bem animado, com vários espíritos cantando, comendo e bebendo. Caveira explicou.

— São Espíritos que, encarnados, eram boêmios, bêbados, envolvidos com prostitutas e que agora, desencarnados, continuam agir da mesma forma, frequentando bares e cabarés para sugarem essa energia dos frequentadores da mesma faixa mental deles. Depois, voltam cantando e dançando para cá, como se estivessem vivos.

— Mas sabem que estão mortos?

— Claro que sim, mas essa era a vida que os deixava felizes, então por que mudar?

— Ninguém fala com eles?

— Sim, já foram conversar, porém

troçam de todos. Para eles tudo é alegria. Um ou outro aceita ajuda, sai dali e resolve seguir seu caminho.

— Esses que vocês ajudam são destinados a reencarnar?

— Sim! Por isso, nas Escolas Iniciáticas somos preparados e passamos a compreender quem nós fomos.

— Eu me recordo que fui um Sultão. Isso está bem nítido em minha mente.

— Porque essa foi sua última encarnação, mas vejo que você teve muitas outras. Até me reportando a raças antigas, de civilizações que não existem mais aqui na Terra.

— Já me falaram isso, mas eu não me interessei em ir a fundo para saber.

— Seria interessante, Sultão. Tudo que fomos em encarnações anteriores constitui uma somatória do que somos agora. Podemos não nos recordar, mas trazemos sempre algo interessante das vidas que tivemos, assim

como também as pessoas que passaram por nossas vidas e que marcaram muito.

Meu pensamento foi até Ayesha e minha mãe, que foram mulheres que me marcaram profundamente. Uma para o bem e outra para o mal. Eu tinha tanto amor por elas, claro, de forma diferente, mas era um amor nutrido pela confiança, tanto por uma como pela outra. Ao longe, avistei alguns homens e mulheres trabalhando com algumas plantas nas mãos e nos aproximamos. Caveira os cumprimentou e me apresentou.

— Como vai, Pai Jacó, Pai João e Mãe Francisca? Esse é o Sultão.

— Estamos bem filhos e vocês?

Reconheci aquelas ervas que eles usavam e com as quais faziam uma espécie de limpeza naqueles espíritos, que se acalmavam e adormeciam. Depois, eram levados por uma equipe.

— Que ervas são essas? — questionei, dando um passo para trás.

— Arruda, guiné e alecrim. Juntos têm o efeito de uma bomba — respondeu Mãe Francisca aos risos.

— Essas ervas já me fizeram danos uma vez.

— Eu sei, foi na minha casa, eu sempre plantei ervas, cuidava das pessoas e melhorava a vida delas.

Eu olhei melhor para a mulher e confesso que não a reconheci. Mas me familiarizei com a história.

— Você tinha um rubi que te protegia e as ervas queimavam qualquer um que tentasse te atacar, mas você foi queimada na fogueira mesmo assim.

— Sim. Eu sabia que um dia iriam me acusar de bruxaria. Qualquer um que fosse me pedir ajuda, para diminuir a febre de uma criança, para um parto difícil ou um ventre inchado, lá estava eu para ajudar. E foram esses mesmos que eu tanto ajudei que me entregaram às autoridades para me queimar na

fogueira.

— Mas você tinha um amante, bêbado. Todos aqueles nomes que você xingou abriram buracos na sua casa e os espíritos conseguiram acessar.

— Eu me perdi por um amor, sim. Aliás, quando eu o expulsei, me atormentava dia e noite na porta de casa para voltar. Mas eu já estava cansada, triste e melancólica com a ingratidão daquela gente. Quando eu xinguei aquele homem, na verdade, eu estava jogando para fora de mim todo sentimento de revolta e raiva. Daí só foi questão de tempo para me condenarem. Mas você não precisa ter medo dessas ervas, elas não te fazem mal agora. Pode tocar.

— Não tenho medo — disse tocando as ervas.

— Agora você está no lado do bem e essas ervas não te queimam.

— Em algumas casas em que trabalhei, me lembro que queimavam ervas, mas nunca

tive interesse de saber o que era.

— Claro, estava mais interessado em outras coisas que eram oferecidas — falou Pai Jacó rindo.

— Bem, era o trabalho que me davam e confesso que era interessante.

— Pode se dizer que era interessante para você, para seu ego, mas pode afirmar que estava ajudando quem ia te procurar?

— Eu estava ali para atender o que vinham me pedir. — E Pai Jacó continuou.

— Não, meu filho, claro que não! Nunca devemos dar aquilo que se pede, mas aquilo que se necessita. É muito fácil a pessoa pagar para ouvir o que se quer, isso não é caridade, mas sim alimento para as cabeças fracas que acham que dinheiro e oferendas compram tudo. A caridade tem uma função que é de fazer o bem e o verdadeiro bem é deixar o ego passar fome.

— Como assim?

— Todos nós somos convidados a fazer

um trabalho de ajuda mútua. Nós não somos espíritos de pureza sem igual, pois também cometemos muitos erros e, através do que aprendemos com esses erros, temos uma bagagem para ajudar aqueles que nos procuram. À medida que as pessoas fazem as mudanças em suas vidas, elas também estão nos ajudando a mudar.

Complementando as palavras de Pai Jacó, Caveira falou:

— Nosso trabalho tem o mesmo sentido. Vai desde tirar um homem desencarnado do lamaçal do Submundo como um encarnado no lamaçal da Superfície e prestar todos os esclarecimentos. Cabe a ele aceitar ou não. Perceba que não há diferença. Lembra daquela demanda que desfiz? Foi solicitada num local em que se pratica a caridade e foi muito bem paga ao Zelador por uma mulher para destruir outra.

— Certo, mas se a pessoa foi lá e pagou, o que o Zelador do local e seu guia tem a ver

com isso?

Pai Jacó, então, prosseguiu.

— Meu filho, ninguém foge da Lei imutável de Deus, e não existem inocentes.

— Deus? E onde está Ele que não vê todos esses desmandos?

— Aqui, ali, acolá... — Pai Jacó falou aos risos.

— Vem comigo que vou mostrar onde está Deus.

E Pai Jacó se modificou, se tornando um homem bem-vestido de terno e gravata, deixando as características de negro e velho. Fui com ele e os demais continuaram em seu trabalho ali no cemitério.

Imediatamente, chegamos no portão de uma mansão com um jardim maravilhoso. Uma menina se recusava a voltar com a senhora que cuidava dela, dizendo que queria entrar na sua casa para ajudar seus pais.

Observei que entre a menina e o portão havia um abismo profundo que não permitia



que ela entrasse. Eu e Pai Jacó entramos na suntuosa casa. Tudo arrumado esmeradamente. Ao chegarmos no escritório, avistamos um homem adormecido profundamente, sentado com a cabeça na escrivaninha, com uma garrafa e um copo vazio ao lado.

Fomos até um quarto infantil todo cor de rosa e com lindos móveis. Na cômoda, pequenos quadros espalhados com fotografias de uma linda criança.

Compreendi, então, que era a mesma menina que estava no portão insistindo para entrar.

— Está vendo, meu filho, esse casal está completamente destruído pela morte da filha. Sabe, essa mulher nunca quis ter filhos para não estragar o corpo elegante. Deus, no entanto muito sábio, não considera essas coisas e mandou esse espírito para ela cuidar. Foi um parto muito difícil, tanto que ela quase morreu, mas o doutor disse que ela não mais

poderia engravidar, porque teve de retirar o útero devido uma incessante hemorragia pós-parto.

— Apesar de não querer ser mãe por causa da vaidade, a menina se tornou o grande amor da vida do casal. Os dois tudo fizeram por ela, que vivia como uma princesa. Era Deus no céu e a filha na Terra. Um perigo, não é, meu filho? Porque ninguém é dono de nada, muito menos daqueles que trazem nesse mundo para cuidar. Cada pai e cada mãe tem que amar esse espírito revestido de filho, mas sem o apego, pois cada um de nós pertence ao Pai Maior. O casal criava essa menina com toda pompa, dando para ela tudo o que queria e o que não queria também. Desde tenra idade, a menina era egoísta e teimosa, achando que o mundo era só dela e os demais eram subalternos prontos para servi-la. Seu aniversário de sete anos foi comemorado na fazenda de seu avô e, como presente pela data, ele lhe deu um lindo cavalo branco. Toda feliz,

ela pediu ao pai que a colocasse em cima do animal para que cavalgasse sozinha. Mas o pai não deixou, então, foi aquela choradeira. E não adiantava dizer que ela era pequena e que poderia cair e se machucar. Assim, com tanta insistência, o pai desatinado a colocou em cima do cavalo, mas ele andava devagarinho ao lado dela, segurando as rédeas, só para satisfazer a danadinha. Ela, porém, não se conformava e queria que o cavalo fosse rápido, assim como o avô fazia ao cavalgar. Então, ela começou a maltratar o animal, dando socos e puxando a crina dele. Claro que o pai pedia para ela parar, mas a menina continuava sem dar atenção ao pedido e, embora o cavalo fosse manso, era um animal que não conhecia sua dona direito. Então, ela tanto provocou aquele coitado que ele relinchou, empinou as duas patas dianteiras e derrubou a menina no chão. Foi tudo tão rápido que o pai mal teve tempo de segurar.

— Ela quebrou o pescoço e morreu

imediatamente. O desespero, culpa e as acusações tomaram lugar na vida desse casal, que nunca mais se olhou. Cada um ficou num cômodo da casa, se entregando ao desespero. Mas o espírito da menina foi cuidado e entendeu o motivo de ir embora daquela forma, no entanto, está intranquilo, quer se comunicar, juntar os pais de novo para que possam ajudar crianças com o dinheiro e a vida que possuem, como espécie de motivação para encontrarem a paz.

— Pai Jacó, aquele abismo que vi entre a menina e o portão foi causado pelo sofrimento que os pais estão vivendo, resultando esse afastamento entre eles e a filha?

— É sim, meu filho! Enquanto eles não se conscientizarem de que estão fazendo mal a si mesmos e ao espírito da filha, esse abismo se aprofundará cada vez mais. É o sentimento deles, pois acreditam que a separação é um abismo e criaram isso.

— E o que você pode fazer para ajudar?

— Se eles deixarem, podemos fazer muita coisa, caso contrário, nada.

Aproximei-me da mulher que chorava convulsivamente. O quarto estava intacto, do jeito que a menina deixara. Confesso que senti necessidade de ajudar aquele casal de alguma forma. Pai Jacó, captando meu desejo, logo falou.

— Faça o que tem de fazer, meu filho, não sinta receio. Ela precisa de ajuda, porque se um ao menos se levantar, terá forças para ajudar o caído.

Toquei os cabelos da mulher que, com a energia emanada, parou de chorar e se levantou. Sussurrei no ouvido dela que havia passado da hora para buscar ajuda. Ela se levantou, lavou o rosto, pegou sua bolsa e saiu. Ao passar pela filha, nem uma das duas se perceberam, tamanha era a distância que estavam uma da outra. Seguimos a mulher, que foi caminhando pelas ruas como se estivesse

procurando alguma coisa e, após alguns quarteirões, parou na frente de uma casa simples e entrou. Pai Jacó explicou que ali era uma Casa de Caridade, dirigida pelo senhor Ananias, um velhinho simpático e muito bom e que, além dos tratamentos espirituais que eram realizados, tinha um trabalho voltado aos cuidados de crianças abandonadas. Na calçada, vi alguns espíritos de homens e mulheres esmeradamente vestidos, os quais eram cumprimentados por Pai Jacó e respondiam com muito respeito. Estavam ali para proteger a casa. Na porta, estava um índio que limpava a todos que chegavam com uma pequena tigela de ervas cheirosas. Entramos... Lá dentro, muitas pessoas sentadas estavam aguardando a vez de serem atendidas.

Na frente havia uma mesa com um vaso com rosas, uma jarra cheia de água e muitos copos. Alguns médiuns se posicionaram e se sentaram. Era o momento da leitura de um pequeno livro. Alguns comentavam e logo

começariam os trabalhos de comunicação com os espíritos. Pai Jacó mudou suas vestes para um terno esmerado e se mostrou à uma médium vidente que começou a falar.

Estou vendo um homem bem afeiçoado que quer conversar um assunto muito importante.

O velhinho Ananias iniciou o diálogo com ele, tendo como intermediária a médium vidente.

— Fale o que o senhor deseja.

— Tem uma senhora aqui que necessita muito de ajuda para se recuperar de uma perda muito dolorosa.

A mulher na assistência arregalou os olhos e percebeu que era com ela. Se levantou para sair, ao que a médium continuou.

— Senhora, o doutor pediu que continue a escutar o que ele tem a dizer, a pedido de sua filha, que vive em espírito.

A mulher parou e perguntou, emocionada.

— Ela é um anjo?

— É um espírito e pede que a senhora aceite sua partida, se recomponha e siga sua vida para que ela possa ter paz e continuar a trajetória dela também.

— Você diz que ela está sofrendo?

— Sofre demais em ver os pais nessa situação, sem se falar, sem fortalecer um ao outro diante da morte dela.

— Ela era pequena, meu marido não podia tê-la colocado em cima daquele cavalo grande. Caso contrário, ela estaria aqui.

— O doutor disse que se não fosse isso, seria outra coisa. Ela veio para ficar por um tempo, teve tudo o que poucas crianças possuem. Agora, vocês precisam se conformar, se perdoar e utilizar o tempo de vocês para ajudar quem precisa.

A mulher, ainda incrédula com tudo aquilo, fez menção de ir embora. E eu, assistindo a tudo, fiquei muito bravo e ia me pronunciar quando Pai Jacó pediu que



apenas observasse. Foi então que vi a menina com a sua acompanhante se aproximar de Pai Jacó, que pediu que ela se mostrasse à médium vidente.

— Vejo agora uma menina, cabelos loiros, olhos azuis, muito bonita ao lado do doutor.

A mulher começou a chorar.

— É minha filha, ela era desse jeitinho. Está aqui? Ai, meu Deus, que saudades dela.

— Ela diz que precisa que você destrua o abismo que há entre vocês. Um abismo criado por sofrimentos e lágrimas. Pede que seu quarto seja desfeito e que tudo seja doado, pois não necessita de nada daquilo.

— Eu não consigo! É como se ela estivesse ali, entende?

— Ela disse que não consegue chegar perto de você, nem do pai, pois o abismo não deixa. Pede para a senhora se desfazer de tudo.

A mulher chorou convulsivamente e prometeu que faria o que ela pediu, agradeceu

e foi embora. Ficamos ali na mansão para apreciar o desenrolar de tudo aquilo. Devagarinho, a mulher foi se reaproximando do marido e, numa tarde, pediu que a acompanhasse para ajudar no desmonte do quarto que pertencia à menina. E assim aconteceu! Juntos foram ao Centro do velho Ananias e foram se recompondo. Ele quase não bebia, estava envolvido com outras atividades que o ajudaram a minimizar o vício. Descobriram outras coisas mais importantes em suas vidas, que era ajudar aquelas crianças a terem uma qualidade de vida melhor. Quando saímos de lá, Pai Jacó fez questão de verificar a entrada.

— Está vendo, meu filho, não existe mais o abismo feito pelo sofrimento. Agora as coisas vão fluir e, à medida que eles forem progredindo no aprendizado, certamente passarão a emitir energias de amor para a filha e receber dela também. Nossa tarefa está terminada, o resto é com eles.

Fomos para um pequeno Terreiro onde Pai Jacó estava sendo solicitado para trabalhar naquela noite. Do lado de fora, um homem e uma mulher tomavam conta da entrada e nos cumprimentaram sorrindo. Quando adentramos, vários espíritos cuidavam das pessoas que visitavam o local, dando passe e limpeza com ervas. Na frente de um pequeno altar, estava um senhor sentado no banquinho e sua jovem filha que o assessorava. Pai Jacó se aproximou dele e, imediatamente, se transformou num espírito de um velho negro e arqueado, com palavreado simples, mas de grande sabedoria. Eu conhecia aquele processo mediúnico de incorporação, mas nunca me interessei em saber o que se dizia naquele tipo de atendimento. Logo, se aproximou dele uma senhora, pediu a bênção e começou a conversar.

— Boa noite, Pai Jacó! Sua bênção!

— Deus abençoe, minha filha. Em que posso ajudar?

— Pai Jacó, vim agradecer ao senhor, porque lá em casa as coisas estão melhorando. Meu marido parou de beber e está indo atrás de emprego. Estou mais calma e mais paciente com ele. Ao invés de blasfemar, procuro orar por minha família.

— Minha filha querida, que coisa boa você está me contando. Mas não precisa me agradecer, eu não fiz nada, quem fez foi você mesma, melhorando sua cabeça e seus procedimentos, atraindo as coisas boas para sua vida.

— Mas faço questão de agradecer, sim.

— Agradecido, minha filha, e que você continue nas bênçãos do Pai Maior.

A mulher saiu humildemente. Outra pessoa chegou. Era um jovem e, junto dele, estavam dois espíritos que o obsediavam e o intuíaam a roubar. Fiz menção de me aproximar, mas Pai Jacó, com um gesto, me conteve.

— Boa noite, seu Preto Velho!

— Deus abençoe, meu filho. Em que esse nego pode te servir?

— Vou fazer um trabalho muito importante e vim buscar sua bênção para que tudo dê certo.

— E esses dois aí, também estão precisando de benção?

— Esses dois quem, seu Preto Velho?

— Esses amigos seus que estão do seu lado.

O moço olhou assustado ao seu redor e nada viu.

— Não importa, meu filho, mas antes de fazer o benzimento, vou pedir para um amigo me ajudar, levando esses dois para que não nos atrapalhe.

— Obrigado, seu Preto Velho.

Mentalmente fui chamado e, ao me aproximar, Pai Jacó pediu que eu levasse aqueles dois espíritos para um canto da sala e ficasse com eles até acabar o atendimento. E assim fiz, mas percebi que cada um estava com

uma espécie de pulseira que emanava raios azulados e isso os mantinha como que anestesiados. Enquanto isso, Pai Jacó continuava sua conversa com o rapaz, benzendo com suas ervas.

— Pronto, meu filho, está abençoado agora e Deus vai te acompanhar no trabalho que vai fazer, porque ele gosta de saber o que os filhos dele fazem para verificar se não estão fazendo nada que esteja prejudicando alguém.

O moço olhou assustado para o Preto Velho e baixou os olhos, numa reação de vergonha.

— Pode ir agora, meu filho, já estou vendo uma luz te acompanhando para tudo que vai fazer quando sair daqui.

Num dado momento, o rapaz começou a chorar convulsivamente.

— Preto Velho, me desculpe, eu roubo para sobreviver. Estou num lance muito importante e vim pedir sua benção para que dê certo, pois quero me aposentar dessa vida.

— Meu filho, não estou aqui para te julgar, aliás, nem tenho competência para isso. Mas, pedi a Nosso Senhor Jesus Cristo que ilumine seus caminhos, porque Jesus é o filho de Deus, que sofreu suas humilhações, foi tentado a fazer coisas erradas, mas venceu seus limites e se saiu vencedor. E ninguém melhor que ele para te compreender nesse momento. Que você consiga tudo aquilo que precisa para as realizações dos seus desejos, então, você está abençoado como filho de Deus que é, na certeza que Ele acode aqueles que estão na comunhão dele.

— Mas como vou fazer a vontade de Deus se roubar é pecado?

— O que é pecado, meu filho?

— Pecado é tirar os pertences daqueles que trabalharam para conseguir.

— Então, se você tem essa consciência, por que vai fazer?

— Quero mais dinheiro.

— Mas é um dinheiro fácil, que vai

embora fácil, pois é sem o esforço de suas mãos.

— Eu não gosto de trabalhar! Muito esforço e pouco ganho.

— Está certo, meu filho, você tem todo o direito de escolher seu caminho e nós não temos o direito de mudar essa caminhada. Isso cabe somente a você.

— Então, eu agradeço sua bênção, Preto Velho.

— A minha não, meu filho, e sim a de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O moço lhe beijou as mãos e saiu respeitosamente. Eu me aproximei com olhos indagadores. Mas, mentalmente, Pai Jacó se antecipou com tranquilidade.

— Nem precisa falar, Sultão, não concordou com o que ouviu.

— Mas o moço foi abençoado para roubar...

— Foi abençoado por ser um filho de Deus que necessita clarear a mente para fazer



as coisas da melhor maneira possível.

— Certo, mas ele vai sair daqui e roubar.

— Primeiro, esses dois espíritos obsessores que já estão com as pulseiras de contenção que os guardiões lá fora colocaram neles, serão encaminhados para receberem ajuda, portanto, não voltarão a atormentar o rapaz. Segundo, depois desse tratamento que ele recebeu, pensará muito antes de se envolver em roubos.

— Mas certamente continuará sendo ladrão.

— Joguei uma semente, certamente uma plantinha nascerá! Agora, depende somente dele permitir que Deus, através de Nosso Senhor Jesus Cristo, regue essa planta para que dê frutos sadios.

— Vejo que poucos tiram proveito do trabalho dos Seres da Luz, enquanto milhões de pessoas são destruídas pelo Império Negro e seus asseclas — falei revoltado.

Pai Jacó sorriu e respondeu:

— É inferior o número dos que realmente querem mudança interior em suas vidas, pois uma mudança requer muito trabalho, meu filho. Eu comparo essa mudança a uma pedra bruta, que necessita de ampla lapidação para se transformar num diamante perfeito e raro. Essa lapidação pode demorar muitas encarnações, mas a encarnação é o instrumento perfeito para que o espírito vá se lapidando e atinja a perfeição.

Fiquei ali até o término dos trabalhos e todos foram ajudados, mesmo com pedidos contrários àquela finalidade pela qual a Casa de Caridade trabalhava. Mas a calma com que Pai Jacó transmitia os ensinamentos, ao contrário de antes, não me irritava. Para todos os meus questionamentos, ele tinha uma resposta pronta e direta. Percebi também que não havia movimentação de dinheiro e lá, em meio à uma energia leve e tranquila, exalava o cheiro das ervas que estavam naquela sala.

Saímos dali e, antes de nos despedirmos, ele me deu um abraço e disse:

- Sultão, você pode perceber que é um trabalho lento, gradativo, que para executarmos temos de ter muito amor, respeito e compreensão para entender as pessoas, porque cada um tem seu modo de pensar, trazem crenças arraigadas dentro de si, que abraçam como sendo sua verdade e se recusam a mudar. Buscam nossa ajuda, ouvem nossos conselhos, colocam em prática e, quando melhoram, voltam a fazer o que faziam antes. Muitos nunca retornam, mas outros se tornam constantes pedintes que não fazem nada antes de ouvir nossos aconselhamentos. Outros acham que são nossos chefes e que temos a obrigação de resolver as encrencas que arrumam, por persistirem em fazer as coisas indevidas. Tem os intolerantes, os mentirosos, os encrenqueiros, mas tem sempre alguém que deseja melhorar, clarear seus pensamentos, estudar para se conhecer e tirar de dentro de si

resquícios que os diversos ensinamentos trouxeram para eles no decorrer da vida. Temos a obrigação de orientar para que cada um pense por si próprio. Jamais devemos nos deixar endeusar por quem quer que seja, porque se estamos aqui é somente com a permissão do Pai Maior e para entender Cristo. É isso, amar a Deus, amar o próximo e amar a si. São amores mútuos que se completam entre si, nos transformando em pessoas melhores. Amar a Deus é respeitar e não destruir a sua obra de criação como um todo, que são os seres humanos, a natureza, as plantas, os rios, a terra e os animais. Amar o próximo é não julgar o que ele é e o que faz, mas compreender e aceitar que cada um tem uma fase evolutiva e está em constante aprendizado. Amar a si mesmo é se respeitar, policiar seus pensamentos e sentimentos nocivos para não produzir as terríveis doenças dentro de si, que são as doenças da alma. Todos nós, em todas as encarnações, tivemos

sofrimentos e paixões e o importante é resolvermos as pendências que ficaram, entender por que precisamos dessas experiências e prosseguirmos nossa caminhada. É isso que você precisa fazer agora. Mas se precisar de mim, me chame.

Terminamos nossa conversa ali. Eu estava mais tranquilo! Aquela estadia ao lado dos Caveiras e dos Pretos Velhos me fez refletir sobre minhas atitudes até aquele momento. Não dava para fazer um trabalho de desenvolvimento mental na Luz com milhares de pessoas ao mesmo tempo. Então, seria um trabalho individual e lento, com a ajuda de cada um que se prestasse a oferecer essa contribuição se juntando aos Seres da Luz em comunhão com o Cristo, conforme Pai Jacó explicou. E eu me senti impelido a fazer parte dessa equipe, contribuir de alguma forma, embora não soubesse bem por onde começar.

## Reencontros

O sol raiava no horizonte e eu, ainda envolto em meus pensamentos, fui até a janela. Senti um leve aquecimento no rosto, era bonito de se ver! Olhei para o jardim florido e bem à frente estavam as flores brancas perfumadas. Levei um susto ao ver Ayesha brincando com as flores, cheirando cada uma e dançando alegremente, como sempre fazia no jardim de nosso aposento. Não pensei em mais nada, corri desesperado até onde ela estava. Meu coração batia com tanta emoção, porém, qual não foi minha surpresa quando cheguei perto e me deparei com Ana. Então, me recordei das palavras dela em uma de nossas conversas, dizendo que Ayesha estaria bem mais perto do que eu imaginava, com as mesmas características da sua última encarnação.

— Ana, por um momento vi Ayesha e não você. Isso significa que um dia você foi

ela?

— Sultão, se me reconheceu é porque seu coração está pleno para aceitar.

— Eu devia ter imaginado, pois você esteve todo esse tempo ao meu lado e cuidando de mim.

— Agora está me vendo com os olhos do espírito, com sua sensibilidade.

— Eu não via a hora de reencontrá-la para pedir perdão por ter deixado você sozinha nas mãos daquelas pessoas que te odiavam. Queria falar que minha vida acabou quando você se foi e tantas coisas horríveis eu fiz por não me conformar com sua morte.

— Calma, Sultão, tudo é passado! Agora que me reencontrou, já passou tudo isso e foi preciso que fosse assim. Meu tempo ao seu lado era só aquele, o suficiente para te transformar num homem melhor.

— Como homem melhor? Eu matei minhas esposas, caí no Submundo!

— Houve uma grande transformação

sim, Sultão, talvez você não consiga enxergar isso agora, mas entenderá, tenho certeza.

— Foram apenas três anos, porém inesquecível e importante para mim, por isso me revoltei tanto.

— Nós dois tivemos nossas experiências e vivemos intensamente esse tempo que nos foi permitido, mas cada um seguiu seu caminho. Quando estamos encarnados valorizamos demais a nossa vida, nossos relacionamentos, nossas famílias, mas aqui em espírito, toda aquela vida de ilusão se torna sem importância. Temos tantas maravilhas para conhecer ainda e reviver mentalmente o que passamos na Superfície é inútil. Eu estou muito feliz por nos reencontrarmos.

Ana tinha razão quando me falou que no momento certo eu reencontraria Ayesha. Agora compreendia que era o mesmo espírito envolto na representação do corpo de sua última encarnação e não na forma da jovem que um dia entrou em meu mundo totalmente



envolto no egoísmo, de busca desenfreada por conquistas e riquezas, me fazendo valorizar as pequenas coisas que antes eu nunca me preocupava em observar. No íntimo, senti uma leveza, uma sensação de liberdade.

— Quero te agradecer por ter me mostrado a felicidade na simplicidade.

— Eu também quero te agradecer. Foi muito bom te rever e cuidar de você. Nossos espíritos se reencontrarão em outras oportunidades, tenho certeza disso. Agora posso retornar à Superfície em uma nova roupagem.

Naquele reencontro, percebi que daquela vida que tive com Ayesha, restava o amor, e que este seria eterno! Então, nos abraçamos. E como foi longo esse abraço! Havia emoção em tudo que recordamos, sim, mas uma emoção diferente, sem apego, sem dor, sabendo que cada um ainda tinha muito o que fazer onde quer que estivéssemos.

Ela me disse que encarnaria em um país

da América do Sul e não entrou em detalhes, porém sabia que era preciso que fosse assim. A missão de Ana que fora estabelecida para comigo havia sido cumprida, então não questioneei nada a respeito, apenas aceitei sem dor e sem rebeldia.

Tornei-me grande estudioso nas Escolas Iniciáticas e passei a compreender melhor muitas coisas que, a princípio, não concordava. As aulas me fortaleciam e ampliavam minha mente para recordar muitas vidas que tive no passado. Eu me vi em vários encarnes e desencarnes, pois sempre me identificava em algum detalhe de minha vida anterior. Não foi a primeira vez que havia ido ao Submundo. Resgatado várias vezes, cometia erros repetidos como se nunca tivesse aprendido nada. E, por fim, ali eu estava, talvez em uma de minhas mais longas vivências como espírito no astral.

Junto aos Guardiões eu fazia um trabalho altamente compensador, que era

resgatar aqueles espectros sofredores e escravizados. Todos eram colocados numa espécie de rede que os adormecia e então eram levados para o Hospital. Ali, eles passavam por uma triagem e eram encaminhados para os tratamentos que necessitavam. Mas, constantemente, os espíritos que dominavam ali, comandando e escravizando, fugiam quando chegávamos e não caíam nas redes. Porém, com o poder de nossas mentes imbuídas em melhorar todo o aspecto daquele lugar, destruíamos tudo ali e plasmávamos frondosas árvores verdejantes, flores multicores, borboletas, animais silvestres e toda a energia daquele lugar era modificada de energia escura para uma energia límpida e clara. Isso causava repulsa a qualquer espírito acostumado com a escuridão, sujeira e fedor.

Eu agora estava mais observador e num desses trabalhos ao lado de Maioral verifiquei algo familiar. Depois dos resgastes e

reflorestamento de mais um local antes dominado pelos Seres do Mal, Maioral levantou seu braço direito, agora sem utilizar espada, e deu seu brado de vitória. Na hora me veio Hashir na memória e não me contive.

— Maioral, você é Hashir!

Ele e todos os outros me olharam, com expressões de alegria.

— Sim! Fui seu filho Hashir!

Semelhante ao reencontro que tive com Ayesha, nos abraçamos e choramos. Todos ali sabiam a verdade, mas nunca sequer comentaram, pois meu ensinamento era a compreensão. Nos abraçamos e me lembrei de tudo que Hashir representou em minha vida e que agora, como Maioral, também representava.

— Como demorei para entender.

— Tudo tem seu tempo! Você precisava se preparar para esse momento. Eu não via a hora de te resgatarmos do Submundo e trazê-lo para o Hospital para que eu e Ana

pudéssemos cuidar de você. Tinha certeza de que era só questão de tempo para sua mudança.

— Dei muito trabalho — disse rindo.

— Um pouco, mas valeu a pena, pois você jamais perdeu a essência que tinha quando foi meu pai.

— Eu estou muito feliz em saber que tivemos uma vida juntos, Maioral, porque eu te estimo muito e sou muito grato pelo que fez por mim.

— O laço carnal de pai e filho pode não continuar, mas o amor sobrevive em nossas mentes como um sentimento nobre, felizmente. Te amo, Sultão, do jeito que você é!

Eu reencontrei a mulher que amei e meu filho! E embora faltasse reencontrar outros a quem pelo menos eu devia desculpas, foi me dito que tudo viria no momento certo. Com relação a Maioral, ele recebeu com honras um posto maior, mas em outra Esfera, onde eu,

naquele momento, não estava apto a visitá-lo. No entanto, da mesma forma como foi a despedida de Ayesha, foi com Maioral, sem dor e sem apego.

## **Dominantes e Dominados**

A minha opinião a respeito dos Homens da Superfície ainda continua a mesma. Que há diferença de cor, raça e classe social, mas dentro dessas diferenças também existem os Dominantes e Dominados.

O acesso aos Dominantes é mais complexo, porque cada um traz aquilo que acha ser a verdade, que encontrando ouvintes Dominados constroem uma realidade ilusória que, nas Escolas Iniciáticas aprendi como sendo as Egrégoras - forças vivas criadas pelo poder mental que permeiam os meios existentes na Superfície.

Constroem-se verdadeiros poderios, de forma que os Homens acreditam ser real e conseguem milhões de seguidores, envoltos em verdadeiras muralhas mentais que não permitem aos Dominados pensar por si mesmo. De certa forma, torna conveniente

terem alguém que já pensa e resolve tudo, sem o mínimo esforço, o que impede de raciocinarem à luz de sua própria intuição, vislumbrando a visão dentro de si, trazendo para o externo o poder divino que cada um possui e o capacita a se conhecer.

Sim! Existe a dualidade do bem e do mal em tudo, porém não consigo acessar, dentro das experiências que tive tanto nas minhas encarnações na Superfície, como através do meu envolvimento no Submundo, uma porcentagem maior de positividade. Basta uma análise superficial das ocorrências no âmbito político, científico, artístico e religioso. E parece que a Força Superior desligou as mentes, concedendo um jeito de pensar a cada um e, ao mesmo tempo, acorrentou a todos numa sequência de nascimentos e desencarnes na Superfície, vivências em mundos que o espírito necessita para se aprimorar. Que seja na Superfície ou em outros lugares, no entanto, esse espírito individualmente precisa se



esforçar para compreender o sentido de sua existência.

Quanto aos Exus, na Superfície existem muitas definições de quem são eles. Uns cultuam como divindade, outros apenas como espíritos trabalhadores, alguns como escravos, seres obscuros ou de classe inferior que trabalham na esquerda, classificando esse lado como negro.

Outras religiões vão mais além, ensinando que são seres demoníacos, do mal, que moram no inferno, em um local subterrâneo habitado pelos mortos para expiarem seus erros eternamente. Eu posso dizer que Exu é tudo isso mesmo, depende das forças que o manipulam, porque tanto no bem como no mal, Exu está presente.

Exu está em todos, no tudo e no nada. Defina cada um ao seu bel prazer ou na sua verdade, porque eu digo que verdade absoluta não existe. A Força Superior deu a cada indivíduo uma pequenina porcentagem, como

forma de preservar o Homem e, para esclarecimento, quando digo Homem, abranjo o sexo masculino e feminino. Assim, tendo essa mínima porcentagem de verdade, resta ainda uma esperança de que o próprio Homem comece a conhecer sua interioridade e entender que ele também é o todo, o tudo e o nada.

O que posso dizer é que sou um espírito que continuo trabalhando. Hoje com uma patente de general, com uma grande equipe sob a minha responsabilidade e usando as oportunidades para ajudar na Superfície, mas sempre deixando a cada um a responsabilidade de mudar, pois determinar mudanças não é a minha função. Gosto, porém, de orientar aqueles que me procuram sobre a necessidade de buscar o caminho dentro de si mesmos. Sendo assim, deixei de ser o Sultão e, por sugestão de meu irmão Caveira, sobre a minha voz aveludada que transmite confiança a quem ouve, me chamo agora,

Veludo.

## SOBRE A AUTORA

## Maria Donizete Pereira

Nasceu em Andirá no Estado do Paraná, em



05/12/1956. Desde  
criança, gosta de  
assuntos  
espirituais, mas  
somente na fase  
adulta obteve  
respostas sobre  
alguns fenômenos  
mediúnicos que  
ocorriam com ela.

Nunca teve incentivo dos familiares, que eram católicos. Sendo assim, Maria passou por vários seguimentos religiosos como Testemunhas de Jeová, GFB- Grande Fraternidade Branca e o Kardecismo, onde ela deu aulas sobre a doutrina e a Teosofia. Estudou a Teologia Bíblica, mas foi na Umbanda que ela se encontrou e se tornou médium. Como Mãe de Santo, é presidente fundadora do Templo Espiritual Luz do Amor Divino, onde faz os atendimentos ao

público e dirige o Grupo de Estudos Espirituais Luz do Amor Divino, tanto presencial como à distância. Sempre gostou de escrever, mas somente agora, após sua aposentadoria, é que resolveu se dedicar mais a seu lado de escritora. O livro De Sultão a Exu é o seu primeiro livro e relata a história de Exu Veludo, por inspiração dele mesmo. Exu Veludo é um dos guias com o qual a médium trabalha já há alguns anos.